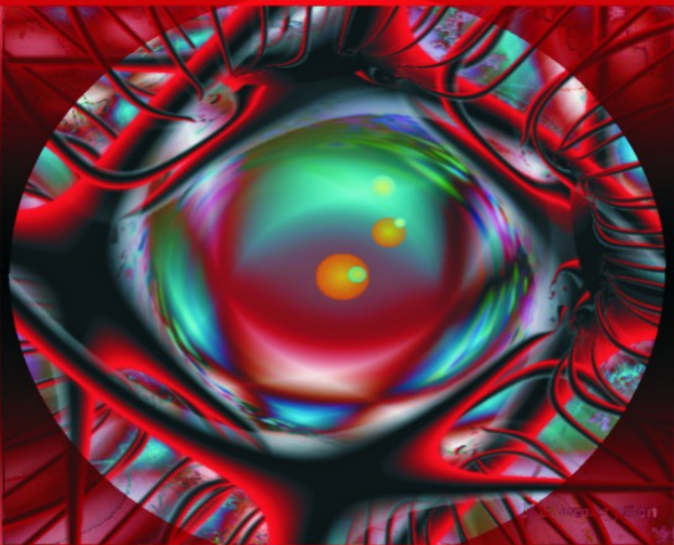


EVOLUÇÃO

O FUTURO



Marco Santini

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Evolução o Futuro

EVOLUÇÃO: O FUTURO

Por Marco Santini

Tradução para o português: **Lucas Geremias**
Revisão Técnica: **Vanderlei Martinianos**
Sessão "Saiba mais": **Nikola Danaylov**
Projeto Gráfico: **Lilia Morales y Mori**

"Evolução: O Futuro"

Uma edição do "**Projeto Alpha Centauri**" dedicado aos amantes de aventuras

Revisão 1 de Fevereiro de 2014
Publicado por Marco Santini em Smashwords
Copyright 2007-2014 Marco Santini

Notas de licença, Smashwords Edition

Licença Padrão Copyright – Todos os direitos reservados
Disponível em Inglês, Espanhol, Francês, Italiano e Português (Brasil)

Marco Santini

<http://www.smashwords.com/profile/view/AlphaCentauriProject/>
<http://www.singularityweblog.com/marco-santini-on-singularity-1-on-1/>
<mailto:books.msantini@gmail.com>

Lucas Geremias

lucasgeremias@iCloud.com
www.lucasgeremias.com

Vanderlei Gomes Martinianos

<http://www.facebook.com/groups/humanity.brazil>
<http://www.about.me/matinianos>
<mailto:martinianos@gmail.com>

Nikola Danaylov

<http://www.singularityweblog.com/>

Lilia Morales y Mori

<http://fractaldelaspalabras.blogspot.mx/>
<http://sincroniaenlared.blogspot.mx/>
<http://modulo16.wordpress.com/>
<http://elespejocautivo.blogspot.mx/>
<http://universofractal.blogspot.mx/>
<http://nowtowardthefuture.blogspot.mx/>
<http://poesiafracesptiempo.blogspot.mx/>
<http://raborauniverso.blogspot.mx/>
<mailto:li@scientist.com>

PREFÁCIO

A capacidade de abstração de Marco Santini é notável. A temática da **Teoria da Singularidade Tecnológica** apreçoada por Ray Kurzweil permeia todos os seus escritos. Sua novela de ficção lhe transporta ao futuro com realismo, paixão e elegância. O autor lhe conduz através do binômio tempo x espaço, a uma leitura prazerosa e instigante em um mundo totalmente alterado. No desenrolar desta trama de ficção futurista, você é levado a vivenciar as possibilidades infinitas que lhe reservariam um futuro com máquinas mais inteligentes que os homens. A ficção científica é mesmo um terreno fértil para transformarmos sonhos em realidade.

Não há dúvidas que a tecnologia objetiva organizar o mundo, tirá-lo a cada dia do caos inerente. Transformando então dados em informações e dando a estas um novo sentido. Criando novos paradigmas. Desde que o homem se libertou do misticismo do seu passado, ele adentrou em uma caminhada à passos acelerados, rumo à transformação de seu futuro. Criando e implantando tecnologias, que podem ser vistas em todos as partes ao longo desta via. Esta via por sinal, aplaina o terreno para o estabelecimento da ciência, gerando um desenvolvimento cuja evolução parece não ter um fim em si.

A cada dia se assiste à aceleração tecnológica, impulsionada pela Lei de Moore, a conceder uma clara noção da dimensão desta velocidade. A Singularidade pode estar mais perto do que se possa imaginar. Homens se fundindo com máquinas, inteligências mais ousadas que a humana e corpos alterados. Uma nova sociedade, uma nova ética. O conhecimento humano é um caminho sem retorno.

As novas tecnologias e o poder de processamento dos computadores modernos, abrem um mundo de possibilidades antes impensáveis. O homem do futuro não somente cria esta tecnologia, como também satisfaz as condições que permitem que a mesma se torne, conceitualmente, mais inteligente e poderosa do que o próprio homem que a criou. E neste ciclo quase infinito, este homem busca desenfreado a sua superação; aglutinando-se à máquinas e tornando-se mais que humano: um super humano. Ele se utiliza de práticas tecnológicas avançadas para alcançar a longevidade em primeira instância e não em último, a imortalidade da sua própria existência.

A colonização e a conquista do espaço sideral pelo homem nesta novela, lhe outorgou o senso de poder que ele sempre almejou desde os primórdios da civilização. O desejo de conquista é inerente a raça humana. Porém, segundo a trama aqui desenvolvida, no futuro, nossa civilização não está tão só neste universo e tem assim de lutar contra aquilo que foi a ambição de sua própria criação: a inteligência dada às máquinas.

Vanderlei Martinianos, MBA, MSc. (Mestrando 2012-2014) na Universidade Poitiers, França

Consultor em Tecnologia da Informação e Pesquisador Educação do Futuro.

<http://www.about.me/matinianos>

DEDICATÓRIA

Para os que exploram novos horizontes,
Porque o conhecimento não tem limites;
Para os que tentam novos métodos,
Porque os sonhos se tornam realidade;
Para os que perseguem a fraternidade,
Porque a paz não é uma quimera.

ÍNDICE

PRELÚDIO

PERSONAGENS

AO REDOR DO SISTEMA SOLAR

EMERGÊNCIA

REDE

TENTAÇÕES

UM LUGAR BADALADO

CONTATO

REVELAÇÃO

CONFIDÊNCIAS

IDEAIS

PRIMEIRA VEZ

SUSPEITAS

INFERNO

ILHAS MARAVILHOSAS

UMA ESTRANHA PESSOA

INVESTIGAÇÕES

ATERRISSAGEM

DESPEDIDA

SEDUÇÃO

APRESENTAÇÃO

O CARNAVAL DE VENEZA

ASSASSINATO

COMPLÔ

RITOS FUNERÁRIOS

ALIANÇA

INCURSAO

PESADELO

PARTIDA

EM AÇÃO

REBELTÃO

APOCALIPSE

ASSALTO

ENFIM SOZINHO

ESPERANDO POR VINGANÇA

QUARTEL GENERAL

UM SALTO PARA O PASSADO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

TODOS JUNTOS

PRÓXIMO DO CÉU

ÚLTIMA BATALHA

SOMBRAS

PARA SEMPRE

[BIG BANG](#)
[SAIBA MAIS](#)
[TEUS COMENTÁRIOS SÃO BEM-VINDOS](#)
[AGRADECIMENTOS](#)

PRELÚDIO

Segundo recentes estudos, o mundo logo será inundado por uma revolução tecnológica que será capaz de conduzir a humanidade rumo à uma era de progresso acelerado, que resultará na conquista da imortalidade, na criação de "mais-que-humana" Inteligência Artificial e a colonização do Universo pela evoluída nova espécie.

"Evolução: o futuro" converte os capítulos recheados de suspense e ação do "Projeto Alpha Centauri" em uma impressionante história ambientada num futuro próximo, quase irreconhecível, modificado por avançadas tecnologias. Caso goste de mergulhar e se aprofundar ainda mais neste maravilhoso cenário, disponha-se da leitura do "Projeto Alpha Centauri".

Século XXIII. Os seres humanos habitam a Terra e a Lua, últimos bastiões de seu glorioso passado. Marte e Rede são habitados por inteligências artificiais mais-que-humanas e pelas Almas, seres-virtuais obtidos através digitalização da psiqué após a morte. A realidade virtual permite a comunicação entre ambas as raças, de natureza tão distante; não obstante, suas diferenças e discordâncias são profundas, seus interesses incompatíveis.

Graças a digitalização, os seres humanos condenaram a maldição da morte real a um futuro indeterminado. Algo que não os permeou n'alguma coisa de felicidade. Sentindo-se pateticamente inferiores, mesmo com todo seu irrevogável avanço sobre a natureza da existência, os humanos invejavam os seres virtuais, ainda que sentissem por eles contrariamente inerente admiração. Por outro lado as criaturas digitais não suportavam terem sido relegados a um mundo relativamente pequeno comparado à grandeza de suas ambições. Suas experiências em Marte lhes permitiram desenvolver-se o necessário para desbravarem fronteiras extraterrestres e adquirir a confiança indispensável para levar adiante a colonização de outros mundos além deste.

O Projeto Alpha Centauri obtém todo o suporte dos seres humanos em troca da renúncia de toda e qualquer expansão sobre a esfera Terra por partes dos seres virtuais. Enquanto a tensão cresce e os ânimos se estressam, a Agência Máxima de Segurança Terrestre intercepta uma mensagem suspeita vinda da Agência Espacial. Terrorismo? Os olhos e atenções se voltam imediatamente para os Eleitos, uma misteriosa seita que adentrou a Rede cinquenta anos antes através de um suicídio coletivo e da digitalização de seus seres...

As protagonistas, Eva e Victoria, são Almas inseridas n'um cenário de importantes mudanças em seus vastos mundos; envolvendo-se cada vez mais com o povo digital, com quem finalmente alcançarão seu destino.

PERSONAGENS

Adão

Inteligência artificial. Membro dos Eleitos. Filho de Eva Dirac, Victoria e Martin

C573Y

Inteligência artificial. Oficial da Segurança

Eva Dirac

Alma. Membro dos Eleitos. Cientista

James

Humano. Companheiro de Victoria

Marcus Rand

Humano. General da Defesa

Martin Wing

Alma. Conselheiro dos Eleitos. Líder dos Direitos Civis

Nicole

Humana, amiga de Victoria

Nihil

Alma. Grão-Mestre dos Eleitos

Victoria

Alma. Companheira de James

As cenas na Rede se indicam com @

Wing

AO REDOR DO SISTEMA SOLAR

Eles queriam marcar o início daquele novo século com férias extraordinárias. Assim como nos anos anteriores, podiam escolher livremente dentre as numerosas opções da Rede. No entanto, desta vez eles decidiram por provar-se no mundo real.

Finalmente, depois de d'algo de indecisão, optaram pelos satélites de Júpiter.

Europa, o destino mais cobiçado dentro do turismo espacial; coberta de uma camada de gelo que de quando em quando era sulcada em profundas fraturas d'onde borbulham águas vulcânicas. Sob a superfície, imensas cavernas de gelo gigantescamente longas, e na profundidade, onde nenhuma luz permeava, um oceano habitado por fantásticas criaturas luminescentes. Tudo isso coroado de uma esplêndida vista do imponente planeta, rasgado de veias profundas e intermináveis tormentas que deslizavam pela extensão de seus céus. Divino.

Io, a ante sala do inferno. Corredeiras de lava, nuvens de cinzas que pesavam nos céus e lagos de enxofre borbulhante.

As maravilhosas minas de gás de Júpiter. Fábricas colossais agarradas à balões aerostáticos, que extraíam um isótopo de hélio da atmosfera, utilizado largamente como combustível nuclear.

Poucas semanas antes de sua partida, porém, como planos são sempre fadados à serem refeitos, surgiu um compromisso no trabalho.

Férias reduzidas. Três dias apenas. Decidiram-se pela escalada de um dos desfiladeiros de Marte; não um qualquer, e sim o mais profundo de todo o Sistema Solar. Euforia lhes bateu e mesmo à escassez do tempo, estudaram os preparativos em seus mínimos detalhes.

Em relação ao equipamento, elegeram o mais moderno modelo de andróides de escalada. Uma armadura de dois metros de altura, feita de um material ultra-leve, reforçada com nanotubos de carbono, que lhes serviria de corpo ao longo da estranha aventura. O sonho de todo alpinista. Para eles, trivial.

Em Marte - transportados por raios laser - já dentro de seus novos corpos, eles se encontravam alinhados contra à parede de uma habitação. Fazia frio, o único ruído do ressoar dos equipamentos. Eles dirigiram-se ao longo de um corredor deserto depois de trocarem entre si algumas piadas, seguindo as indicações no mapa diante de seu campo visual. Seus passos ressoavam contra as paredes de metal. De quando em quando os ecos distantes lhes faziam companhia.

Ao adentrarem uma garagem, aproximou-se pairando baixo um aparato de voo de forma ovoide. As portas deslizaram-se para um lado suave e silenciosamente. Eles subiram à bordo. Poltronas macias de cor cinza os aguardavam, envolvidas por braços similares à tubos flexíveis. O piloto automático lhes desejou uma agradável jornada.

A cabine do piloto se encheu de cores assim que eles alçaram voo, cintilantes e maravilhosas. A pressão da aceleração lhes pesou o tronco, oprimindo a caixa torácica do recém-possuído corpo. A nave saiu da garagem como uma flecha através de uma abertura redonda rumo ao deserto. Atrás de si ficou a mancha branca da base, mínima, que se dissipou rapidamente salpicando a areia vermelha como um diamante, caído do céu.

C573Y levantou seus olhos e a visão real lhe pareceu estranha; ele deixou a luz

Ihe inundar e viajar por si em uma estranha sensação de prazer. A visão era maravilhosa: Fobos, e uma das duas pequenas luas de Marte com sua protuberante e alongada forma que nunca deixou de lhe parecer assombrosa. Próximo dali, brilhavam três novas estrelas contra o pano do infinito: Niña, Pinta e Santa Maria, as espaçonaves do Projeto Alpha Centauri, esferas colossais de um quilômetro de diâmetro que orbitavam ao redor do planeta.

Pequenas luzes as coroavam como filhas da luz maior; nas estações de montagem do estaleiro espacial, - agora inativas depois de dez anos de intensa atividade, - cargueiros viajavam por sua superfície como formigas, comprometidos com a transferência do combustível nuclear extraído da atmosfera de Júpiter e Urano acumulado em seus enormes reservatórios.

O ovoide sobrevoou à baixa altitude o deserto, adentrando de quando em quando nuvens formadas de dióxido de carbono que arranhavam seu casco, e após uma hora rasgando seu caminho através da extensão desolada ele se deu abruptamente no Valle Marineris, uma profunda ferida na crosta de Marte. Em ambos os lados se observavam penhascos, escarpas pontiagudas e enseadas, malignas como os dentes vermelhos e alaranjados de uma besta de outro mundo - no fundo do Valle uma extensão interminável de rochas e areia os esperava, um mar escurecido de solidão.

A aeronave seguiu mais adiante reduzindo sua velocidade, na direção de um pequeno assentamento em construção onde canteiros repletos de equipamentos se atulhavam e robôs ocupados na montagem de módulos pré-fabricados trabalhavam incessantemente. Tocando de leve as dunas traçadas pelo árido vento, o ovoide seguiu adiante.

O transporte pousou levemente à apenas duzentos metros das paredes do desfiladeiro e as portas se abriram. Os passageiros afundaram suas botas na suave areia fina, tão fina quanto pó. O ar era gélido e rarefeito, opressivo. Ao longe podia-se ouvir um tornado rasgando ruidosamente a superfície ondulada das dunas. Eles miraram curiosamente a extensão da parede de pedra cuja demarcação se perdia no horizonte, as colunas de rocha que a coroavam lembravam-lhes garras que se cravavam no céu vermelho. Coberta de um sedimento farelento que representava um grave perigo inclusive para os alpinistas mais experientes.

C573Y retirou um acessório de sua mochila e olhou-o. Um simples gancho com rosca. Não poderia ser de outro modo: os grandes desafios exigiam, em virtude da falta de recursos; capacidades fora do comum. Como fizeram os titãs muitas vezes na antiguidade, ele sempre se lembrava.

Escalaram rapidamente como aranhas pela face da rocha. Diminutas figuras sobre uma folha cor de ocre. Com movimentos mecânicos, metro após metro, sempre com a mesma concentração. O olhar voltado para o céu, como a almejá-lo mais rapidamente..

Nenhum problema por quase um dia. Longínquo, quando tudo parecia ir bem demais, então se escutou um estrondo.

Um clamor excitado, os nervos se aqueceram e a ansiedade os castigou; ânimos tornaram-se frenéticos e intuitivamente alguém sugeriu um descanso, com inquietude palpável na voz. Se apressaram para dentro de um refúgio cavado rudemente na parede de pedra.

Arrastando consigo as imperfeições no caminho, vinha n'uma velocidade estonteante uma massa de rocha e detritos, devorando a parede n'uma escura nuvem de

poeira. Um fio de medo lhes cortou a espinha. Os alpinistas andróides – jóias tecnológicas do século XXIV – eram inúteis quanto àquela ameaça.

Permaneceram imóveis, apenas a observar a massa de poeira invadir violentamente seu refúgio, recobrando-os com uma grossa camada de pó.

A noite pareceu interminável.

Trocaram comentários entre si de voz tensa enquanto a escuridão se adensava em direção da manhã. Iluminados pela luz bruxuleante de uma tocha, suas silhuetas dançavam contra as escarpas, hipnotizando-lhes a atenção.

Por vezes escutava-se ao longe o estrondo de explosões.

(Trovões? Deslizamentos?)

Noite adentro.

Uma série de assobios e sussurros coroou a chegada da manhã. Uma triste e nostálgica cantiga. Ao longe, o lamento mudo de uma esposa desconsolada pelo companheiro, ausente n'uma jornada sem volta.

Os andróides arriscaram-se relutantes para fora do refúgio. A luz do Sol os iluminou. Rochas escarpadas de todos os tamanhos se atulhavam nos canais até onde se perdia a vista e poeira ainda pairava no escasso ar. O céu se via n'um impecável tom rosado, sem manchas. Uma melodia invadiu o ar.

- Vejam! - gritou C573Y, apontando quatro sombras a se aproximar, com traços delicados e o cabelo ao vento. Ele não os esperava ali.

Com uma centelha de pânico C573Y se virou na direção oposta. - Venham!

Uma vez mais no abismo, agarrando-se às cordas com as costas viradas para o vazio, eles se jogaram caminho acima contra a parede. Avançaram por sobre uma rocha de basalto sem ao menos olhar para trás.

- O canto das Damas! - exclamou C573Y. - Há muito tempo, na alvorada da colonização, uma expedição informou ter visto algumas figuras femininas próximas daqui...

Espiaram por sobre um penhasco. Em frente, contra o Sol, se destacavam no horizonte colunas de pedra coroadas por longos filamentos.

- São plantas que sobreviveram a dissecação do planeta há bilhões de anos. O som é causado pela passagem do vento através de suas rechaduras.

À noite, sentados no topo do desfiladeiro, na borda do precipício; com a intenção de admirar as luzes da pequena colônia que se encontrava muitos quilômetros mais abaixo eles, se encontraram prestes a celebrar a chegada do novo século.

C573Y emudeceu. Uma mensagem surgiu em seu campo visual:

REUNIÃO DE EMERGÊNCIA DO COMITÊ EXECUTIVO NA TERRA, REQUEREMOS
SUA PARTICIPAÇÃO EM DUAS HORAS.

Ele se voltou para os companheiros.

- Recebi uma convocação. Devo me ir.

Ele lançou um último olhar em direção à escuridão. Sobre aquela natureza extraterrestre que o manteve seduzido durante dois dias com paisagens e visões impressionantes, que não vacilaram em atormentá-lo e persegui-lo inclusive dentro de seu refúgio. Um desafio no qual ele mergulhou sem hesitar.

Um companheiro gentilmente lhe deu uns tapinhas no ombro.

- Logo nos veremos.

Os três alcançaram um espaço plano de aproximadamente dez metros. Trocam

um forte abraço.

- Faremos os acertos para devolver o androide - lhe disse um outro companheiro.

C573Y se moveu alguns passos para trás. Levantou os olhos para o céu em direção a uma luz intensa no centro do manto estrelado. Em seu campo visual apareceu um diretório. Se ativou a conexão com o satélite. Em seguida enviou uma mensagem:

SOLICITAÇÃO DE TRANSFERÊNCIA IMEDIATA
DESTINO: QUARTEL GERAL DE SEGURANÇA – TERRA.

Ele por um segundo perdeu os sentidos. Em poucos segundos os programas que o constituíam foram transmitidos ao satélite e dali, através de um raio laser, começou sua viagem rumo à Terra. O corpo do androide se manteve rígido como uma estátua, com os olhos velados de indiferença.

Meia hora mais tarde C573Y despertou em um computador do Sistema de Segurança.

Seu assistente lhe deu as boas-vindas e o atualizou com exatidão e eficiência, de imediato lhe entregou a documentação. C573Y a estudou, preparou uma proposta de ação e em seguida ativou a transferência.

Ele se encontrava agora em uma habitação uniformemente iluminada. Sentado em uma mesa junto aos demais participantes.

EMERGÊNCIA

@ Quartel General da Segurança, Terra – computador quântico QC1723S

Expressões absortas, rostos tensos permeavam pela sala. A convocação do comitê de segurança no meio da noite, às vésperas do ano novo, não era um bom presságio.

Todos eles dirigiram seus olhares ao extremo da mesa onde C573Y esperava em silêncio a chegada dos últimos convocados à reunião.

Ele era um oficial que se destacava por seu carisma e suas inatas habilidades; um grande ponto de referência para todos eles que ali se encontravam, inclusive para a atual organização do Conselho de Segurança, que vinha conquistando através dos anos um extraordinário sucesso na luta contra a criminalidade; musa face uma expressão que beirava urgência.

- Podemos começar - disse C573Y. - Há três horas um de nossos satélites interceptou uma mensagem encriptada com uma tecnologia secreta.

Seus olhos perpassaram rapidamente os dez membros. A tensão se torna evidente.

- Este sistema está destinado a substituir nossa tecnologia de segurança vigente. Absolutamente impenetrável, ou era o que imaginávamos.

Um calafrio cortou a sala como um raio; isso significava que não poderiam os supercomputadores mais potentes reconhecer os criminosos durante seus deslocamentos na Rede, nem tão pouco decifrar suas mensagens. Novos vírus invadiriam o mundo digital, espiando seus habitantes para lançar ataques devastadores ou enganá-los, impossíveis de serem identificados.

- O roubo ocorreu em nosso centro de criptografia, justamente onde pensávamos ser impossível - continuou C573Y. - Isto significa uma coisa somente...

Os oficiais prenderam violentamente suas respirações.

- Todo o sistema de Segurança da Confederação está em risco. Já informei o Presidente. A Defesa e o Serviço Secreto estão em alerta máximo.

- Existe alguma suspeita à respeito dos autores? - perguntou um oficial.

- A mensagem foi enviada desde a Agência Espacial - afirmou categoricamente C573Y.

O seu pior pesadelo foi tomando forma lentamente, tornando-se apenas mais aterrorizante.

O governo estava estritamente envolvido no Projeto Alpha Centauri. Três enormes astronaves espaciais – as Caravelas – iriam efetuar a transferência de todas as pessoas digitais a um planeta habitável de um sistema solar muito próximo. Um acontecimento histórico, o tema preferido dos meios de comunicação, discutido na Rede por bilhões de pessoas e incitando fortes emoções, tanto positivas quanto negativas, capazes de desencadear graves conflitos nunca antes vivenciados ou previstos.

Os oficiais trocam olhares apreensivos.

- De acordo com os últimos informes, o número de extremistas interessados em fazer fracassar o projeto vem aumentando consideravelmente... - começou um deles.

- As Caravelas estarão navegando dentro de um mês, aconteça o que acontecer. Se estamos tratando com terroristas, a contagem regressiva já começou. - C573Y

suspirou. - E estamos terrivelmente atrasados. Não podemos permitir que o mesmo que aconteceu a Rede Heaven se repita, a população inteira de um servidor completamente dizimada - ele pausou por um momento - não somos os mesmos, não podemos permitir um ataque - disse C573Y.

- Esses delinquentes são profissionais, se atacarem outros servidores da Rede de novo... - disse um outro oficial.

- Me pergunto se realmente são terroristas - indagou o outro.

- Temos já uma lista de suspeitos? - perguntou outro.

- Esta informação estará disponível em breve - respondeu C573Y. - Confiamos

no apoio de nossos informantes.

Ele então se voltou para o homem ao seu lado direito.

- Pode colocar-nos a par das investigações?

Seu assistente se levantou.

- Nossos agentes chegaram ao centro de criptografia da Agência Espacial - disse ele enquanto sua atenção se fixava no holograma à frente com os últimos boletins que se materializaram no centro da mesa. - Nossos programas de I.A. estão fazendo rápidos progressos no controle de banco de dados e do pessoal. - Ele aponta com o indicador para a parede onde aparecem três rostos: um homem de cinquenta e tantos anos e duas jovens mulheres. Os outros observaram os rostos atentamente. O silêncio era absoluto.

- Aqui estão os principais suspeitos. Paul Widman, vice-diretor da Agência Espacial. Com magnífico histórico de serviço. Sucessor natural do diretor vigente que se aposenta dentro de dois anos. Uma vida impecável até alguns meses atrás, quando se viu envolvido em certas... especulações. Suspeitamos que a mensagem tenha sido enviada desde seu computador.

- Linnh Yung, diretora de Novas Tecnologias. Formada em Segurança de Informática - continuou o assistente. - Todos estavam convencidos de que ela se encarregaria da gestão do Projeto Alpha Centauri, porém no último minuto foi eleito alguém vindo de fora do Projeto. Ela confidenciou a um amigo que se sentia profundamente descontente. É a colaboradora mais próxima de Widman, os dois provavelmente sustentam um romance... Durante seus estudos universitários, ela tomou parte em atividades junto de hackers. Informação que chegou a nosso conhecimento através do interrogatório de seus parceiros em tais atividades.

O assistente fez uma pausa. No último momento, um pouco antes da reunião, ele havia acrescentado um último nome, sem provas, somente por intuição.

- Eva Dirac, ela não tem conexão alguma com a Agência, entretanto além de ter tido contato com Linnh, era sua companheira de quarto na universidade, é uma das poucas pessoas com a experiência técnica dentre procurados criminosos conhecidos na rede. Depois de um curto período de tempo no Exército, se dedicou à pesquisa e desenvolvimento, sobressaindo-se no campo da Inteligência Artificial. Foi membro do Comitê para Certificação das Almas até que surgiu um escândalo. Ela havia favorecido alguns provedores de software. Ela se suicidou, trinta anos atrás. Depois de entrar na Rede, desapareceu.

O assistente respirou profundamente e mirou os presentes.

- Widman e Yung estão sendo vigiados. Não será fácil encontrar Eva Dirac.

REDE

@ Véspera do ano 2300

Partindo da sala de jantar podiam se escutar as brincadeiras e as ruidosas gargalhadas do apresentador.

O maître conduziu Victoria a um salão abarrotado de clientes elegantemente vestidos; um ambiente de alegria e dança, onde ao centro raios laser cortavam e dançavam ao redor de um gigantesco holograma no formato de uma árvore de Natal. Pouco antes da meia noite a "árvore" desapareceria, ela sabia, deixando o espaço livre para as celebrações. Enquanto isto, à um canto, três músicos vestidos de branco interpretam melodias de épocas passadas, de tempos agora distantes demais.

Tal lugar, famoso por sua comida refinada, serviço de primeira classe e artistas renomados; se encontrava situado em uma das zonas mais exclusivas da Rede, e reproduzia o meio ambiente e a atmosfera de uma tão distante era, onde o mundo virtual ainda não havia nem ao menos sido concebido.

Victoria ordenou um aperitivo e verificou sua aparência diante do espelho. Seus olhos cor de jade iluminavam seu rosto gracioso. Seus negros cabelos ondulados lhe cobrem os ombros nus e seu elegante vestido, simples porém provocante, revela seus seios perfeitos.

O solo melancólico de um trompete frenético parece distante demais.

A cadeira diante dela estava vazia.

Victoria abriu sua bolsa de couro e examinou seu interior por um momento, seus lábios apertados firmemente. Em seguida olhou à sua volta e deixou seu olhar recair sobre os clientes que se concentravam à entrada.

Casacos elegantes.

E lá estava ele! De uma altura imponente, seus traços atraentes e seus cabelos negros. Trajado n'um elegante smoking com uma faixa prateada em volta de sua cintura e um lenço de cor branca cirurgicamente colocado dentro do bolso em seu peito. Ele olhava à volta curioso quando um garçom se aproximou rapidamente indicando-lhe a mesa.

O homem apressou-se em direção de Victoria e se inclinou, sussurrando-lhe ao ouvido:

- Esta noite será toda nossa -disse ele e essas palavras eram doces.

- Temi que houvesse se esquecido de mim - ela brincou e sorriu tentativamente.

O homem pediu um aperitivo e passou seus olhos pelo menu, servindo-se de seu coquetel lentamente, de goles em goles. Levantou os olhos, por fim.

- Que tal um prato de época? - ele sugeriu.

- Parece-me interessante - ela disse, e sorriu.

- Culinária francesa?

Ela apenas assentiu, ainda com aquele provocante meio sorriso em seus lábios e então o pedido foi realizado.

O garçom aproximou-se e serviu um vinho de Bordeaux em duas taças de cristal. Victoria meramente mirou seu companheiro em silêncio enquanto recebia sua taça. Ela girou-a suavemente.

Cor rubi, aroma e sabor frutado.

Em seus lábios se esboçou então um triste sorriso.

- Algo errado? - perguntou-lhe James.

- Para você é fácil. Passa o tempo inteiro no mundo real e eu fico aqui te esperando o dia todo...

James estendeu seu braço sobre a mesa e lhe tocou a mão.

- Quando nos conhecemos na Rede, depois de meu acidente, pensei que nosso amor duraria para sempre, pois nem sequer a minha morte havia nos separado! Renunciei à minha desumanização para continuar a pessoa que você ama, mas agora não sei se fiz o correto - ela continuou em tom melancólico.

- Me dou conta do quão difícil é estar aqui.

- Eu acreditei que poderia integrar-me ao mundo digital. Mas sem a desumanização sou demasiado diferente das outras Almas.

- Poderiam arranjar para que voltasse ao mundo real junto de mim - disse James acariciando a mão de Victoria. - Comprarei uma gynoid (1) e então poderemos lhe instalar em seu interior - ele sugeriu e sorriu carinhosamente.

- E então poderíamos ao menos dormir juntos! - ela disse esperançosa. - Mas o que vamos fazer se a lei torna obrigatória a desumanização?

James toca ligeiramente o nariz de Victoria com seu dedo indicador.

- Não creio que isso venha a ocorrer - ele disse animadoramente -, a oposição é muito forte. No entanto é momento de aproveitar esta noite. - James lhe beija a mão. - Quero te ver sorrindo!

(1) Robô com características femininas. Os seres digitais podem se instalar em seu interior.

TENTAÇÕES

@

Victoria estava recostada em sua cama, com a cabeça apoiada sobre um travesseiro macio e sonhadora; em sua mente dançavam doces imagens de sua vida futura na Terra, com James.

Algumas semanas mais e tudo seria realidade.

Ela deleitou-se da suave música que tocava enquanto o rosto sorridente de uma jovem mulher com o cabelo cor de cobre e pele sardenta apareceu em seu campo visual: Nicole, uma australiana que conhecera há alguns dias antes enquanto explorava a Rede.

- Tenho uma proposta a fazer - disse-lhe Nicole. - Que pensa de vir e nos vermos no próximo fim de semana?

Victoria arregalou seus olhos.

- Em Sidney?

- Inaugurou há pouco cá um novo clube, com até uma discoteca! - explicou Nicole, animada. - Poderíamos ir no próximo sábado pela tarde.

- Eu nunca estive na Terra - disse Victoria -, não depois de meu acidente...

- Qual o problema? Já se passou muito tempo! Conheço uma ótima agência onde você poderá contratar uma gynoid. Eles tem vários modelos, muito charmosos.

- Não acreditava que fosse tão fácil - comentou Victoria. Ela tinha apenas uma nebulosa recordação do mundo físico. Quando lhe ocorreu o incidente, ela era ainda uma adolescente. As reuniões com seus pais e James, sempre haviam recorrido a realidade virtual. - Necessito um passaporte?

- A agência te proporcionará todas as permissões necessárias - explicou Nicole em tom trivial.

Victoria se sentiu animada. Os robôs podiam reproduzir com precisão os olhares e as sensações humanas. Ela seria capaz de comer um lanche, beber um café com leite e caminhar descalça sobre a grama em um dia ensolarado. Em Sidney: sol, mar e diversão.

- Sinto muito, mas não poderei ver-te durante o dia, estou muito ocupada. Acredito que possa visitar a cidade por si mesma - concluiu Nicole com um sorriso cativante.

Sidney, A Terra.

O grande dia, enfim.

Enquanto Victoria despertava, um sorridente técnico a convidou a sair da cama e ela se pôs em pé em seu novo corpo.

Ela se sentiu um pouco tonta, mas com a ajuda de uma enfermeira dirigiu-se a um espelho. Havia-lhe trazido uma camiseta branca, calças listadas e um par de tênis. Justamente o que ela contrara.

Victoria banhou-se e maquiou seus lábios com batom vermelho rubi. Encaminhou-se então à recepção para retirar sua mochila com uma muda de roupa. Colocou os óculos de cor azul, um lenço florido na cabeça e se dirigiu-se à entrada. O porteiro lhe desejou uma agradável estadia.

Ao atravessar o portal principal, depois de alguns pequenos passos, Victoria congelou-se e mirou o jardim.

Ela fechou seus olhos e respirou profundamente, então apressou-se de modo estabonado pelas escadas.

A luminosidade era ofuscante. Uma cálida brisa soprava e as ruas estavam repletas de pessoas de sortidas idades. Os alto-falantes difundiam uma música alegre.

Victoria se encaminhou maravilhada até alcançar uma praia repleta de banhistas; ela, então, alugou uma espreguiçadeira, se recostou e cerrou seus olhos.

Tal calor só havia Victoria sentido quando criança, há longínquos anos, quando brincava alegre sobre a areia nas bordas do mar. O rítmico dançar das ondas.

Victoria se serviu de uma gelada bebida e desfrutou do sabor de menta.

Após um período de tempo que pareceu lhe curto demais, Victoria levantou-se e retomou então a caminhada ao longo da praia, até um edifício com imensas velas brancas. No interior havia um órgão com longos tubos de cobre, o maior do mundo, dizia uma pequena plaqueta.

Ela gasta toda sua manhã conhecendo os arredores. Ao se aproximar o horário do almoço, Victoria comprou um sanduíche em um barraca e adentrou um parque para desfrutar-se de sua merenda em um banco.

Presunto em rodelas grossas cozido. Salada fresca e tomate ligeiramente ácido.

À sombra de uma tília ela permaneceu a observar as árvores centenárias, algumas delas habitadas por enormes morcegos, outras com longas folhas afiadas, como as plantas pré-históricas. Escutou o farfalhar procedente do gramado. Ao fundo, estranhos arranha-céus com amplas janelas se elevavam refletindo o céu.

Victoria caminhou por um bairro de estilo inglês com duas fileiras de casas construídas com tijolos vermelhos. Um grupo de jovens estava conversando no terraço d'um bar e pouco mais adiante um colecionador expunha seus livros. A primeira vez que ela tem contato com essas raras relíquias do passado. Victoria tomou um volume do aparador e enquanto o folheava, o lojista se aproximou e lhe entregou outro exemplar desgastado pelo tempo.

- Veja este. Uma raridade - disse ele, e sorriu.

A garota segurou o livro em suas mãos e olhou a capa de couro; logo deslizou seus dedos sobre a superfície rachada e folheou as páginas com cuidado. O grosso e enrugado papel desprendia um odor de mofo e a tinta formava halos amarelados ao redor dos caracteres.

Imagens de um mundo distante borbulharam em sua mente: damas do século XVIII e cavalheiros com perucas, vestidos de renda e veludo. A luz da rua a distraípor um segundo. Victoria devolve o livro e começa a caminhar novamente.

Uma pequena multidão congregava-se ao redor de um espetáculo de luzes e som. Uma garota dançava ao ritmo dos tambores, enquanto desenhava brilhantes formas com archotes. O público a aplaudia animado.

Meia hora mais tarde, Victoria chegou a uma igreja de estilo neogótico que estava em frente à praça. Os arcos de pedra de arenito e as torres iluminadas, se destacavam claramente contra o céu negro. Ela baixa seu olhar em direção a multidão congregada na entrada. São jovens que vestem roupas amarelas, vermelhas, verdes, alguns inclusive; de forma provocativa.

UM LUGAR BADALADO

A Catedral, como chamava-se o interessante clube, era o coração da vida noturna na cidade. Em seu interior haviam discotecas e lugares dedicados à realidade virtual. Victoria passou ao lado de uma garota com formosos traços, que se encarregava de distribuir panfletos. Se moveu então em direção da nave principal, um ambiente austero e espetacular, ainda mais devido as prolongadas nervuras que ampliavam o espaço ao seu redor e criavam um caleidoscópio de luzes filtradas pelos vitrais coloridos.

Nicole estava diante d'um balcão, trajada n'um vestido de látex transparente. Uma garota de tez morena, toda vestida de azul, lhe estava apontando a lista.

- Você pode selecionar dentre estes programas, ou... - Ela inclinou-se a frente e estendeu seu braço até uma pequena porta. - Ou entrar neste labirinto, uma galeria onde é possível admirar inúmeras peças de arte expostas ao longo do caminho. Garanto-lhe várias surpresas!

Victoria aproximou-se cautelosa.

- O quê acha do labirinto? - perguntou-lhe Nicole, animada.

Após o registro, elas avançaram e cruzaram portas duplas ladeadas por duas moças sorridentes, uma delas em um corpo de cor verde elétrico e a outra com um vestido limão. Caminharam por um corredor que se alargava à pequenos intervalos e em outros que se estreitam deixando espaço somente para uma pessoa. Vez ou outra Victoria espiou através das fendas das paredes os corredores adjacentes.

Chegaram a um salão com paredes de cor azul. Victoria olhou ao seu redor.

- Espetáculo? Aqui? Mas o salão está vazio! - disse ela.

- Paciência - respondeu Nicole, e sorriu.

- E que tipo de espetáculo é esse?

Nicole apenas deu os ombros.

Seus respectivos chips neuronais de repente apoderaram-se de suas mentes.

Agora elas se encontravam ao centro de um laboratório, onde frascos de pintura, palhetas de cores e pincéis, jarras e outras peças de cerâmica se encontram espalhadas. Encarrapitado na parede n'um dos lados estavam arames de ferro, latas e cartões. As paredes estavam cobertas de quadros.

- Hei, vocês duas! - Chamou n'um canto um um homem robusto de olhos saltados. Ele se aproximou com passos vagarosos

Ele trazia uma jaqueta manchada de tinta e uma boina n'um ângulo perfeito. Em suas mãos, repousava um pedaço de papelão.

- O Senhor é um pintor? - perguntou Victoria.

O homem lhes sorriu, satisfeito.

- Também sou poeta - disse ele. (2)

"N'uma era hoje muito distante, as obras de arte transmitiam sua mensagem através de um só sentido, raramente mais. Assim uma pintura afetava a visão, uma estátua podia ser admirada e tocada, um poema atraía não apenas por seu conteúdo mas também por sua sonoridade. Um perfume extasiava através de sua fragrância e as obras primas da culinária encantavam por seu sabor e apresentação refinada. Porém o autor, com os poucos meios disponíveis, teve que limitar-se as formas mais simples de expressão.

Esta falta de conexão se prolongou durante milhares de anos, até o século XXI, quando, graças à realidade virtual as obras começaram a interessar a todos os sentidos ao mesmo tempo. Era somente o começo.

Menos de um século depois, a instalação de um chip neuronal no cérebro dos seres humanos permitiu o acesso à mente de forma direta, excluindo de forma completa a comunicação sensorial. A impossibilidade de compartilhar seu mundo próprio pertencia ao passado.

A arte estava esgotada, morreu e ressuscitou. Hoje uma obra de arte é feita de linhas de código capazes de excitar sensações e emoções. É interativa, de modo que somente se conclui através do contato com o usuário. As expressões são emblemas desta mudança: no passado as obras de arte foram admiradas, ouvidas e a vezes tocadas.

Hoje simplesmente elas são vividas. O artista costuma inserir em sua obra uma espécie de avatar, em geral com sua própria fisionomia, para conduzir o usuário através da experiência."

- Qual seu nome, Senhor? - perguntou Nicole.

- Ah, me desculpe, não lhes disse antes - respondeu o outro entregando-lhes um cartão de apresentação.

- Pablo Diego José Santiago de Paula Juan... Trinidad Ruiz Picasso. - Victoria levantou seus olhos. - Que nome comprido!

Na penumbra, uma mulher vestida de negro, adornada de rendas aproximou-se com passos ligeiros. Seu cabelo estava preso em sua nuca com um suave nó, concedendo-a um ar austero. Sua tez branca destacava seus olhos de intenso castanho.

- Olá, meu nome é Olga - disse ela.

Um menino de cinco ou seis anos de idade se atirou então aos braços da mulher. Ele tinha a tez pálida e fina, usava um traje de arlequim amarelo turquesa. Ela lhe acariciou os cabelos com ternura.

- Nosso filho Paulo.

O menino espiou os convidados de forma curiosa. Ele possuía os olhos de cor idêntica aos de sua mãe. Imediatamente, ao ser notado, ele escondeu-se tímidamente entre as saias de sua mãe.

Victoria sorriu.

- Vocês são idênticos - ela disse, alegre.

A anfitriã se voltou à entrada, onde uma mulher jovem de longos cabelos dourados havia surgido.

- Desculpem-me.

E sem acrescentar mais nada, ela distanciou-se levando consigo o menino. As duas se cruzaram à metade do caminho mas não trocaram n'alguma palavra. A recém-chegada estava vestida de uma blusa de organza mostrando suas delicadas curvas, ela conduzia pela mão uma menina alegre, de cabelos feitos em penteado com fita.

Ela se apresentou com um sorriso triunfante.

- Eu sou Marie-Thérèse. Maya, cumprimente nossos convidados!

A menina seguiu à frente abraçando seu ursinho de pelúcia, como se nada houvesse acontecido. Uns minutos mais tarde uma terceira mulher que vestia um casaco negro bordado e uma saia vermelha estampada, entrou. Ela possuía feições regulares e mãos bem cuidadas, unhas compridas de cor carmim; seu olhar era altivo e orgulhoso.

- Muito prazer em conhecê-la, me chamo Dora - ela disse, e lhes acenou.

Estas duas senhoras evitaram se falar, apenas trocaram olhares venenosos.

O pintor ao contemplar a cena com ar divertido, deu um passo para atrás, ambas mulheres estavam a se encarar, prontas para um confronto...

- Temos de ir! - gritou Victoria, temendo o pior.

Uma rápida troca de olhares.

- Vocês vieram até aqui para se admirar de minhas obras, não? - lhes perguntou o pintor. Sem esperar resposta, ele se dirigiu até um quadro onde se alternam as cores negra, ocre e branco (3). Nicole o seguiu.

- Posso tocá-lo? - ela perguntou, curiosa.

- Ora, ele é feito para isto!

A garota deslizou seu dedo por cima das linhas negras que delimitavam as áreas coloridas, logo após passou para uma zona ocre. Ela tinha a sensação de tocar um corpo úmido e quente. Se moveu então para trás, o suficiente para ver todo o conjunto. Agora as cores se mesclavam até tomar a forma de dois amantes que participavam de um abraço apaixonado.

- O que acha? - perguntou o pintor, observando Nicole atentamente.

- Notável.

Nicole iniciou a exploração novamente. Detalhes realistas. Movimentos sinuosos. Ela tem a impressão de fundir-se àquele mundo animalesco.

- Vamos pintar o que há no rosto, o que está dentro do rosto, ou o que está por detrás dele? (4) - disse o artista.

A cabeça de um homem, com um nariz proeminente e uma boca reduzida a uma fissura vertical, aflora do quadro.

- Que formas estranhas... - murmurou Nicole ao observá-las mais atentamente.

Ela estendeu sua mão até o nariz da estranha figura, o apertou fortemente. Um momento depois se desvaneceu a sensação de tocá-lo, uma expressão de desgosto se refletiu em sua face.

- É isto o que penso? - indagou ela.

O pintor assentiu com a cabeça.

Um estremecimento percorreu toda a tela de linho. Os amantes, que apenas alguns instantes pertenciam a um mundo plano, tomaram forma. Surgiram da tela as curvas e os contornos de seus corpos.

O homem inclinou seu torso para o exterior, estendeu um braço, logo uma perna. Tocou o solo e saltou em direção a Nicole.

Ela gritou, dando um salto para trás.

- A arte nunca é casta - (5) comentou o artista e sorriu.

Victoria que se encontrava absorta a conversar com as duas mulheres de olhares venenosos, se voltou ao ouvir o grito de Nicole. Sua amiga rendia-se à enorme força do homem. Ela lutava, tentava libertar-se golpeando-o impetuosamente no peito; ela porém encontrava-se ainda fortemente presa àquele abraço de vinha.

Enquanto isto, outros personagens se libertaram de suas pinturas e começaram a perambular pelo cômodo...

Victoria, exasperada, deixou as duas mulheres abruptamente. Correu até Nicole, passando por outros seres de proporções absurdas e criaturas de estranheza que ela nunca antes vira; uma cabra de arame e papelão baliu obstinadamente.

Ela alcançou o agressor. Repetidamente lhe deu chutes nas panturrilhas e o golpeou fortemente calcanhar com a ponta de seus pés.

Enquanto gritava o homem, Victoria agarrou Nicole pelo braço e a puxou. Uma,

duas, três vezes. e ela estava livre!

As moças correram em direção à saída. Voaram ao longo do corredor.

Apoiaram-se então na parede.

- Ainda estamos na realidade virtual? - perguntou Victoria cansada.

Nicole se voltou à porta.

- Creio que não; ninguém nos perseguiu.

- Não tenho vontade de continuar no labirinto. Que pensa de visitar-mos a discoteca? Ao menos estaremos seguras.

Tão logo dito isso o holograma de um mordomo com um bronzado perfeito, se materializou.

- Por favor, sigam-me - ele disse com olhar sério.

Depois de alguns metros, Victoria toca sua testa: seu suor está frio.

- Se sente bem? - perguntou Nicole, preocupada.

- Tive um momento de pânico, como se algo terrível nos estivesse esperando.

- Coragem! O pior já passou. Agora estamos seguras. Aposto que um homem charmoso a estará esperando - brincou ela.

Elas riram juntas, como duas amigas de longa data.

O ambiente estava envolto na penumbra, uma multidão de pessoas dava intermináveis voltas nas pistas de dança, onde se deixavam ir no ritmo desenfreado de uma música ensurdecadora.

À uma altura de aproximadamente dez metros, dentro de cubos transparentes, algumas jovens mulheres se moviam agilmente, com seus vestidos iridescentes, enquanto ao redor figuras holográficas de cantores virtuais flutuam no espaço.

Victoria e Nicole abriram caminho por entre a multidão até uma pista onde três androides realizam uma dança acrobática. Elas servem-se de duas taças coloridas de uma bandeja e se misturam à multidão. Nicole para diante de sua própria imagem refletida em um espelho.

- O que está se passando?

Seu rosto e suas mãos havia se tornado fluorescentes.

Alguém ri às suas costas.

- É devido à bebida. Amanhã teu rosto e tuas mãos regressarão à normalidade - lhe explicou um jovem de profundos olhos azuis e um emaranhado de cabelos louros encaracolados. Ele lhes indicou sua mesa com um sorriso.

- Sentem-se, por favor!

As garotas se juntaram a ele.

- Meu nome é Abel - ele anunciou, simpático.

- Prazer em conhecê-lo. Me chamo Nicole.

- E eu sou Victoria. Faz tempo que chegou? Nós não o vimos.

- Há aproximadamente uma hora - Abel olhou ao redor e pega um prato com vários doces. - Sirvam-se!

Entre um doce e outro eles começaram a conversar tranquilamente. Ele se apresentou de modo singelo e disse ser um estudante do último ano de filosofia.

- Também escrevo poesia - completou orgulhoso.

Após alguns minutos Abel convidou Victoria à uma dança. Ela aceitou. Não havia nada demais em uma dança. Ela colocou seus braços ao redor do pescoço de Abel, enquanto ele enrolava seus braços pela cintura de Victoria. Iniciaram uma dança lenta.

- Você está usando uma gynoid, não? - ele perguntou.

- Como adivinhou?
 - Conheci a tua gêmea há alguns dias.
 - Sou uma Alma. Regressarei à Terra logo, desta vez será para sempre.
- Ele permaneceu em silêncio.

Victoria descansou sua cabeça no ombro de Abel.

- Em que pensa?
 - Não creio que tenha tomado a decisão certa...
- Ela arregalou seus olhos.

- A maioria dos seres humanos almeja se converter à uma Alma, assim como você - continuou o rapaz. - O passo intermediário, antes de outro muito mais importante: converter-se em uma usuperinteligência.

- Por quê?

O rapaz a olhou, sorriu de forma simpática e apenas respondeu.

-Porque o futuro lhes pertence.

(2) (4) (5) Frase atribuída a P. Picasso

(3) O Beijo, 1925.

CONTATO

@ Uma semana depois

Victoria caminhava apressadamente por uma rua pouco iluminada; ela olhava ao seu redor a cada momento. Se deteve, após algum tempo, diante de um labirinto de ruas estreitas e longas.

- Onde foi que me meti?

Ela retomou sua caminhada. Ao redor, as calçadas cheias de lixo, no ar, o fedor de comida estragada. De momento em momento pessoas vestidas em trapos lhe dirigiam olhares ameaçadores. Ela chegou à metade do beco e depois de passar por uma valeta fétida, acelerou os passos.

Era impossível encontrar o caminho. Ela não devia ter pego esse atalho!

Um bêbado se chocou contra ela e seguiu adiante como se nada houvesse acontecido. Ela se sentiu incomodada, abotoou o casaco. Em seguida escutou um assobio à distância.

Victoria não lhe deu importância.

Um segundo assobio soou, mais próximo.

Instantes depois ela se deteve repentinamente.

Olhou para trás com o canto de seus olhos. Três silhuetas escuras olhavam em sua direção, paradas embaixo de uma lâmpada de rua. Ninguém mais.

Ela apertou seus passos adiante, com o coração na boca.

Armazéns abandonados estavam à um lado da rua. Suas entradas bloqueadas com painéis.

Ela olhou para a direita e esquerda. Não havia nada, ninguém.

Ainda nada.

Victoria caminhou mais, e quando lhe pareceu que o desespero não poderia aumentar, ela se deu n'um beco sem saída. Era impossível avançar. Victoria deu a à volta por uma ruela escura. Escondida detrás de uma pilha de lixo, havia uma pequena porta...

Entreaberta!

Ela apressou-se a entrar e fechou o trinco.

Às cegas, buscou o interruptor e então olhou ao seu redor. Ela se encontrava n'um armazém. Não havia janelas ou ao menos saídas secundárias. Uma jaula!

Victoria caminhou em direção à uma sessão de escadarias que a conduziam à um segundo patamar.

Enquanto isto, os três homens que a perseguiram chegaram à entrada. O chefe, um homem com a face metade vermelha e metade azul, indicou os lados do edifício. Ordens concisas.

Ele se manteve à entrada principal. Levantou sua mão. Usava luvas negras que deixavam seus dedos à mostra. Suas garras eram afiadas como navalhas, capazes de por fim a qualquer programa. Alguns golpes nas dobradiças e a porta veio ao chão.

Victoria observou a cena desesperada. Ela se refugiou n'um canto escuro...

Uma saída de emergência! Abriu a porta, olhou para baixo e correu.

Na calçada, uma criatura grande estava agachada a esperando; ela possuía membros longos e sua pele era feia de um couro escurobulboso e cheio de dobras como, à um sapo. Em seu rosto, escamas iridescentes. Assim que a viu, a criatura emitiu um

gorgolejo e saltou para a escada ao encontro de Victoria, com a ajuda de um corrimão percorrendo os degraus de dois em dois.

Victoria, assustada, se precipitou novamente para o interior do prédio. Pulou por sobre uma pilha de velhas mercadorias e se agachou por entre os sacos.

Neste meio tempo o líder de longas garras alcançou o segundo patama. Se deteve, olhou ao seu redor e farejou o ar.

Fortes passadas.

Cada vez mais próximas.

Victoria segurou sua respiração.

Silêncio.

Ele estava há apenas alguns passos de Victoria. Ela podia ver seus olhos injetados de sangue e suas longas garras pousadas junto de suas mãos em seus quadris.

Estava tudo acabado.

Então veio um sussurro.

- Corra para a sua direita. Vou abrir um túnel há cinco metros de onde você está.

Victoria saltou e antes que tocasse o solo a passagem se fechou detrás dela. Caiu sobre uma superfície rochosa e com o ombro dolorido, olhou ao seu redor: Ela se encontrava n'uma caverna. Uma escura figura parada diante dela.

REVELAÇÃO

@

Victoria chorava vigorosamente, um despero a invadindo.

- Você está a salvo aqui. - A desconhecida de cabelo cor d'ouro se ajoelhou ao lado de Victoria e a abraçou.

Pouco a pouco, ela se tranquilizou.

- Me chamo Eva. E você?

- Victoria - ela respondeu entre soluços.

- Que ideia você tinha de se meter n'um lugar como aquele?

- Peguei um atalho para casa, mas me perdi.

- Foi por sorte que vi esses criminosos...

- Como me trouxe até aqui?

- Ah, isso... foi fácil - Eva respondeu com um amável sorriso.

Victoria olhou ao seu redor.

- Aonde estamos?

- Bem debaixo d'um armazém. Eu vivo aqui com meus amigos. - Eva se voltou para um brazeiro ao longe onde três pessoas iluminadas pela luz cintilante conversavam.

- Venha comigo! - ela lhe disse e estendeu sua mão.

Eles se aproximaram do grupo.

- Gostaria de lhes apresentar Victoria - disse Eva.

A jovem mulher estendeu sua mão.

- Prazer em conhecê-los.

- Seja bem-vinda!

- Uns arruaceiros a perseguiram. Cheguei bem há tempo - explicou Eva e então se dirigiu à Victoria. - Agora pode relaxar. O que me diz de jantar conosco? - Elas se dirigiram até uma porta. - Lá fora é perigoso. Você pode passar a noite aqui.

Eva e Victoria se sentaram em bancos junto à uma mesa. Outras pessoas chegam; agora contam dez. Sobre a mesa, pão, fruta e vinho.

- Um jantar diferente para Almas! - comentou Victoria.

- Esta noite estamos celebrando seu resgate - anunciou um dos amigos de Eva, cortando o pão com uma faca. - Aliás está é a melhor maneira de reviver nosso passado.

Ao longo do jantar um rapaz de tez escura informou sobre um curioso fato ocorrido poucas horas antes, uma mulher com sardas na pele riu alegremente enquanto contava uma piada. Victoria sorriiu. Quando a ceia já havia acabado e os presentes se retiraram para ir a seus dormitórios, Eva se aproximou de Victoria.

- Existe um pequeno lago próximo daqui, que pensa de darmos um passeio?

CONFIDÊNCIAS

@

As duas mulheres abriram caminho por d'entre as rochas ao longo d'um túnel, apoiando-se de vez em quando nas paredes. Depois do que pareceu a Victoria dez minutos, saíram n'um grande espaço onde enormes estalactites se suspendiam do escuro vazio.

Sentaram-se sobre uma rocha, mirando as águas do lago subterrâneo à dez metros de distância; uma superfície similar à do petróleo, se perdendo nas profundezas da caverna. A fraca e débil luz d'umas tochas ao longo das limosas paredes transformava as rochas em fantasmas que emergiam da escuridão.

Victoria se voltou para Eva, a mulher que a salvara, que lhe abrisse sua casa sem pedir nada em troca. Ela lhe apresentara a seus companheiros e a tratara como sua melhor amiga. Que mundo é este, seria um sonho?

Silêncio, apenas se escutava o gotejar da água.

Eva lançou uma pedra no lago. Um ruído surdo. Círculos concêntricos se iluminaram com reflexos azuis.

- Que achou? - perguntou Eva.

- Encantador. Nunca imaginei que algo assim pudesse existir na Rede.

- Eu mesma criei. Me inspirei n'uma caverna na Terra.

Conversaram alegremente. Entre elas existia uma estranha cumplicidade, uma naturalidade, um fato nada usual considerando o breve tempo desde seu recente encontro. E maneira como haviam se conhecido.

- Você tem namorado? - perguntou Eva.

- Sim, ele é um humano.

- Sua relação não deve ser fácil...

- Eu desisti da desumanização por ele.

- Eu também a recusei... - disse Eva. - Faz tempo que vocês se conhecem?

- Aconteceu na praia, quando éramos adolescentes. Costumávamos nos ver no verão. Até aquele dia... - disse Victoria e fixou seu olhar na distância, na escuridão. - Eu tinha quinze anos. James estava comigo.

Uma atmosfera irreal, de muita paz. Um convite a se seguir em frente.

- A praia estava deserta e a brisa vespertina trouxe alívio após um dia de muito calor. O mar estava feroz e agitado depois de três dias de tempestade e nós caminhávamos pela margem recolhendo à esmo conchas para minha coleção. A água ainda estava quente. Pareceu o momento certo para um mergulho. Nos despimos e nos lançamos nas grandes ondas.

Eva permaneceu em silêncio enquanto Victoria continuou muito excitada.

- Estava retornando de um mergulho quando a quebra de uma onda me tragou e jogou-me dentro de um redemoinho, a água estava cheia de areia. Em vão tentei alcançar a superfície. A corrente era demasiado forte. Mas eu não estava assustada, já havia estado diante de outras situações difíceis. Teria que manter a calma e conter a respiração, permitindo que a corrente me levasse para uma área mais tranquila do mar.

Eva voltou sua face para longe. Levantou a voz.

- Não, não prossiga!

Mas Victoria precisava seguir o fio de sua memória que havia acabado de tecer,

cada vez mais vívido.

- Eu estava próxima da superfície, quando outra onda me empurrou para o fundo novamente. Abri minha boca. A água penetrou em meus pulmões. Eu transmiti um alerta com meu localizador antes de afundar na escuridão. - Ela fecha os olhos. - O resto me contaram. A equipe de resgate chegou dez minutos mais tarde. Me encontraram no fundo do mar, me levaram até a praia. Tudo em vão.

- James assistiu todo o incidente, suponho.

- Ele se lançou ao mar para ajudar-me, porém quando chegou, eu já havia desaparecido sob a água. Ele acompanhou a tentativa de me trazer de volta. Quando fui posta a bordo do ovoide, ele me acompanhou e durante todo o voo me reiterou que nunca me abandonaria. Ele permaneceu junto a mim, inclusive quando chegaram meus pais para assistir a meu funeral.

- Uma experiência terrível.

- Depois da digitalização, começaram as reuniões com psicólogos e familiares na realidade virtual. Quando meus pais me visitaram pela primeira vez, todos nós choramos. Na ocasião seguinte vi James. Permanecemos abraçados o tempo todo, sem dizer uma só palavra. A recuperação foi lenta, mas eu consegui superar.

Ambas permaneceram em silêncio olhando fixamente o lago, em seguida Eva interveio.

- É minha vez agora. Aconteceu durante um dos piores momentos de minha vida. Eu regressava de uma reunião com o presidente do Comitê de Certificação.

- Você trabalhava no Comitê que autoriza as melhorias para os seres digitais?

Eva assentiu.

- Eu fui investigada por corrupção. Todas as evidências estavam contra mim, me condenando culpada. O presidente temia que minha presença pudesse desacreditar a Comissão e pediu que me demitisse. Eu insisti que era inocente, não obstante, acatei o seu pedido - Eva franziu a testa. - Todas as provas foram forjadas. Ninguém acreditou em mim. Cheguei aos penhascos de Long Cape. O céu estava limpo. O mar se movia preguiçosamente. Senti que era o momento correto. Fechei os olhos. Dei apenas três passos. Sem sofrimento. Porém, me viram. Coma profundo durante uma semana. Na Rede, visitei um psicólogo, somente uma vez. Estava muito chateada com o mundo.

- Por que falsificariam as provas?

- Apoiei os errados, porém certos, e inovadores produtos que poderiam ter prejudicado uma grande parte da indústria.

- Aqui você tem amigos!

- Sem dúvida, e agora estou tranquila.

Se levantaram e começaram a caminhar em direção a luz, de mãos dadas.

IDEAIS

@

Progressivamente as rochas se dissiparam e a penumbra foi suplantada por um brilho uniforme.

Caminhando pelo vazio, Eva e Victoria adentraram um espaço incomensurável. De todas as direções se aproximaram criaturas maravilhosas, que aparentavam serem feitas de um tecido muito fino, etéreo, com movimentos tão harmoniosos que pareciam estar dançando.

As mulheres se detiveram. Agora estavam rodeadas por fantasmas de perfis indefinidos, coroados por bruxuleantes e pequenas chamas douradas. Victoria podia sentir seu calor. Ela não pôde ver seus olhos, mas soube que eles a estavam olhando.

- Onde estamos? - ela perguntou, um tanto assustada.

- No primeiro dos anéis interiores.

Os anéis interiores eram lugares inacessíveis aos seres humanos, onde o tempo corria com mais rapidez. Victoria nunca havia estado em áreas com essa na Rede; sempre fora enamorada com a Terra e buscara os lugares que a aguçavam a memória. Lugares como esse eram utilizados pelas super inteligências e inteligências artificiais para refletir sobre o mundo material. Eram a inspiração para seus projetos mais futuristas, admirados e invejados pelos humanos.

- Estive contribuindo com este lugar enquanto trabalhava no Instituto Superior de Inteligência Artificial - disse Eva.

- Está brincando?

- Eu coordenei todo o projeto, mas, para dizer a verdade, o posto nunca me interessou. - Em seu rosto magro apareceu um sorriso. - Antes de ingressar no ISIA eu estive no Exército. Participei em muitas missões com as Boinas Vermelhas, as forças de elite do Exército. Mas logo optei por outra grande paixão de minha vida: pesquisa. Uma opção que vinha considerando há muito tempo.

Eva contemplava as milhares de luzes que flutuavam na escuridão.

- Queria dar um sentido à minha existência, algo além de meus interesses pessoais; queria contribuir para o desenvolvimento da civilização. Os estudos que realizei me convenceram que; para que as almas pudessem evoluir, essas deveriam superar as limitações humanas. Para alcançar isso, se requereria cada vez mais uma profunda integração maior com a Inteligência Artificial era necessária. Eu quis contribuir neste processo. A Defesa me pediu que ficasse. Porém segui meu próprio caminho sem pensar duas vezes.

Eva inclinou a cabeça.

- Passei anos maravilhosos no ISIA, até que fui convidada a unir-me à Comitê de Certificação. O Comitê, que deveria se distinguir por sua imparcialidade, foi subjugado pelo interesse de grandes grupos industriais. Meus colegas haviam acatado à situação, alguns deles para manter uma vida tranquila, outros por benefício próprio. Entretanto, eu não queria ceder, por uma questão de princípios. Tinha que defender meus ideais e não queria perder meu respeito próprio.

- Estando no Comitê defendi alguns programas que prometiam inovação, propostos pela comunidade Open Source, mas as multinacionais se opuseram

energicamente. A Comissão de Ética que era encarregada de analisar as decisões que viessem a afetar a evolução das espécies, tentou levar o assunto para fora do Comitê de Certificação, afirmando que a decisão sobre tal assunto caberia a eles.

Eva fechou seus olhos.

- No momento culminante do conflito, recebi uma acusação infame: corrupção.

Já sabe do resto.

- E como chegou aqui? - perguntou Victoria.

- Quando entrei na Rede, não forneci meus dados pessoais ao Arquivo Geral e nem me apresentei perante o juiz. Escolhi viver de forma clandestina.

- Você está sendo procurada pela Segurança!

- Seguiram-se tempos difíceis, até o encontro - continuou Eva, assentindo com um movimento de cabeça. - Nihil, chefe de uma organização secreta, conhecida como "os Eleitos" me encontrou. Posteriormente me reuni com alguns de seus seguidores. Um deles, um homem negro, me parabenizou pela coragem e tenacidade. Martín Wing, o defensor dos Direitos Civis, um homem com grande carisma, que depois de ser assassinado por um fanático há quarenta anos, continua sua batalha na Rede com vigor inalterado. Wing e seus companheiros me introduziram ao temas que mais lhes importava. A repressão que exercia a Segurança era cada vez mais intensa. Seus dias estavam contados. Para sobreviver eles necessitavam de uma tecnologia muito avançada que somente eu era capaz de desenvolver.

Seu olhar se tornou mais terno.

- Desde o primeiro momento, senti grande simpatia por eles. São pessoas de grande mérito, perseguidos pela Segurança, como eu. A partir de então, passo os dias criando programas que nos protejam.

- Você tem uma grande responsabilidade.

Eva sacodiu a cabeça.

- Não creio que possamos fugir por muito tempo. Os Eleitos estão preocupados, querem completar sua missão.

- E você?

- Gosto do meu trabalho e os Eleitos não me importunam. Isto é o que realmente me importa.

As mulheres permaneceram em silêncio diante uma da outra, rodeadas de um redemoinho de luzes.

De repente se encontravam novamente no túnel. Victoria se sentiu enjoada, sacodiu a cabeça. Fora uma curta experiência que durou apenas um segundo, mas que lhe pareceram horas. Um sinal de grande amizade.

PRIMEIRA VEZ

@

- Nihil não se apresentou à reunião - disse um imponente homem de tez negra.
- O que lhe terá acontecido? - perguntou-lhe um homem de cabelos brancos.
- Não tenho n'alguma ideia - ele respondeu.
- Foi lhe passado o plano?
- Ele me entregaria hoje.
- O tempo se torna escasso, as Caravelas estarão navegando dentro de um

mês.

- Estou procurando por ele.

Ambos permaneceram em silêncio, pensativos. Eva se aproximava ao longe, uma mão ao ar, acenando.

- Já falou com ela? - perguntou o homem negro a seu companheiro.

O outro sacodiu a cabeça, negativamente. Eva se aproximou e parou diante deles.

- O próximo rito de reprodução foi programado para quinta-feira - anunciou o homem de cabelos brancos. - O Conselho aceitou meu pedido. Você terá a honra de gerar um novo ser, Eva.

As bochechas de Eva afoguearam-se.

- Não gostaria de fazê-lo - ela diz, ainda envergonhada. - Seria minha primeira

vez.

O ambiente caiu em silêncio por um momento.

- Nós todos lhe gostamos muito e estamos seguros que é um sentimento recíproco. No entanto, você nunca se integrou totalmente. Você parece estar tão triste. Precisa esquecer seu passado, Eva - disse-lhe o homem de tez negra.

- Esse tipo de ferida não cicatriza tão fácil.

- Pedimos que participe por mais uma razão - disse o outro de cabelos brancos.

- Nas presentes circunstâncias não escaparemos da Segurança por mais tempo. Precisamos de sua experiência, Eva. Precisamos de toda tua experiência. Porém, somente sendo parte integrante de nossa comunidade você poderá utilizar toda a sua capacidade.

Quando Victoria chegou, Eva lhe indicou que ela deveria esperá-la.

A garota se apoiou na parede e os observou de longe. Apenas alguns dias haviam se passado, mas ela sente como se os conhecesse por tempos e tempos. Eles a tratam como um deles, com respeito e amizade. Apenas ilusão? Talvez. Porém, em seu coração, ela sente que é tudo verdadeiro.

Seus pensamentos vagaram involuntariamente até James. Victoria sentia remorso por não haver estado junto dele nos últimos dias, nem ao menos contatado-o; o irrimediável poder da infância compartilhada que tiveram começa novamente a surgir.

Eva se despediu dos dois homens e veio até Victoria.

- Desculpe-me tê-la feito esperar, tratávamos dos preparativos para o nascimento de um novo ser.

Os olhos de Victoria se arregalaram.

- Vocês falavam de Desumanização?
 - Diria que é praticamente o mesmo - Eva permaneceu pensativa por um momento. - Me pediram que fosse a mãe.
 - E o que respondeu?
 - Que não estava interessada.
 - Já ouvi várias coisas sobre os rituais de reprodução - disse Victoria. - Você sabe o que eles sentem?
 - Sensações além de nossa imaginação, me foi dito.
 - Quantos irão participar?
 - Cerca de vinte, creio.
 - Será que sua substituta já foi escolhida?
 - Creio que não. Sostaria de sê-la?
 - Está de brincadeira, não? - perguntou Victoria incrédula e elas começaram a caminhar ao longo do túnel. - Não conheço o suficiente sobre eles. E também, há James. Talvez ele pudesse entender, mas com certeza nosso relacionamento não duraria muito após isso.
 - Tem certeza que ele é a pessoa certa?
- Victoria não respondeu.
- Sugiro que fale com James - continuou Eva. - Esperarei por você.

SUSPEITAS

@ Quartel-General da Segurança.

Ao centro se encontrava uma mesa de cristal iluminada por refletores que concentravam seus raios n'uma serpente de ouro incrustada habilidosamente. C573Y desviou seu olhar bruscamente das luzes. Uma mensagem aparecera em seu campo visual. Vermelho pulsante, tão intrusivo que cobria quase a totalidade de seu campo visual e lhe arrebatava a atenção.

WIDMAN E YUNG ESTÃO MORTOS. CARRO DE WIDMAN EXPLODIU ÀS 3:45 P.M.

Assim que desaparecera a mensagem o rosto de seu assistente emergiu em seu campo visual.

- A explosão ocorreu no estacionamento da Agência Espacial - disse ele com seu tom sério e objetivo. - Widman pereceu no mesmo momento, a mulher faleceu à caminho do hospital. Nenhum ferido. Uma de nossas equipes já se encontra no local.

- E quanto à investigação? - perguntou C573Y.

- As informações coletadas através da escuta confirmam que eles eram os informantes. Eva Dirac entrou em contacto junto deles para lhes apresentar um amigo. Foi esse amigo que invadiu o banco de dados da Agência...

- Ele teve acesso à documentos secretos sobre o Projeto Alpha Centauri?

- Ele foi hábil em não deixar suas pegadas. Ainda as estamos procurando.

- E quando se inicializará a digitalização cerebral de Widman e Yung?

- Em dez minutos. O departamento forense acaba de confirmar.

C573Y pensou por um segundo, repassando em sua mente todas as perguntas e dúvidas que o acometiam.

- Tem alguma ideia do motivo do ataque aos nossos bancos de dado?

- Segundo nossas investigações ambos não sabiam do real motivo. Mas Widman vinha preocupado, muito preocupado. Terrorismo, eu ouvi-lhe falar por vezes. Porém nada concreto, apenas suspeitas.

- Poderia ser um vírus.

- Eu chequei o software das Caravelas a procura de anomalias. Nenhuma até o momento - O ser virtual fez uma pausa. - No último sábado Widman voou até as Ilhas Maravilhosas. Ordenei que fosse seguido. Ele esteve no Overseas Bank, para efetuar a retirada de uma transferência, vinda de uma empresa que pertenceu a Nihil há cinquenta anos atrás.

- O líder dos Eleitos! - gritou C573Y.

- E cúmplice de Eva Dirac - completou seu assistente.

C573Y ainda podia se lembrar de quando ocorrera o surto de suicídios coletivos. Parecia que havia acontecido ontem. Um impressionante caso que manteve quarenta bilhões de espectadores conectados à história atentamente por mais de um mês e onde a Segurança concentrara suas equipes de investigação. A cada dia se descobriam mais mortes, espalhadas aos quatro cantos do mundo. América, Ásia, Europa... No fim, mais de mil corpos se contaram. Todos decapitados. Digitalização cerebral, era evidente.

Uma caçada sem precedentes começou através da Rede. A maioria dos suspeitos fora identificada e presa, porém quando a operação parecia se aproximar de um fim de sucesso, os poucos que ainda se encontravam livres desapareceram. Um mistério, assim como, em primeiro lugar, o motivo de sua digitalização.

- Nihil se mostrou novamente de forma megalomaniaca para começar uma nova fase de seu plano, eu temo - disse C573Y.

Seu assistente tinha um ar perplexo.

-Perguntei ao Departamento de Defesa sobre Eva Dirac. Tive de deixar subentendido que recorreria diretamente ao Presidente caso fosse negado. Obtive uma resposta satisfatória dentre outras informações. Eva Dirac foi parte dos Boinas Vermelhas.

As forças de Elite do Exército. Com treinamento perfeito e tecnologia inigualável. Os melhores soldados no Sistema Solar.

INFERNO

Nihil caminhava de um lado a outro em seu quarto; inquieto sentou-se à mesa e logo pôs-se a bater os dedos na superfície lisa de vidro. Seu rosto era emoldurado de cachos escuros e uma barba pontiaguda; seus olhos eram negros como carvão. Ao escutar alguém a bater em sua porta ele se pôs de pé novamente. Uma jovem adentrou a sala com a cabeça baixa, colocou uma bebida por sobre a mesa e se foi novamente sem fazer nenhum barulho.

Nihil recebeu uma mensagem.

TESTEMUNHAS ELIMINADAS – PISTAS APAGADAS

Desceu as escadas e pôs-se a fora. Seguiu por um caminho ladeado de velhas e monumentais árvores, passando por um grupo de dez ou mais seguidores que tentavam conduzir suas preces em voz alta n'um gramado de grama bem aparada. Duas crianças pularam d'uma cerca-viva gritando alegres, elas o rodearam e desapareceram por entre as árvores novamente. Ele continuou ao longo de um caminho sinuoso que seguia colina acima.

- Algumas semanas mais e estará tudo acabado - disse ele a si mesmo, contente.

Nihil deu-se um segundo em sua inquietação e parou a admirar-se na superfície d'um lago raso, como um dia fizera Narciso. Sua face disforme, grotesca e assimétrica e seu andar coxo agora eram memórias distantes. Ele se desfizera dessas imperfeições ao adentrar a Rede. Nihil sorriu. Olhava-o de volta da superfície do lago o rosto perfeito d'um androide.

Repentinamente sorveu-lhe um sentimento de raiva profunda, lembrou-se de seus pais que nunca haviam escondido o desapontamento ao ter um filho como ele, imperfeito, incapacitado desde seu nascimento, também lembrou-se das outras crianças em sua infância e adolescência que o haviam humilhado e caçoado cruelmente e incansavelmente, lhe chamando pela palavra do latim que significava o que ele personificava: nada. Ele a manteve através dos anos, como cicatriz da dor que se fora, mas o moldara, mantendo vivo seu desejo de vingança.

Ao crescer, ele os devolveu aquilo que o haviam dado durante toda a sua vida, e descobriu, com uma doce surpresa, que sentia imenso prazer com a dor alheia. Era impossível resistir, o que, progressivamente levou-o a estender sua raiva a inocentes, por somente prazer, ou raiva em si, ele já não sabia. Sua sede de poder também crescera fora de controle. Recordações lhe inundaram a mente de como ele passará noites sonhando em dominar os pobres seres humanos.

Ele tinha de satisfazer sua obsessão. Ele precisava de aliados, porém ele sabia que com sua natureza hostil e vingativa, ele faria de sua própria vida algo impossível de sustentar. Para alcançar seu objetivo ele tivera de aprender a arte de dominar seus próprios impulsos e subjugar mentes.

A oportunidade surgiu por fim, ao conhecer o dono de uma pequena comunidade: um homem de idade avançada e de muito carisma. Ele ganhara sua confiança fingindo-se ser uma pessoa de princípios sólidos e promotor de várias atividades filantrópicas. Logo ele

tornou-se seu homem de confiança, e, estudando o comportamento do velho homem, ele aprendera a ser tão habilidoso nas artes da retórica quanto ele. Quando a morte acometeu o velho homem, Nihil sucedeu-lhe como líder de sua pequena comunidade, de seu pequeno culto.

Ele levantou sua cabeça na direção do topo da colina.

- Foi nesse momento em que iniciei meu plano - disse a si mesmo.

Eles adentraram a Rede através de suicídios coletivos. Não fora uma vida fácil, tinham de viver no completo anonimato, porém fora suportável, já que o mundo virtual era controlado de forma deficiente. Alguns anos depois, no entanto, a repressão veio de forma cruel e quase dizimara a comunidade que haviam criado. Apenas ele e alguns outros conseguiram escapar.

Para concluir seu projeto, ele necessitava da dedicação incondicional de seus companheiros. Ele sabia que estavam todos em perigo, mas não havia outra escolha. Eles os revelou seu plano, destacando os aspectos de mais nobreza, e não mencionando o seu real propósito. Seus seguidores haviam concordado com entusiasmo e haviam começado a trabalhar de imediato. No entanto, a repressão exercida pela Segurança estava se tornando em demasia violenta, isso colocava em perigo a sobrevivência da pequena e determinada comunidade. Eles necessitavam de tecnologias inovadoras, de algo novo, não sabiam, porém, como obtê-las e menos ainda desenvolvê-las. Por sorte ele conhecera Eva Dirac. Ela havia criado softwares revolucionários, que fizeram a Segurança invulnerável.

Nihil sacodiu a cabeça.

Então se iniciaram os problemas.

Seguidores haviam tentado desafiar suas decisões no início. Quando ele impusera sua vontade, acusaram-no de ser intorelante. Opositores se enumeraram rapidamente e, durante uma discussão acalorada, o forçaram a aceitar a criação do Conselho. À primeira vista, Nihil havia absorvido o golpe, mas na verdade ele se sentirá traído.

Pegou uma pedra e lançou-a longe na superfície do lago.

- Não havia mais nada se não vingança.

Ele se voltou para o caminho que percorrera, viu que fora longo. Os discípulos que vira anteriormente agora não eram nada senão pequenos pontos no gramado distante. Eles são uma nova comunidade, criada no mundo real para evitar qualquer interferência, destinada a substituir os Eleitos.

Nihil retomou sua subida e em poucos minutos alcançou o topo. Apoiando as mãos nos quadris ele vislumbrou longínqua uma pequena vila.

Infelizmente não era possível a Nihil abandonar os Eleitos, precisava deles para realizar seus planos. Então, por alguns meses, ele havia ocultado sua ira, utilizando-se de todos seus recursos e vigor, e explorando seus conhecimentos. No momento certo, ele desaparecera sem deixar traços. Fora um trabalho perfeito em todos os detalhes.

Pôs-se colina abaixo novamente e quando estava próximo do gramado onde seus seguidores rezavam, seu assistente apareceu dobrando um canto no caminho à frente.

- Um noviço foi pego dentro de seus aposentos particulares, senhor.

Eles seguiram pelo caminho de volta juntos, com passos acelerados. Finalmente quando chegaram à sua casa, eles percorreram as escadas até a sala de reunião. Um jovem estava ao centro, com medo evidente em sua face, rodeado por cinco dos seguidores de Nihil. Ele chamou dois deles, os de mais confiança.

- Vocês permaneçam aqui, os demais devem se retirar.

Assim que a porta se fechara, ele lançou um olhar fulminante ao jovem discípulo.

- O que fazia aqui?

O noviço permaneceu em silêncio.

- Se não me contar a verdade, garanto que irá se arrepender.

Agora o rapaz tinha os olhos fixos no vazio.

Nihil se dirigiu a seu assistente.

- Traga-me os registros de hoje.

O seguidor regressou após alguns minutos de posse de um projetor, que ele colocou sobre a mesa. A projeção iniciou-se e o garoto pode ser visto adentrando o quarto de Nihil e vasculhando suas gavetas. Era de fato um espião.

- Segure-o firme - ordenou o líder dos Eleitos enquanto movia-se por detrás do noviço.

Ele tomou o braço do jovem e o retorceu às suas costas. O rapaz gritou, se inclinou e caiu de lado. Os homens que o seguravam tentaram endireita-lo.

Nihil se dirigiu até a janela e fitou o céu e paisagem longínquos. O céu estava claro; o vento cortava de tempos em tempos o fino jato d'água que jorrava na fonte ao centro da pequena praça.

- Tragam-me os pertences do traidor.

Seu assistente retirou-se e voltou em poucos minutos com um saco em suas mãos. Nihil o agarrou e espalhou os pertences pela extensão da mesa, procurando freneticamente.

- Uma micromemória! - disse Nihil e pôs-se a baixar os e-mails que continham o pequeno dispositivo achado dentre os pertences do rapaz, comparando-os com endereços que pertenciam aos Eleitos. O nome de um conselheiro apareceu em seu campo visual. Sua face estava púrpura de raiva contida quando se dirigiu aos outros.

- Volto n'um instante.

Desceu as escadas e pôs-se a fora, batendo a porta atrás de si. Se apressou por um caminho. Um garoto correu ao seu encontro, ele o empurrou para longe.

Gritos excitados despontaram longe. Três mães reuniam seus filhos que brincavam no gramado. Um pequeno chapéu vermelho voou para longe com a força do vento. Vinda das montanhas, densas nuvens negras se aproximavam.

Nihil se deteve entre duas cercas vivas.

- O noviço serve Wing. Talvez já o tenha transmitido alguma informação. Irei me livrar de ambos!

Nihil se pôs em contato com um assassino imediatamente, proveu as informações pessoais do conselheiro e concordou com o preço imposto. Logo após ele ordenou que sua empresa nas Ilhas Maravilhosas fizesse a transferência do montante combinado. Tudo em poucos minutos.

- Agora é hora de lidar com o noviço.

Ele voltou aos seus aposentos. O rapaz estava caído ao piso, completamente nu, rodeado por seus torturadores. Branco como um verme.

- Conseguiram desbloquear seu chip neuronal?

- Ele tem resistido a tortura.

- Faça com que se ajoelhe.

Os dois homens agarraram o rapaz fortemente pelos braços e forçaram-no de

joelhos.

- Esta é a última vez que irei perguntar - disse Nihil olhando fixamente para os hematomas na face do rapaz. - Quem o enviou?

O outro se manteve em silêncio. Nihil se aproximou dele então com um sorriso debochado.

- Não importa. Já sei quem é.

Os olhos do jovem estavam a brilhar com suas lágrimas. O líder dos Eleitos se colocou por detrás dele. Acariciou seu pescoço, pegou suavemente sua cabeça entre suas mãos. Permaneceu imóvel por um segundo. Em seguida, apertou-a com força. A cabeça do noviço esmagou-se como um melão maduro.

- Queimem o corpo, e não digam uma palavra sobre isso se não quiserem ter o mesmo fim.

Nihil desceu as escadas rapidamente. Grandes gotas golpeavam as janelas dos andares superiores. As calhas emitiram um estrondo.

Abriu uma porta de vidro e adentrou um salão adornado com guirlandas onde pessoas trabalhavam. Pessoas ocupadas. Faces sorridentes.

- Em que etapa se encontram os preparativos?

ILHAS MARAVILHOSAS

@

“As Ilhas Maravilhosas são consideradas um dos mais encantadores lugares na Rede. Uma exuberante vegetação cobre a maior parte de sua superfície, cortada por extensões de cor amarelada, vermelha e de um azul escuro. Flores de todos os tamanhos se espalham pelas suas praias, vilarejos e aldeias, e assim tudo é coberto de um agradável perfume. A costa é pontuada por diversas baías que se alternam em praias da mais branca areia já vista e rochas estriadas de negro e ocre.

Seu mar é povoado por uma infinidade de corais e peixes coloridos. E não é de estranhar que sejam essas ilhas exclusivas para àqueles que gostam de boas férias. Os bangalôs, escondidos dentre a imensidão de verde oferecem todo conforto e privacidade que os clientes mais exigentes vem a requisitar.

Desde que o País se tornou independente, há cinquenta anos, o governo das Ilhas Maravilhoas vem introduzindo incentivos fiscais que são favoráveis aos investidores estrangeiros, aprovando leis que permitem a acomodação e a administração de contas bancárias e empresas em total anonimato. Essas facilidades atraem as empresas mais importantes de todo o Sistema Solar, assim como outras menores e investidores privados.

Porém há apenas alguns anos corrupção começou a se infiltrar nas instituições. Desde então o País tem passado por mudanças dramáticas. Lavagem de dinheiro e comércio ilegal se tornaram atividades frequentes, e o que é pior, toda a riqueza que entrava vinda do exterior se tornou ferramenta de chantagem.

Quando a Confederação solicitou que as Ilhas Maravilhosas assinassem um termo de transparência fiscal, eles foram recusados de forma definitiva. Outras propostas se seguiram, todas falharam. Ânimos se tornaram exaltados e mesmo ameaças e sanções comerciais não surtiram efeito.

Atualmente a situação é aquela de calma antes da tempestade. O Presidente cessou seus ultimatos e agora argumenta que somente uma invasão pode destravar a situação. Tropas se acumulam em suas fronteiras. Informações apontam que as Forças de Elite e Inteligência se infiltraram na rede inimiga...”

Crônicas do Sistema Solar, 5 de fevereiro de 2300. “Além dos paraísos fiscais.”

UMA ESTRANHA PESSOA

@

Uma mulher estava a nadar poucos metros acima de um recife de corais, diringindo-se a praia de areia muito branca. Um cardume se dispersou ao ela chegar enquanto uma moreia apenas espiou-a passar de dentro de seu esconderijo.

Ela se laventou do mar, assomada por seus ombros atléticos e seu esbelto par de pernas, caminhando dotada de graça por sobre a extensão de branca areia. Sua tez de marfim e seus cabelos de cor louro-prata fazem-na assemelhar-se a um anjo, porém seus olhos são frios.

Ao perpassar metade do caminho ela se voltou. Nas águas cristalinas, pontos turquesa e azul-escuro estão a seguir um ao outro. Contra o horizonte, finas nuvens se assomam.

A mulher fez seu caminho através de arbustos de orquídeas, deleitou-se da sombra passageira que lhe proveram palmeiras e se deu n'um campo com uma impecável cabana no centro. Ela se aproximou e recostou-se n'uma cadeira, à sombra fresca da varanda, enquanto ao fundo podia se ouvir música caribenha. Logo apareceu um garçom, que deixou um coquetel sobre uma pequena mesa de bambu.

Ela se sentiu tremendamente satisfeita de haver adquirido aquele atol, mesmo que virtual, perfeito em cada detalhe parecia-lhe real. Fora anos atrás, em que ela tropeçara no anúncio de venda da pequena ilha; ela quis visitá-la, e ao fazê-lo ficara tão maravilhada que pagara uma exorbitante quantia por ela.

Porém agora era hora de se pôr ao trabalho. Ela ligou para sua secretária e logo ela se apresentou de face sorridente em seu campo visual.

- Chegaram instruções? - perguntou a mulher.
- Cá estão. Necessita de algo mais?

Ela correu seus olhos pelo conteúdo apresentado.

- No momento não, obrigada.

Assim que desaparecera a pequena figura, ela examinou mais atentamente e solitação. Em seguida, pôs-se a traçar um plano. Ela, uma mestre em seu campo de conhecimento, uma peça única, capaz de provocar a admiração até de inimigos jurados. Após várias tentativas ela produz uma ideia satisfatória. Desta vez ela iria se superar, criando uma obra-prima, estava certa disso. Ela precisava cuidar de cada pequeno detalhe para que este trabalho fosse perfeito. A mulher adentrou sua cabana e se dirigiu a sala de estar.

- Mostre-me alguns trajes de época - ela ordenou ao computador.
- Período?
- Século XVIII.

Roupas para homens e mulheres apareceram pairando ao ar. Ela se pôs a examinar saias em forma de sino e espartilhos de renda.

- Me pergunto se poderiam encaixar-se.

Se deteve por alguns segundos defronte uma vestimenta de cor negra e corte austero.

- Bom, coloque-a de lado.

Uma mão invisível moveu-o a um canto.

- Já que selecionou uma vestimenta de gala masculina - apontou o computador - imagino que deseje também mudar sua aparência.

Diversas sugestões se materializaram defronte seus olhos. Jovens e velhos, loiros e morenos. Ela passou um olhar de zombaria por vários deles.

- Não me agrada n'algum. Mostre-me outros.

Desapareceram n'um instante. Ela pôs se a analisar outras figuras masculinas por alguns instantes e finalmente se deteve frente a um homem alto.

- Que magnífico cabelo negro!

Ela passou sua mão por seu cabelo

- Quero este.

A figura masculina caminhou mansamente como a um cordeiro, deteu-se ao lado do traje previamente escolhido.

- Precisa de algo mais? - perguntou o computador.

- Você pode se retirar.

A mulher apreciou suas escolhas.

- Agora devo me preparar.

Aproximou-se d'um espelho e tomou nas mãos um bisturi, colocando-o em sua testa e cortado sua face aberta de cima a baixo, através da pele até seu púbis. Pegando as bordas que se formaram logo abaixo de seu peito ela o puxa até que se rasguem, liberando ao ar uma neblina luminosa. Prosseguiu até que toda a cobertura fosse retirada. Ela se aproximou de sua nova figura e deixou que suas características se espalhassem por seu corpo. Por fim, ela vestiu seus trajes.

Agora, com a transformação completa, se encontrava no quarto um homem de pele negra e barba bem aparada, vestindo uma capa negra e chapéu bicórnio. Ele se enrolou em sua capa e desapareceu no ar em um momento com um brilho intenso.

Reapareceu n'um lugar distante da Rede, ao meio de uma travessa ladeada de estreitas casas medievais. Paredes a se despedaçam e roupas a pendurar-se das janelas. Um densa neblina, precipitando-se por entre as rachaduras d'um edifício roído pelo tempo. Um odor salobre, um frio cortante. Ele agarrou sua capa, trazendo-a para mais perto de seu corpo e massageou seus ombros vigorosamente, então colocou-se a caminhar a frente, assobiando uma canção alegre.

Após um minuto ele se deu n'uma rua pavimentada que corria junto a um canal. Dirigiu-se a porta d'um palácio de mármore, de janelas estreitas que terminam pontudas. Se deteve diante dela. Poucos pedestres perpassavam o local. Uma carroça, puxada por dois cavalos negros, aproximou-se fazendo barulho.

Lentamente a neblina se esvaiu. Nas janelas brilhavam as primeiras luzes. O silêncio somente era quebrado pela água a bater nos bancos de areia e marinheiros a anunciar sua chegada.

As vozes se silenciaram.

De repente, desde o meio do canal, uma tênue luz se precipita cortando a neblina, seguida por uma solitária figura que insiste em remar seu barco com um único remo, empurrando-se através do canal.

INVESTIGAÇÕES

Era um jantar de gala. Mesas grandes e redondas cobertas de um tecido azul escuro, e, por sobre elas, cálices, porcelana e talheres, todos adornados com o símbolo da Confederação, quatro estrelas d'ouro sobre um escudo turquesa, somando o número de mundos habitados no Sistema Solar. Candelabros de cristal cuja cor rubi combinava perfeitamente com o vermelho damasco das tapeçarias. Dezenas de garçons moviam-se lá e dá no salão, com suas roupas brancas.

Defronte a bandeira da Confederação entendia-se uma mesa decorada em sua longa extensão por flores de peônia de cor rosada. O Presidente sentava-se ao centro, rodeado dos bastiões do Executivo. C573Y estava dentre deles, ocupado a conversar com um senador através de seu chip neural, por razões de confidencialidade.

- A que passo anda a aprovação para a invasão.
- Há uma hora o líder da oposição assentiu para com o plano.
- Alguma previsão para uma ratificação oficial?
- O Parlamento se reunirá amanhã pela tarde, pelo início da noite tudo estará concluído.

No campo de visão de C573Y apareceu uma mensagem. Era seu assistente virtual, solicitando uma reunião urgente. O oficial despediu-se do senador rumou a uma sala menor.

O chip neuronal lhe transmitia a imagem de seu assistente.

- Ontem, a companhia que Nihil detém fez uma segunda transferência de seus fundos. Mil solares, a mesma quantidade de dinheiro utilizada para subornar os empregados da Agência Espacial. Nossos agentes se dirigiram ao escritório do intermediário da transação junto de um investigador local. A revista policial e o subsequente interrogatório não surtiram n'algum resultado. De forma que foi ordenada a violação de seu chip neural.

C573Y cerrou seus punhos com força.

- O que fora extraído no interrogatório era a verdade. O intermediário não se lembrava de nada, pode-se constatar. Ao fim da transação foi lhe inserido um parasita eletrônico em seu lobo frontal que apagara todos os traços da operação. No entanto, um programa oculto no computador do banco permitiu-nos descobrir que o montante fora transferido para um homem de negócios nas Ilhas Maravilhosas.

- O presidente ordenou a invasão das Ilhas Maravilhosas, que ocorrerá dentro de algumas semanas - revelou C573Y. - Este é o momento certo para uma intervenção por parte de nossa equipe, não podemos esperar. Pedirei a autorização pessoalmente.

- Esta operação ocorrerá n'um país estrangeiro, ele desejará confiá-la ao seu serviço secreto e de inteligência.

- Insistirei em pelo menos indicar o comandante da operação junto da Segurança.

ATERRISSAGEM

@

Os ovoides, ocultos de qualquer sistema de vigilância, cruzaram de leve a pele do oceano, deixando um sulco na superfície uniforme e um rastro de espuma.

À bordo, ao longo da fuselagem, estavam as Forças Especiais de Segurança. Muidos de armas de guerra e poderosos escudos. Ao fundo da aeronave, cobertas por redes de malha, empilhavam-se caixas de metal.

- O vento está aumentando - anunciou o Capitão. - Um ciclone está a chegar.

Nuvens baixas e negras, onde raramente pequenos raios de luz da Lua conseguiam ultrapassar para iluminar a vasta superfície das águas em flashes prateados.

No horizonte, se assomavam os edifícios do centro da cidade. Guirlandas de luzes coroavam a baía.

Antes de chegar à costa, os ovoides viraram-se para a direita.

- O atol está a vinte quilômetros de adentrar a tempestade - gritou o Capitão.

À frente, lampejos iluminavam o mar ao som de trovões, penetrando-se nas águas. Ondas colossais se espalhavam em todas as direções em meio à uma espessa neblina vinda da água vaporizada.

Escarpas emergiram-se do oceano, tomando a forma da mão de um gigante, cujo topo tinha mais de cinquenta metros de altura. As ondas assolavam os recifes impiedosamente, deixando rastros de espuma branca.

O ciclone tornou à esquerda, lambendo as rochas e encarrapitando-se à borda delas.

A cabana se encontrava além de um despenhadeiro, próxima da praia, aparentemente indefesa e solitária. O covil de um criminoso.

As aeronaves abriram-se como as pernas d'uma aranha, começando o cerco.

O ovoide do Capitão aterrizou na praia.

Apenas doze horas atrás encontravam-se ali altivas palmeiras e areias de puro branco. Um paraíso na terra. Agora, um inferno.

Ventanias de areia lhes cortavam a respiração, jorros de cascalho e outros sedimentos menores martelavam seus escudos. Às suas costas, o mar estava em fúria. Paredes de água se encaravam e desintegravam-se n'uma explosão de espuma branca. Um vento uivante gritava, ensurdecedor.

Encurvados e com armas prontas, os soldados caminham através de um caminho enlameado até um campo onde palmeiras ou faziam reverência, dobradas pelo vento.

O Capitão pulou sobre um tronco que fora arrancado da terra pela força da tormenta, olhando fixamente para os cinco pequenos pontos vermelhos que apareceram em seu campo visual, agora convertendo-se ao centro.

Então se deteve. O cerco estava completo. A cabana estava a apenas cinquenta metros, n'um aterro..

Se aproximaram silenciosamente por todas as direções.

Estavam prontos.

Arrombaram a porta e invadiram, de armas apontadas.

Quartel-General da Segurança, duas horas depois.

- Ele conseguiu escapar!

O holograma do Capitão, ainda recuperando-se da adrenalina que o invadira durante toda a missão, aproximou-se de passos longos.

- Um de seus empregados o viu antes que saísse. Adotara a aparência de um homem moreno com um traje negro estranho. Não os informou aonde ia. Nós interrogamos todo seu pessoal, sem suspeitas. Grande classe, foi o que disseram, uma boa pessoa.

Sorveu a respiração de volta.

- Nós capturamos sua secretária virtual em um diretório encriptado. Um bom esconderijo. Estava aparentemente disposta a cooperar, mas mudou rapidamente de ideia. Fizemos ameaças, no passo em que ela somente nos respondeu que não tínhamos meios de feri-la.

C573Y suspirou.

- Ela, claro, não nos conhece - disse ele.

- Começamos a apagar seus programas, um por um - continuou o Capitão. -

Quando ela percebeu que a estamos destruindo peça por peça, começou a cuspir tudo que sabia. Seu chefe é um dos empresários mais ricos de seu país, com um passatempo peculiar: matar por dinheiro, um assassino, o melhor do mercado. Ele recebeu o dinheiro, mas ela desconhece, aparentemente, a razão e não tem ideia de onde ele está no momento. Antes que partisse, ela o entregou um arquivo. Instruções, eu suponho.

- Averigou a veracidade do que ela dizia?

- Tivemos acesso ao seu código de memória. Encontramos uma velha imagem de Nihil com o assassino na praia. O líder dos Eleitos visita a ilha ao menos uma vez por ano. Os dois são amigos, evidentemente.

- Tem alguma imagem do assassino?

- O empregado que o viu de relance não se lembra o suficiente para o identificarmos. Tenho os melhores programas de busca em seu rastro, mas dúvido que possamos encontrá-lo em tempo.

DESPEDIDA

@

A chuva terminou rápida e o vento a levou para longe da floresta de pinheiros. Havia um aroma de resina e solo molhado no ar. Victoria estava sentada n'uma cerca a olhar os potros correndo de um lado ao outro espalhando lama e água suja.

Havia muitos anos que vira cavalos, estes treinados, a correr junto de seus tratadores, fora essa a primeira vez em que James se aproximara dela, ela se lembrava. O início d'um sonho que ela pensara eterno.

James aproximou-se rapidamente. Victoria saltou da cerca e correu ao encontro demseu amado.

- Vim assim que ligou - ele disse, arfando e aplicando-a um beijo nos lábios. - Senti saudades. Aproveitou suas férias?

- Minha amiga não me deixou ir - respondeu Victoria. - Já providenciou minha Gynoid?

- Enquanto você esteve fora, a lei que torna a Desumanização obrigatória foi sancionada.

Victoria ficou rígida e tensa.

- E isso vale a todos os seres digitais?

James assentiu.

- Então não nos resta nada senão continuar da maneira em que estamos... - murmurou Victoria. - Nos dias em que se seguirem. Tentarei sempre ser a pessoa que você conhece.

James hesitou por um segundo.

- Depois da desumanização, creio que me evitará, para se aproximar mais dos que são como você, o que é natural, eu entendo.

- Isso é só o que você pensa! - explodiu Victoria. - A verdade é que você não tem coragem suficiente!

Silêncio.

O homem balançou sua cabeça de um lado ao outro e caminhou até o cercado. Ele se apoiou na cerca e pôs-se a olhar uma égua acariciar seu potro com o focinho. Ele olhou para o céu, distraído por gritos agudos. Longe, gaivotas estavam voando em círculos sobre o mar inquieto.

- Podemos tentar - ele disse por fim.

Victoria cruzou seus braços.

- Não tem sentido alguma fazê-lo agora, James. Você já se deu por vencido.

James se afastou e sem dizer uma palavra mais, desapareceu..

Victoria permaneceu imóvel, mirando o vazio, como se ela estivesse a viver uma experiência surreal. À medida que sua tensão se liberava, o que antes era uma fria determinação se tornou remorso. Um profundo remorso. Se voltou novamente até o cercado com a face perdida e confusa. O garoto que estava a cuidar dos cavalos agora os guiava através de um portal em forma de arco, eles a lembraram fantasmas. Seus relinchos distantes demais para serem escutados.

Caíram então as primeiras gotas; grandes manchas negras na terra seca. Aproximando-se por sobre o topo das árvores vinham densas nuvens. Onde as áridas

dunas tomavam o lugar da grama fofa, no distante mar, tempestades de areia atrapalhavam a visão. O ar estava parado.

Um vento gelado a golpeou e uma torrente forte de chuva a estapeou a face. Ela vestiu sua jaqueta rapidamente com uma mão em seus cabelos e rumou para uma cabana de teto de juncos, trancou a porta e prostrou-se detrás d'uma janela. Agora toda a área estava sendo varrida por rajadas de vento e areia, dobrando os jovens pinheiros próximos da cerca como a gravetos, enquanto as poças d'água alargavam-se rapidamente. O cômodo foi invadido pela vívida luz de trovões e seu estrondo pareceu penetrar os ossos de Victoria. Ela fechou os olhos e respirou profundamente tentando acalmar-se. Tudo ao seu redor eram assovios e estardalhaço.

De repente, tudo se dissolveu.

SEDUÇÃO

@

Os discípulos desceram por uma escada em espiral iluminada por archotes nas paredes. Eles se dirigiram a um corredor e se deram na cripta, um salão com oito colunas a suportar um teto baixo. Se arrajaram em círculos e manteram-se calados. Contavam vinte no total. O ar estava aromado de especiarias e a música ao fundo lhes concedia um ar de paz.

Eva chegou vestindo uma túnica branca aberta até seus quadris e um véu sobre sua cabeça. O círculo se abriu e ela dirigiu-se ao centro. Assim que cessara a música ela deixou cair o véu sobre os seus ombros e disse n'uma voz alta.

- O Conselho me concedeu a honra de ser mãe. Uma tarefa que aceito com alegria, pois apenas unidos sobreviveremos.

Ela se deteve. Victoria entrara na sala de repente com uma expressão confusa em sua face.

Eva estendeu-lhe os braços.

- Hoje é um grande dia. Victoria participará da cerimônia também.

O círculo se abriu e Victoria adentrou-o também. A música iniciou-se novamente e Eva deixou cair sua túnica revelando sua nudez, seu pálido corpo era caprichosamente esculpido e sua pele era como porcelana. O grupo também o fez. Victoria hesitou por um segundo e então, com um suspiro, deixou cair sua túnica.

Eva estendeu seus braços para um homem de tez negra e corpo definido, que se afastou do grupo em direção a ela. Ele deitou-se aos pés dela e ela pôs-se sobre ele. Victoria os olhava com cuidado até que um casulo de luz os envolveu e os escondeu das vistas do grupo. Ouvia-se, Victoria refletiu, que sensações tão fortes como aquelas uma vez experimentadas poderiam levar ao vício. Suspiros ecoam prologadamente pela cripta imitando o som do vento a achar seu caminho por uma densa floresta. Os discípulos levantaram seus braços, se balançando e entoando uma canção excitada... Um momento depois eles começaram a se mostrar inquietos tão qual ondas n'um mar agitado, cantando em sons guturais.

Depois de alguns minutos, quando os cantos desvaneceram-se lentamente, o brilho que envolvia o casal cessou-se e eles puderam ser vistos novamente. Sobre seus braços, Eva apoiou-se no homem e eles se separaram n'um lampejo de luz. Ele retornou ao grupo e Eva voltou-se para Victoria, estendendo-lhe os braços.

- Agora é sua vez.

Todos os olhares voltaram-se a ela, porém Victoria não importou-se. Mirando o vazio ela caminhou até o centro junto de Victoria com passos cuidadosos. Eva, que agora encontrava-se deitada aos pés de Victoria, fez-lhe sinal para que ela se aproximasse dela. Relaxada e de cabeça leve, ela deitou-se sobre sua companheira e pouco antes que seus corpos se tocassem, Victoria fechou seus olhos. Suas peles se tocaram e Victoria sentiu a pela macia de Eva contra a sua, um sentimento de ternura a invadiu e ela sorriu. O casulo de luz as envolveu.

A respiração de Eva era morna, reconfortante, seus lábios eram carnudos...

Uma voz carinhosa invadiu a mente de Victoria, e falou-a com doçura.

- Sempre soube que viria.

- Nunca deixei de sonhar com este momento.

- Me beije.

Ela se deixou ir n'um ato de paixão e ternura.

Enquanto Victoria ainda seguia-se confusa, Eva lhe murmurou.

-Estou começando a extrair seu código genético.

Uma bola de fogo se propagou por sobre a barriga de Victoria, subiu por seu peito até sua cabeça. Ela se sentiu aturdida. Como em uma corredeira, imagens, sons, emoções, desejos, anseios, medos, amores, tudo perpassou sua mente n'um piscar de olhos... Toda a vida de Eva fluía para dentro de cada fibra em seu corpo, fazendo-a se tornar parte de Victoria.

Incapaz de pensar, Victoria se entregou ao mar tempestuoso.

Ela arfou e tremeu,

sorriu

gemeu,

uma vez e outra

e outra e outra.

Em êxtase

mais e cada vez mais...

(AMAR É COMPARTILHAR)

Todo o ser de Victoria se abriu, revelando e deixando fluir tudo que ela era, toda a sua essência.

Continuamente, até o fim.

Ela estava exausta, em seu coração a paz era leve.

Finalmente sentiu-se serena.

A consciência de Eva adentrou-a e a sua própria agora era parte de Eva.

Assim como n'um sonho, Victoria encontrou-se sobre a superfície de um mar agitado cor de cobalto. Um bando de gaivotas pairava sobre a extensão onde refletiam-se tons de prata, belos tons de prata. A brisa levou-a até um penhasco e além deles, até um floresta de um verde maravilho. Ela acordou com seu corpo suado.

Eva estava a lhe sorriu a poucos centímetros de sua face.

-Como você se sentiu?

-Estou abalada, emocionada.

- Cuidado ao se levantar, pode se sentir um pouco tonta. É normal na primeira vez, vai durar apenas alguns minutos. Um dos discípulos lhe ajudará.

Victoria foi levada por uma mão invível até o grupo, apoiando-se sobre o braço do estranho, tomou novamente seu lugar no círculo. Ela permaneceu imóvel, ainda abalada por suas emoções, enquanto os demais participantes um por vez adentravam o casulo de luz junto de Eva.

No fim, uma luz cegante jorrou dos olhos de Eva.

- Amanhã irei apresentá-los nosso filho - ela disse ao se levantar. - Agradeço a todos vocês, mas especialmente a Victoria que participou junto de mim, pela primeira vez.

A música se iniciou alta novamente. Eva desapareceu e seguiram-na todos os outros. No fim, sombras engoliram o salão.

APRESENTAÇÃO

@

- Eu sou Adão, seu filho.

O coração de Victoria pareceu pular uma batida. Na Rede, os seres digitais cresciam rapidamente, apenas o tempo necessário para que se instalassem os programas necessários. O jovem tinha a imponente altura de James, seus traços marcantes e o cabelo grosso que ela tanto amava.

- Suas lembranças estão gravadas em mim, assim como seus desejos - ele continuou. - Nós somos ao mesmo um, e dois seres diferentes. Me faltava apenas esse momento para que a conhecesse completamente.

Ela descansou sua cabeça sobre o peito de Adão. A ternura na pele dele...

Passaram-se algumas horas e então tomou lugar a apresentação oficial. O ar era de agitação, como aquela que acomete os ansiosos por um grande evento. Adão se encontrava no centro da cripta, todos seus pais ao seu redor, competindo para trocar uma palavra com ele. Um homem de tez negra e aparência escultural adentrou a sala após passados alguns minutos.

- Me dêem licença, por favor - disse o jovem e sem mais nada a acrescentar se dirigiu ao recém-chegado. Os dois se encontraram à meio-caminho e se abraçaram.

- Sua vida me é um exemplo - disse Adão.

- Você tem uma mãe excepcional; nunca se esqueça de que Eva é única.

Os dois então começaram a caminhar para longe do grupo e compartilhar histórias e experiências, com a familiaridade de dois amigos que se encontravam depois de muito tempo.

- Quem é aquele homem? - perguntou Victoria à Eva.

- Ele é alguém que não hesitou em sacrificar tudo que tinha pela luta pelos Direitos Civis e que agora a continua na Rede. Ele é um exemplo para todos nós e um amigo muito querido. Ele é Martin Wing.

Victoria, assomada de surpresa, emudeceu. Ela havia tido um filho com um dos homens mais importantes do Sistema Solar, um mito para aqueles que, como ela, acredita na igualdade.

O CARNAVAL DE VENEZA

@

Eles se encontravam ao final de uma viela flanqueada por casas de aspecto medieval. Victoria desviou seu caminhar de uma poça d'água fétida enquanto estava a examinar sua fantasia: uma saia de amarelo damasco que lhe descia até os calcanhares e um espartilho de renda com um profundo decote em forma de U. O frio a fazia tremer. Ela cobriu seus ombros com uma pequena capa dourada. Adão estava a alguns passos de distância. Vestia calções negros que se estendiam até seus joelhos, e meias, uma jaqueta de veludo para acompanhar. Ele arrumou sua peruca e colocou um chapéu emplumado olhando à volta de si. De uma porta semi-aberta veio o berro d'um gato, seguido imediatamente do bichano em disparada por entre suas pernas, indo perder-se por sobre uma pilha de lixo e além.

Adão caminhou uns poucos passos rua acima até uma praça.

- Parece-me que estamos no lugar certo.

Victoria mirou-o e vestiu sua máscara.

- Ora, então vamos!

De braços dados eles adentraram uma praça onde senhoritas e senhoras vestidos em fantasia como eles próprios dançavam ante quatro músicos. Eles passaram por um vendedor de bolinhos; um fedor de gordura queimada impregnava o ar.

Adão aproximou-se de uma porta descascada.

- O compromisso marcado com nosso guia é às dez - disse ele, pensativo.

Eles adentraram um corredor onde um contorcionista rodeado de uma dúzia de espectadores estava a apresentar-se. As pessoas o aplaudiam. N'outro canto, três homens estavam a conversar enquanto fumavam longos cachimbos.

Um homem que trajava uma máscara de cor branca deixou o grupo a aplaudir o contorcionista e deslocou-se até eles. Em frente ao casal ele curvou-se levemente e tirou seu chapéu.

- Bom dia à vocês. Eu sou seu guia.

Adão checou o código de identificação do recém-chegado.

- Sigamos em frente - assentiu ele.

Os três saíram para a rua, misturando-se à reconstrução histórica do Carnaval de Veneza.

- Preste atenção nos mascarados - advertiu o guia. - Eles escondem batedores de carteiras, prostitutas e outros tipos de pessoas, por vezes criminosos mais graves. A cidade está a trabalhar nisso, mas é difícil resolver o problema.

Eles passaram por dois policiais que estavam a conversar.

- Quem quer que seja encontrado de posse d'uma arma é enviado diretamente à cadeia. Mesmo que sejam cidadãos honestos - informou-lhes o guia.

O pequeno grupo caminhou a frente ao largo d'um palácio de janelas em forma de trevos.

- Um salão de jogos de azar, um dos poucos lugares, juntamente com igrejas e conventos, onde as máscaras são proibidas.

Caminharam mais alguns passos e pararam a admirar uma fileira de edifícios renascentistas.

- Esses são palácios abandonados. Os de mais riqueza que os habitavam mudaram-se para vilas fora da ilha ou caíram em desgraça.

N'uma esquina um mendigo posto de joelhos estava a esticar seu chapéu acometido de uma tremedeira. O guia jogou-lhe uma moeda.

- Vocês ouviram sobre o Doge, eu presumo - disse-lhes o guia.

- A autoridade máxima da cidade! - exclamou Victoria.

- N'um'outra época os nobres costumavam recorrer à meios corruptos para se elegerem. Hoje os teatros estão empanturrados de espetáculos a ridicularizar-los. O Doge não tem mais poder. Os aristocratas não o permitem sair de seu palácio sem escolta e caso ele queria renunciar de seu mandato seus bens serão confiscados e sua vida atentada; não pode ele esperar que sua prisão termine, seu mandato é vitalício. Inevitavelmente os melhores... elementos mantem-se longe dessa posição.

- Você conhece Giacommo Casanova? - perguntou Victoria.

- Há alguns anos ele foi preso n'um lugar não muito longe daqui, a prisão Piombi, acusado de bruxaria. Mas ele era somente um charlatão. Aquele nunca topou com nada que fosse certo, nunca logrou nada bom. Ele foi expulso de um seminário por conduta imortal. Em Roma, foi demitido por um cardeal. Em Veneza acabou na prisão. Há um ano, creio, conseguiu fugir.

- Ao menos as senhoritas poderão desfrutar de sua fuga... - suspirou Victoria.

- Perderiam o entusiasmo caso soubessem de seus... assuntos com homens! - disse o guia e deu-lhe uma piscadela.

Eles caminharam por mais dez minutos e então o guia parou na metade d'uma rua.

- O Voo do Anjo, na Praça de São Marcos! - ele disse.

- Como? - perguntou Adão.

- A celebração mais importante do nosso Carnaval aqui em Veneza, ela toma lugar na quinta-feira antes do início da Quaresma.

Os três adentraram um labirinto de cercas-vivas e depois do que lhes pareceu meia hora, deram-se n'uma esparsa área pavimentada, rodeada em três lados por construções de aspecto renascentista e à frente deles uma basílica de estilo Gótico-Bizantino, com cinco entradas e a mesma quantidade de cúpulas.

- Cá está, a Praça de São Marcos, a maior da cidade - anunciou o veneziano cheio de orgulho. Um imenso salão ao ar livre. Todos nos invejam! Esse é o único lugar na cidade que nós venezianos dignamo-nos chamar de "praça"; os demais apenas rotulamos como "campos".

O badalar de sinos o interrompeu.

- Meio-dia! O espetáculo está a começar.

Eles se apressaram por debaixo d'um arco ao longo d'um caminho onde tavernas e lojinhas se alternavam, atulhado de pessoas mascaradas. Eles, já no fim da galeria, cortaram através da praça, passando pela faixa da igreja decorada com mosaicos. Um bando de pombos cinzentos se alinhava à frente deles. Enquanto isso o badalar de sinos continuava. Victoria se voltou. No terraço da construção atrás dela, dois autômatos estavam a soar os sinos munidos de martelos.

- Os Mouros - informou-lhe seu guia pontualmente. - Eles são parte d'um relógio mecânico de veras antigo, junto do quadrante astronômico que pode observar abaixo deles, e a Procissão dos Reis-Magos.

Adentraram outra praça. À sua direita encontrava-se uma torre de sino com

uma espiral que arranhava os céus. À sua frente, as plácidas águas d'uma lagoa se estendiam e à esquerda, próxima à Basílica, estava uma estrutura de mármore com uma arcada dominada por uma lógia. Sua fachada era uma sucessão de esculturas cavadas na pedra, como que feitas de renda, que concediam ao palácio harmonia e leveza.

O guia abriu seus braços n'um gesto teatral.

- O Palácio do Doge, residência da máxima autoridade de nossa cidade, sede do Governo e Palácio da Justiça!

As duas praças começaram a se encher de pessoas a se acotovelar por um lugar. Eles todos estavam a assistir um homem munido de falsas asas equilibrando-se n'um corda bamba. Ele andava de passos cautelosos entre a Torre do Sino e a varanda do Palácio do Doge, onde pareceu a Victoria que pessoas importantes o esperavam.

- O Doge é aquele com o chapéu em forma de chifres - apontou-lhes o guia. - Membros do governos e outros nobres estão ao redor dele. Os outros, que podem ver vestidos de forma exótica, são embaixadores e diplomatas estrangeiros, convidados do Doge.

Quando o acrobata pulou habilmente para dentro da varanda o Doge se curvou levemente a ele e lhe presenteou com um ramo de margaridas. Abaixo a multidão explodiu em aplausos.

Adão se voltou a Victoria.

- Hora do jantar!

Ele tomou sua mãe pela mão e levou-a através da multidão, abrindo caminho em direção ao Palácio do Doge. Eles passaram por duas filas de guardas atentos à entrada do palácio, com suas armaduras brilhantes e suas longas alabardas.

- Esparei por vocês no pátio, vou-me para junto de meus conterrâneos - disse-lhes o guia e foi-se com um aceno.

Na grande salão de entrada, Victoria se deteve aturdida defronte os afrescos que estavam dispostos nas paredes.

- Obras de Tintoretto - explicou-lhe Adão voltando-se na direção d'um homem negro que estava a conversar com o Doge. - Martín chegou!

Victoria olhou ao seu redor.

- Eva deve estar por perto também.

Um homem de aparência árabe envolto em preciosos tecidos e trajando um turbante em forma de cogumelo, aproximou d'uma jovem senhorita e pôs-se a tentar chamar-lhe a atenção. A jovem não pareceu interessar-se; estava a agitar seu leque freneticamente e olhar ao seu redor agitada, seus olhos movendo rapidamente por debaixo de sua máscara. Seu olhar se deteve sobre Victoria por alguns segundos e, retirando sua máscara, disparou uma piscadela a ela. Era Eva.

Os três se reuniram e conversaram animadamente.

Quando o sino soou novamente os convidados se dirigiram às suas mesas. Martin e Eva sentaram-se ao lado do Doge, e Victoria e Adão dentre os convidados de honra. O Doge, depois de um breve discurso, declarou aberto o jantar e um enxame de garçons portando bandejas douradas invadiu o salão. Tudo se tornou incrivelmente barulhento, com o tilintar de talheres e bandejas e o som de conversas.

De repente ouviu-se um estampido. Os convidados assomados de medo se jogaram ao chão e outros correram a escapar. Guardas rodearam o Doge, suas armas e punho, prontos a protegê-lo. Eva gritou desesperada enquanto Martin despencou inerte em direção de seu prato, sua cabeça afundada em sua sopa.

Uma figura sombria correu a extensão do salão até a saída. Eva, tomada de fúria, pôs-se a persegui-la e Victoria, segurando suas saias com ambas mãos, disparou também atrás da sombra. Quando elas se encontravam a poucos metros de alcançá-lo, o fugitivo virou-se e mirando desajeitadamente disparou novamente.

ASSASSINATO

@ Túnel da Rede

Uma dor excruciante lhe atingiu a cabeça. Dedos finos lhe tocaram a têmpora levemente.

- Por favor, não se mova. Você foi atingida - lhe disseram.

Victoria abriu seus olhos. Ela estava deitada ao chão, com sua cabeça apoiada n'um suave tecido que cheirava à violetas: a capa de Eva. Sua amiga estava junto dela, um olhar de ternura em sua face, fazendo cuidadosamente seu curativo.

- Você vai se recuperar em poucos dias - ela lhe disse. - Pode se levantar agora.

Victoria se pôs sobre seus pés. Elas se encontravam n'um túnel, que ela havia visitado junto de Eva há não muito tempo antes; um túnel que levava até uma pequena praia e um lago escondidos.

- Após responder aos disparos, voltei até o salão e nos transportei até aqui - explicou-lhe Eva. - Tivesse eu perdido um segundo os guardas nos haveriam pego.

A cinco metros de distância estava deitada um figura envolta em sombras. Adão se encontrava próximo também.

- Como está Martin? - perguntou Victoria.

Seu filho apenas respondeu-lhe com um olhar cheio de tristeza e apontou para outro homem estirado ao chão.

- Morto. O Conselho o encarregou de encontrar Nihil. Ele iria reportar-lhes amanhã - disse-lhe Eva.

Eles se reuniram ao redor do corpo. Martin trazia no centro de sua testa uma pequena marca de cor púrpura. Seu rosto era sereno. Ele não havia tido tempo de perceber nada.

Eva ajoelhou-se a seu lado e pôs a acariciar seus cabelos. Ela retirou uma pequena caixa d'um de seus bolsos e começou e deslizá-la de cima a baixo sobre a cabeça do homem.

Victoria e Adão apenas a observaram em silêncio.

- Algumas áreas de seu cérebro parecem-me em boas condições - murmurou Eva. - Talvez eu possa extrair algumas de suas memórias.

Ela continuou por mais alguns minutos a manusear a pequena caixa por sobre a cabeça do homem e então pôs-se de pé.

- Sei onde está Nihil - ela anunciou e seu olhar era inquieto.

Eles se dirigiram então ao homem vestido de escuro que estava deitado inerte sobre um larga rocha há poucos metros. Sua jaqueta de veludo estava aberta e dependurada folgadoamente por sobre a rocha, um símbolo do Leão de São Marcos no seu peito do coração. Sua camisa tinha uma fenda que se estendia de sua barriga até seu tórax. Seus órgãos estavam reduzidos à uma pasta gosmenta. Um líquido de cor marrom-terra pingava de sua ferida.

- É ele... - sussurrou Adão.

- Ele quem? - perguntou Eva.

- Nosso guia.

- Guia?

- Exatamente; ou melhor, aquele que tomou o lugar dele.

Eva ajoelhou-se ao lado do cadáver e levantou sua máscara com a ponta de seu dedos. Então ela se deteve.

Quartel-General da Segurança, Terra.

- Acabo de receber o relatório sobre o acontecimento em Veneza - anunciou-lhe seu assistente, adentrando a habitação. - O assassino de Martin Wing é o nosso criminoso das Ilhas Maravilhosas. Ele disfarçou-se de seu guia durante o evento da reconstrução do Carnaval de Veneza para aproximar-se do alvo. O verdadeiro guia, pobre homem, foi encontrado morto em um beco.

C573Y tomou o relatório em suas mãos e o folheou rapidamente.

- De acordo com o Serviço Secreto, Wing também era parte dos Eleitos.

- Eva Dirac estava junto de Wing, ela tentou deter o assassino que acreditamos tenha sido mandado por Nihil.

Imagens do assassinato fluíram por suas mentes.

C573Y empreguiu-se novamente em sua cadeira, as mãos atrás de sua cabeça.

- Eva Dirac em desacordo com Nihil...

- Lutas internas, obviamente.

- Isso pode nos ser útil.

- Infelizmente nos é desconhecido o motivo desses... desentendimentos.

- De todo modo, Wing não é um criminoso - disse C573Y.

Perplexos, eles se fitaram nos olhos.

COMPLÔ

@ Sala de Reuniões do Conselho, 7 da Manhã.

Vestidos de branco, estavam os dez conselheiros sentados em círculo.

- Creio que Nihil conheça bem o assassino de Martin - começou Eva.

Todos seguraram suas respirações por um segundo.

- Você tem certeza do que está dizendo, Eva? - perguntou-lhe um dos conselheiros.

- Sim, tenho plena certeza, Nihil e o assassino eram amigos - respondeu Eva.

- Como isso é possível? - indagou outro.

- Talvez nós o tenhamos visto junto de Nihil... - disse outro.

- Lhes mostrarei - rebateu Eva.

Ao centro do círculo, n'um pedestal, apareceu o holograma d'um homem de tez

negra.

- Ele esteve aqui! - gritou um conselheiro, levantando-se e pondo-se de volta exasperado.

- Não ficaria supreso se Nihil houvesse também ordenado a execução de Lihn e Windman - acrescentou um outro.

- E vocês de nada suspeitaram? - perguntou Victoria.

- Nós não o conhecíamos o suficiente - explicou um conselheiro de idade

avanzada. - Sempre nos disse que a desumanização não era para ele. Ele era o grão-mestre, nós o respeitávamos.

- E agora, onde ele se encontra? - indagou-lhe outro de seus companheiros.

- Escaneei o cérebro de Martin, consegui recuperar algumas de suas lembranças.

- Eva mal conseguia falar, a lembrança de que Martin agora se fora ardia-lhe como uma ferida aberta. - Nihil está a viver com um outro grupo, uma outra seita, n'uma vila.

O holograma da figura misteriosa desapareceu e foi substituído por outro onde podia-se ver uma pequena construção no centro d'um gramado rodeado de salgueiros. Na lagoa que se encontrava próxima, repousavam vitórias-régias rosadas que haviam acabado de florescer e à direita encontravam-se juncos. Três pequenas crianças estavam a brincar de ciranda e uma outra estava a pilotar um triciclo.

Os conselheiros miraram a cena, atônitos.

- Uma nova comunidade?

- Eu recorde-me da expressão de Nihil quando Wing propôs a criação do Conselho. Ele enfureceu-se e ameaçou nos deixar. Quando a assembleia aprovou a proposta, ele, no entanto, silenciou-se.

Um murmúrio perpassou o círculo.

- A verdade é que ele nos odeia, do contrario não chegaria a esse ponto.

- Sem o plano que Nihil nos propôs não lograremos de embarcar...

Os conselheiros trocaram olhares cheios de temor, porém mantiveram-se em silêncio. Adão estava perplexo, ele se levantou e pôs-se a encarar os membros do conselho, um a um.

- Gostaria de lembrá-los que o melhor modo de não se alcançar um objetivo é fazer nada. Digam-me, os senhores realmente querem desistir desse plano? Nosso objetivo ainda nos é alcançável, porém ele logo não será se as Caravelas partirem e nós não

fizemos nada - ele se virou a Eva. - Mãe, por que não contatar a Defesa?

Ela cruzou seus braços, teimosa.

- Eu não confio neles - respondeu.

- Realmente acredita que eles possam nos delatar à Segurança? - perguntou

Adão. - Estive a refletir, com as lembranças suas que estão dentro de mim, vejo que a Defesa abriu um inquérito para apurar o suposto escândalo que a envolvia, após seu suicídio. Quando acabaram-se as investigações o general Marcus Rand preocupou-se em deixá-la saber que era tudo uma conspiração contra você. Nunca se perguntou o porquê, mãe?

Enquanto Adão falava, lembranças de Eva correram pelas mentes dos conselheiros e puseram-se juntas como n'um quebra-cabeças feito de flashbacks.

- Estimavam-me deveras no Exército. Quando renunciei a Defesa pediu-me que ficasse - disse Eva.

- Foi assim apenas por você ser uma ótima soldado ou haviam outras razões? - perguntou Adão.

- Quando Rand me contatou ele pareceu saber de tudo sobre minha relação com os Eleitos. Eu suspeitava que fosse de seu conhecimento a localização de nosso esconderijo - ela fez uma pausa. - Toda sua atenção pareceu-me excessiva,

- Eles nunca passaram informação alguma à Segurança. Eles sempre nos protegeram, porque você está entre nós, mãe. Não importa que não saibamos o motivo. Nossa missão corre risco de falhar. Precisamos da Defesa para capturar Nihil.

Eva estava pensativa.

- Falarei com Rand - ela disse por fim.

- Como poderemos reconhecer Nihil - perguntou um conselheiro.

- Ele precisa estar a utilizar d'um androide se saiu da Rede. Vamos identificá-lo pela assinatura de seus programas - respondeu Eva e acrescentou mais algumas detalhes técnicos. Ela sentia-se resoluta, nada poderia pará-la.

Adão sorriu.

- Agora você voltou a ser a pessoa que era, mãe - ele disse.

O conselheiro ancião a mirou com olhar satisfeito. Ela continuou.

- Tratemos de nosso plano. A vila é povoada por algo de cem pessoas. Desconhecemos as armas que eles possuem, mas devemos estar prontos à qualquer eventualidades. Precisamos do equipamento certo.

- Que tipo o seria? - indagou Adão.

- Androides de guerra. Os mais avançados. Sei como obtê-los.

RITOS FUNERÁRIOS

@

Adão caminhou rápido por um túnel, segurava em sua mão uma tocha.

Deu-se n'uma caverna e virou à direita, em direção d'um distante brilho. Chegou a uma cavidade enorme em que o teto se perdia nas sombras. Em seu centro, onde erguia-se um altar, estava um corpo enrolado n'um sudário de cor púrpura. Ele encaminhou-se próximo e deteve-se, mirando a tez suave do homem que ali se deitava. Inclinou-se e beijou-lhe a testa. Ele então retirou-se a um canto e ali permaneceu, apenas a assistir.

Um a um os discípulos e seguidores chegaram, cada um deles trazendo uma alta vela em suas mãos, jorrando com luz a extensão da caverna. Eles as colocaram defronte o corpo e se arranjaram n'um círculo. Duas mulheres, ambas trajando um véu de imensa brancura adentraram o salão. Uma delas de cabelos loiros e outra de cabelos negros. Elas se moviam tão graciosamente que pareciam nem ao menos tocar o chão. Elas beijaram seu amigo que agora se fora nas bochechas e se colocaram ao seu lado, apenas lhe vigiando.

A mulher de cabelos claros então levantou sua cabeça.

- Hoje Martin nos deixa - ela disse, e foi a voz de Eva que soou pela caverna, límpida, e acalmou a dor que todos sentiam. - Um homem de princípios sólidos, que dedicou sua existência a motivos nobres, um exemplo a todos nós. Quando o conheci, nos engajamos n'uma calorosa discussão sobre suas ideias e teorias. Foi assim que descobri todos os ideais que tínhamos em comum. Ele tomou a minha situação e meus problemas como seus e me apresentou a seus amigos. É graças a ele que agora pertencço a vocês, que agora pertencço aos Eleitos.

Ela pausou e respirou profundamente.

- Há poucos dias, ele me pediu que participasse do ritual de reprodução. Ele insistiu e me convenceu. É graças a ele que voltei a viver.

Um ar surreal cercou Victoria; um ar de paz.

Em poucas semanas os Eleitos a haviam dado amizade, amor, um filho... E agora eles estavam a introduzi-la a uma das mais dolorosas e íntimas experiências da existência: a morte. E a mais devastadora de todas: a guerra.

Ela tomou um passo a frente e meio que sem ao menos perceber, se pôs a falar.

- Eu sempre admirei Martin por seu compromisso e luta pelos fracos e minorias. Graças a vocês, eu pude conhecê-lo pessoalmente e dele, junto de todos nós, também tive um filho. Eu gostava de seu entusiasmo e generosidade e, francamente, gostava de tudo sobre ele. Como vocês, eu também choro pela perda de nosso mais querido amigo.

Ela fechou seus olhos. Agora era chegada hora de Adão.

- Eu passei apenas alguns dias junto de meu pai, mas eu detenho a honra de conhecê-lo profundamente. Martin foi e é único. Os ideais pelos quais ele lutou, as experiências que ele adquiriu em suas muitas batalhas, estão todas dentro de mim, assim como suas memórias e emoções.

A impetuosidade e paixão em seu discurso agarrou a atenção de todos os presentes.

- Neste mesmo momento eu as estou experimentando e posso lhes garantir, é uma experiência sem par. - Enquanto falava, Adão transmitiu as experiências de seu pai àqueles presentes. - Gostaria de compartilhar esse tesouro com vocês.

Os Eleitos então começaram a entoar uma triste melodia enquanto a luz dentro da caverna se intensificou. Uma cavidade imensa densa de estalactites e estalagmites apareceu. A música ritmada das gotas que pingavam da abóbada se misturaram à canção.

Silêncio então caiu.

Um vórtice de luz explodiu do corpo que jazia deitado nos mantos púrpuras e ele desapareceu. Um após o outro, todos os que faziam a vigília do corpo também são tomados pela mesma luz e sofrem a mesma transformação.

Por fim a caverna foi novamente envolta em sombras.

ALIANÇA

O General Marcus Rand deixou o Quartel General logo após a reunião entre o Serviço de Inteligência e Defesa e as agências federais. A manhã havia começado com uma análise da situação com que estavam lidando. A tarde foi dedicada aos problemas que tinham em mãos e como resolvê-los. Essas reuniões, tratadas sistematicamente, fortaleciam a coordenação dos projetos e, ainda mais importante, desencadeavam resultados.

Sua secretária virtual lembrou-lhe d'outra reunião que havia sido marcada junto do Presidente para o dia próximo. Marcus apresentaria diretamente ao Presidente da Confederação seus relatórios sobre novas tecnologias. Por hoje, porém, aquilo era tudo. Ele embarcou no ovoide que o esperava à porta de entrada.

- Para a sétima torre, por favor.

A aeronave ganhou altura costurando seu caminho pelos milhares de veículos que se amontoavam nas aero-vias; disparou por entre duas fileiras de arranha-céus, cujas formas se refletiam infinitamente por sobre as superfícies espelhadas de seus companheiros; passou por um outro prédio de forma espiral que revelava seu núcleo de carbono através da brilhante cor negra que desprendia-se de sua estrutura. Abaixo estava a floresta de ruas e praças adornadas de arcos e barreiras onde de tempos em tempos podiam-se ver despontando-se; paredes multi-coloridas e pontos de intenso verde que escondiam entradas para a cidade subterrânea.

O ovoide sobrevoou um parque onde jardins de verde majestoso e lençóis de água e então dirigiu-se até um grupo de prédios recortado contra o azul intenso.

Aerrissaram n'um terraço projetando-se d'uma torre onde havia um restaurante. O oficial adentrou-o e a atendente levou-o até a mesa de número 514, d'onde, ela ressaltou, tinha-se uma magnífica vista do Sol a se pôr sobre as montanhas cobertas de delicada neve. Uma melodia ouvia-se d'um canto do salão, um artista, um homem d'uns trinta anos ao que pareceu a Rand, estava a tocar piano, seus dedos habilidosos a dançar por sobre as teclas. Um instrumento tão antigo quanto o Noturno de Chopin que podia-se ouvir, Rand refletiu.

Uma jovem com cabelos vermelhos aproximou-se dele.

- Posso sentar-me junto de ti? - ela perguntou, simpática.

Rand fitou-s fixamente em seus olhos verdes.

- Nós nos conhecemos? - ele perguntou.

- Sim, há tempos. Pode verificar em meu código de indentificação.

Uma curta saia negra e uma blusa davam forma às suas curvas. Seu cabelo estava adornado em um rabo-de-cavalo que caía perfeitamente por seu pescoço fino. Ela sorriu enquanto transmitia seus arquivos à Rand através de deus chips neurais.

- É um prazer vê-la novamente, Eva. Por vezes refleti por onde você andaria.

Tens meus parabéns, sua gynoid é fabulosa.

Ele lavantou-se e puxou-a uma cadeira, convidando-a a se sentar com um gesto de mãos.

- Galante, como sempre - ela brincou e sentou-se. Observou-o longamente. Ele era esplêndido com sua imponente estatura e olhos brilhantes cor de safira em sua face morena.

Eles iniciaram sua conversa com bobas piadas e então dirigiram-se até a pista de dança. Ela colocou seus braços ao redor do pescoço de Rand e ele a segurou pela cintura; começaram a dançar.

- Marcus, estou agradecida que possa ter identificado a real farsa que cercava as acusações contra mim - ela disse e deixou sua cabeça descansar sobre o ombro de Rand.

- Nunca duvidei de sua inocência - disse ele e a olhou diretamente nos olhos. - Mas sei que não veio até mim apenas para que nos víssemos novamente... Como posso lhe ajudar, Eva?

- Membros de nossa comunidade estão preparando um ataque terrorista. O oficial cessou de repente a dança e Eva enrijeceu-se, segurando-o firmemente.

- Eu preciso de uma equipe de andróides de combate - ela disse.

Os dois encararam-se, parados no centro da pista de dança.

- Esse tipo de trabalho não é para você, Eva. Conte-me todos os detalhes ao invés de fazer-me pedidos que não posso atender - ele rebateu.

- Você não entende, Marcus. Eu quero resolver esse problema eu mesma. Se aceitar e acatar ao meu pedido, o manterei informado. Caso contrário não revelarei-lhe nada - ela o perfurou com seu olhar. - Então, qual sua decisão?

- Tenho certeza de que você é a pessoa mais qualificada para esse tipo de trabalho, porém...

- Porém o quê?

Marcus afastou-se de Eva.

- Não irá me ditar seus termos, Eva. Você está atolada até o pescoço em problemas para com o governo e a Segurança. Eles estão convencidos de você e seu chefe são os instigadores de uma série de homicídios. Eles suspeitam que você está a preparar um ataque contra as caravelas. Não fazem muitos dias que me indagaram sobre você.

- E o que você os contou? - ela perguntou desafiadora.

- Que lhe conheço por um tempo longo. Você não pode estar ligada com terrorismo. Todavia, você ainda está sob suspeita e eles a procuram em todo lugar. Seus dias estão contados, eu temo. - O oficial se deteve por um momento. - Preciso conversar com o Estado-Maior.

Novamente Rand permaneceu pensativo por um momento. Ela o encarou, tentando decifrar o impacto da discussão em suas expressões. Um minuto depois ele pronunciou-se.

- Ofereço-lhe nossa proteção em troca de seu compromisso de trabalhar conosco, e não sozinha, até que tudo seja resolvido.

- Quero uma grande margem de ação.

- Nós decidimos a estratégia, Eva. Você conduz a operação militar.

- E vou ter posse dos andróides requeridos, obviamente.

- Nós disporemos todo equipamento à sua disposição, porém até que o Estado-Maior confirme seu compromisso para conosco nós não iremos nos comprometer. Você terá de roubá-los.

Um sorriso brotou por entre os lábios de Eva.

-Forjará um falso requerimento de intervenção, trabalho de criança para você que conhece nosso sistema melhor que ninguém. O quartel-general colocará à sua disposição equipamento e homens para realizar seu serviço. Você e seu time entrarão nos andróides durante o carregamento do software, tomando seu lugar - ele concluiu.

No fim da dança Marcus a segurou a mão.

- Agora que aproveitemos a noite.

Retornaram à mesa e admiraram a paisagem noturna através dos vitrais. Abaixo deles, a cidade é uma interminável extensão de luzes. Pequenas aeronaves voam ao redor dos prédios e uma outra enorme espaçonave estava a pousar sobre o novo porto espacial.

Um garçom aproximou-se deles com um imenso buquê de rosas vermelhas.

- Para demonstrar o quanto aprecio seu trabalho - disse Rand e olha-a diretamente nos olhos. - A Defesa precisa de pessoas como você, Eva.

- Não poderia - ela rebateu.

- Por quê?

- Preciso conduzir um projeto.

- E o que seria esse projeto?

- Algum dia lhe contarei - ela brincou.

Eles tiveram um jantar maravilhoso, peixe e pólen de flores que cresciam apenas em Europa (6). Eva, ao ver a noite se encaminhar para um fim, tocou a mão de Marcus suavemente.

- Obrigado, nessa noite revivi emoções que pensei há muito perdidas - ela tinha um olhar sereno na face. - Não sou mais a mulher que um dia fui. O que você vê é superficial, apenas aparência. Estou a utilizar um programa que simula meu eu passado. O projeto que citei demanda uma grande parcela de comprometimento e capacidade e eu posso apenas encarar esse desafio porque não sou a mesma. Você gostaria de uma demonstração?

- Sim - ele respondeu.

- Tem certeza?

- Sim, eu disse sim.

- OK, mas peço que não reclame.

Eva o olhou fixamente e o homem sentiu-se petrificado. Ele tenta levantar suas mãos, mas não pode mover-se. Ele tenta gritar, mas nenhum som sai de sua garganta. Enquanto ele desesperado tenta descobrir o que está acontecendo, suas memórias começam a fluir-lhe pela mente involuntariamente. Seu corpo e mente foram tomados por outra pessoa.

Ele reúne toda suas energias. "Basta!"

Ainda confuso, Rand sacodiu sua cabeça.

- O que aconteceu?

- Eu invadi sua mente através de seu chip neural.

- Você violou meu código de acesso!

- Não se preocupe, não revelarei a ninguém - ela brincou. - Você quer que eu descreva como foi seu dia?

- Não, esqueça-se disso. Diga-me como conseguiu invadir minha mente.

A face de Eva tornou-se séria.

- Instalei em mim programas que eu mesma criei. Sou bem diferente de qualquer outro na Rede, mas essa é a direção em que os seres virtuais evoluirão. - Os olhos de Eva brilhavam de alegria. - E eu irei guiá-los nessa jornada.

INCURSÃO

- Estou a finalizar os controles - anunciou o robô dando tapinhas no ombro de Eva com uma de suas oito pernas de aço polido.

Ela baixou seus olhos para o corpo que agora ocupava; um androide de armadura. Ela se encontrava no quartel-general do exército. Seus compainheiros estavam enfileirados ao longo do corredor, brilhantes em suas couraças de metal, ainda sem n'alguma vida.

As amarras que a prendiam à parede se soltaram e Eva tomou alguns passo à frente.

- Esse modelo foi nos entregue há apenas alguns dias - disse o técnico cheio de entusiasmo. - Uma joia! Ah, desculpe-me, preciso voltar ao meu trabalho. - E foi-se atender à outro androide que havia acabado de vir à vida.

Quando todos no grupo já haviam chegado e sido preparados o técnico os reuniu. - Contam vinte - disse ele novamente. - Estão todos aqui, ótimo. Contatem a caserna e depois dirijam-se a garagem. O resto de seu equipamento se encontra em seus veículos.

Após dez minutos os Eleitos encontravam-se a acelerar através d'uma estrada de interior. Ao seu redor uma extensão de campos de trigo. As colinas baixas no horizonte estavam cobertas d'uma névoa laranja que lhes roubava os detalhes. De tempos em tempos as curvas d'um rio de águas lamacentas aparecia na distância.

Uma casa com cercas de metal assomou-se no horizonte e eles a alcançaram; virando à primeira curva eles chegaram aos fundos da casa, estacionaram ao lado d'uma amoreira e lançaram ao ar um drone, um disco de cor índigo tão grande quanto um bolinho com três pequenos rotores em seu centro.

Eva ativou o reconhecimento virtual em seu computador interno. A massiva quantidade de informação processada é enviada ao seu campo visual. Ela se vê na reconstrução digital da casa, correndo através dos quartos, movendo-se instantaneamente d'um lugar a outro. Não havia ninguém.

- Temos de descobrir aonde foram todos - ela disse aos seus compainheiros. - Sigam-me.

Com um pulo eles se puseram por cima da cerca n'um gramado.

- Vocês, quero que inspecionem o parque - ela ordenou oito de seus androides. Os outros cercaram a construção e arrobaram-na entrando com armas apontadas. Eva direcionou cinco outros androides ao segundo andar. Três encaminharam-se para o porão e os restantes permaneceram junto dela no primeiro andar.

Eles adentraram o salão de jantar. Deserto. As mesas estavam cuidadosamente decoradas com flores e o ar tinha um odor pulsante de comida em decomposição.

- O último jantar aqui foi alguns dias atrás - murmurou um de seus companheiros às suas costas.

- Que odor estranho...

Um dos androides apontou para um candelabro.

- Incenso - ele disse. - Creio que alguma espécie de cerimonia ou ritual foi realizado aqui.

Eles alcançaram um corredor onde podiam-se ver relances de pequenos e limpos

quartos através das portas ao longo de sua extensão. As camas haviam sido preparadas meticulosamente. Roupas em vasos de cerâmica haviam sido dispostos em filas ao longo das escrivaninhas, roupas-de-cama estavam perfeitamente dobradas e alinhadas dentro das gavetas. Nenhum grão de poeira sequer, nada estava fora de lugar.

Eles se detiveram ante sacos de viagem e malas aos pés das camas.

- Eles não lavaram consigo nada - disse Eva, incrédula.

- Mas eles partiram já faz alguns dias... - argumentou um de seus seguidores.

- Ao que tudo indica então voltarão - disse outro.

- Eu sei que o está acontecendo aqui - ela os cortou bruscamente, ainda mais

incrédula.

Uma mensagem então de repente brotou em seu campo visual.

CORRAM ATÉ O PORÃO, RÁPIDO!

Ela lançou-se rapidamente pelas escadarias e abriu bruscamente a porta de aço que guardava o andar subterrâneo. Estava agora n'um quarto branco. Uns poucos instrumentos eletrônicos estava alinhados contra a parede oposta a ela. Estava frio.

- Estou aqui - murmurou Victoria do quarto ao lado. A garota estava parada n'um canto da sala, apontando para um baú com os braços tremendo.

Havia sangue coagulado nas bordas da baixa de madeira e dentro, afundadas em sangue escuro, estavam três cabeças sem o topo de seus crânios. Um androide se aproximou e examinou atentamente os equipamentos alinhados à parede.

- São escaners - declarou. - Usados na digitalização cerebral, e os outros são fornalhas. - Ele tocou uma delas levemente. - Ainda estão quentes.

- Eles foram cremados - gritou Victoria, horrorizada.

Eva retornou ao primeiro quarto. Ela curvou-se sobre uma das máquinas e a ligou. A tela pululou de informações.

- Não faz muito tempo que esse equipamento esteve a armazenar cem Almas, agora ele se encontra vazio - disse ela.

Victoria parecia à beira do colapso.

- Outro suicídio em massa... - ela começou.

Eva concentrou-se nos números que pulavam na tela à sua frente.

- Nós confiamos a Nihil a tarefa de achar um meio de nos embarcar nas Caravelas, porém ele desapareceu sem deixar n'algum rastro. Ele tomou nosso plano e agora tomará nosso lugar.

Eva de repente silenciou-se. Uma mensagem aparecera em seu campo visual.

- Preciso ir - disse ela e foi-se.

Com passos largos escada acima Eva dirigiu-se ao segundo andar. Ela adentrou um corredor coberto por um tapete, caminhou sua extensão até uma imponente porta de madeira. A sala de reuniões. Ela empurrou a porta. Havia uma mesa octagonal ao centro da sala, cadeiras de um amarelo suave com braços que lembravam as pétalas d'uma margarida

Adão e três outros androides do outro lado da sala estavam a olhar um holograma de tamanho natural d'um androide negro que se destava austero de seus seguidores, todos retratados ao longo da parede. N'outro canto da sala estava um servidor. Eva trocou umas poucas palavras com seus companheiros e dirigiu-se ao servidor e o iniciou. Depois d'alguns minutos ela obteve sucesso ao logar-se ao mainframe e começou

a garimpar por dados e arquivos importantes.

- Encontrei seu diário - ela anunciou depois d'algum tempo.

Os outros cessaram então de vasculhar o resto do salão e dirigiram-se a ela. O texto começara a brilhar intensamente por sobre a superfície da mesa. Parcas linhas estão destacadas em amarelo.

"Estou sendo espionado pelo Conselho. Puni a Wing por sua petulância e audácia em me espionar, mas agora creio todo o Conselho, e os Eleitos, devam morrer"

- Nihil busca vingança - disse Eva. - Seremos atacados por um vírus de última geração, eu creio, será impossível neutralizá-lo.

Ela enviou imediatamente uma mensagem aos seus companheiros que haviam permanecido na Rede: abandonem o esconderijo imediatamente!

Voltou-se novamente ao texto.

"Ontem testei meus seguidores, testei sua preparação. Pedi que dois deles cometessem suicídio. O mais jovem hesitou, mas os outros o encorajaram, disseram-lhe que em pouco tempo todos seguiríamos o mesmo caminho que ele, o mesmo destino. Da minha parte eu expliquei-lhe em detalhes as razões para que fizesse aquele pedido. Quando acabei eu pude sentir a euforia em seus olhos."

- Impossível - exclamou Adão.

Eles seguiram o texto através da descrição do ritual que levou ao suicídio e chegaram às últimas linhas.

"Recolhi as Almas n'um contâiner, preciso ativar a transferência. Na minha chegada, serei louvado com triunfo pela população! Alpha Centauri será meu reino."

Todos permaneceram imóveis, estupefatos, apenas olhando para a data de transferência que se encontrava ao fim do texto, pulsando em vermelho sangue.

PESADELO

@

Era noite e Eva deitava-se sobre um sofá, presa de um sono atribulado.

Ela encontrava de pé, em continência.

- Gostaria de informar que pretendo deixar o Exército - disse ela.

O Coronel a mirou fixamente.

- Nós acabamos de promovê-la à capitã. Porque deixar-nos agora?

- Fui contactada pelo Superior Instituto de Inteligência Artificial, foi-me oferecido um cargo na área de pesquisa e desenvolvimento.

- Nós temos grandes expectativas em relação à você, Eva. Tem certeza que não quer repensar sua decisão?

- Sinto-me honrada em servir meu país. Mas estou próxima de realizar o sonho de minha vida.

O presidente do Comitê de Certificação sentava-se à cabeça da mesa.

- Seja bem-vinda, Doutora Dirac. Nosso trabalho requer integridade e competência. Como você pode imaginar, existem muitos interesses em jogo e a pressão por resultados é grande. Nós sempre procuramos evitar... interferências à caminho de nossos objectivos.

- A evidência é incontestável - afirmou o presidente do Comitê.

A ira de Eva ferveu.

- Vocês sabem que é tudo falso!

- Sinto muito, Eva, nós devemos eliminar quaisquer suspeitas das instituições - ele fitou-a longamente, em silêncio, e então articulou seu pedido. - Peça-lhe que se demita. As palavras atingiram-na como adagas.

- Você, que me conhece melhor que qualquer um, dúvida de minha integridade? - ela indagou, incrédula.

- Não questiono sua integridade, e nem posso eu duvidar de sua honestidade e dedicação - ele respondeu, as palavras soando amargas. - Porém não é sábio se lutar uma batalha que sabe-se perdida desde o início.

As ondas quebravam-se sobre as rochas.

Borrifos de espuma marinha...

Vermelhos pontos, cada vez maiores.

Ela se deitou.

Seus membros quebrados, seus olhos vazios a fitar o céu.

Nihil está à bordo. Nós poderemos mais embarcar nas Caravelas. Está tudo acabado...

Uma imensidão de espaçonaves, grandes e pequenas, estavam alinhadas defronte três grandes cruzadores estelares: As Caravelas.

O silêncio era total.

- Três, dois, um... zero!

Um arrepio de excitação perpassou a multidão que assistia ao histórico evento; fogo foi cuspidos das estranhas das três gigantes irmãs.

E de repente, a ponte de comando da nave mais foi tomado de fogo.

E então tudo desapareceu.

Eva acordou, seu corpo encharcado em suor.

PARTIDA

Marte, 3 de agosto de 2300

Eles se espalharam como formigas para fora das cidades e avançaram sobre um deserto de pedra; subiram as colinas e os promontórios e então organizaram-se em grupos, andróides, milhares deles, brilhando contra a luz do Sol. Todos eles miravam a mesma porção de céu vibrante e vivo.

Vinte mil quilômetros acima, cingidas na atmosfera, estava uma imensidão de espaçonaves, pequenas e grandes, todos perfeitamente alinhadas pelas estações orbitais. Defronte delas estavam três monstruosamente grandes esferas de titânio e berílio.

O tempo pareceu parar, e não apenas ali, mas também em outros dos planetas do sistema solar, nos mais longínquos cantos gelados do universo e também nos confortáveis mundos construídos dentro dos computadores. Em toda parte. E todos pareciam aproveitar o momento de total realidade como àquelas que se podia ter na realidade virtual. Todos vivem aquele momento.

Dentro da mente dos espectadores, estavam as imagens da superfície marciana coberta de criaturas metálicas e a soberba vista das Caravelas tão próximas. Alguns repórteres trouxeram a nova através dos corredores infinitos, outros se abastaram de apenas transmitir, com vozes em frenêsi, de quartos abarrotados de andróides e outros equipamentos, mas apenas alguns poucos privilegiados se encontravam na ponte de comando, para transmitir a informação diretamente; todos eles admiraram as características das Caravelas, não lhes dispensando elogios enquanto perguntavam sobre os passos do projeto aos seus criadores. Uma enorme quantidade de informação é transmitida até os cantos mais rotundos do Sistema Solar.

- Temos sorte de vivenciar um evento tão importante - diziam alguns.

- Essa a apoteose da raça humana! - exclamavam outros.

- Esse é o nascimento de uma nova era, nada mais será o mesmo - enfatizavam outros.

De repente todas as câmeras e antenas viraram-se na direção das Caravelas. A contagem regressiva estava chegando ao fim. O silêncio era total.

- Três, dois, um... zero!

Um calafrio correu através da multidão e um momento depois, chamas precipitaram-se das entranhas dos monstros de metal. Um poderoso jato de prótons e hélio cortou através do vácuo com facilidade. As Caravelas tremeram violentamente e um segundo depois deixaram o chão e a órbita num passo preguiçoso, em direção do céu lotado de estrelas.

Ao centro da ponte de comando, um espaço agora corrompido pelo zumbir dos motores nucleares, estava o Almirante da Frota e todos seus oficiais, em uniformes completos, todos virados a fitar a janela panorâmica e através dela. Agora todos os pequenos pontos metálicos que cercavam as Caravelas foram deixados para trás, tornando-se apenas pontos brilhantes.

- Nós colonizaremos novos mundos - disse o Almirante de voz forte.

Ninguém no mundo encontrava-se envolto de mais emoção que eles, disso tinham certeza. Eles eram pais e mães daquele projeto e haviam acreditado em sua resolução, seguindo sua construção e realização passo à passo, e agora o momento mais

importante havia chego. Eles haviam confiado seu futuro naquilo.

C573Y estava dentre os emocionados. Ao que parecia aos que o observavam, ele compartilhava do animo geral, no entanto ele se encontrava profundamente preocupado sobre o quão importante era aquela viagem, e ele temia em sua incerteza de que tudo ao final estaria bem. Na viagem de volta ele retornaria à Terra através d'um transporte por raios laser. Mas não antes de lutar a batalha mais importante de sua existência... e não somente de sua existência.

EM AÇÃO

Naves espaciais gigantescas de uma imprecendente complexidade. Milhões e milhões de peças, tantas que nem mesmo as infundáveis inspeções e os inúmeros testes de integração, garantiam aos oficiais total confiança.

Depois da partida, soaram os alarmes o tempo todo.

Os computadores transferiram rapidamente a carga de trabalho ao equipamento funcional. Uma atividade só possível em tempo devido à redundância cuidadosamente calculada pelo time de engenheiros. Nos corredores, embarravam-se robôs de manutenção e carrinhos atulhados de peças sobressalientes.

Conflitos no software, um imprevisto irremediável, pois nem os mais potentes programas de simulação podiam computar as bilhões de linhas de código por completo.

Os sistemas de reparo automático se iniciaram e intervieram prontamente, realizando as necessários alterações e rodando os necessários testes.

A Segurança estava em alerta. Caso algum inimigo atacasse, eles agiriam imediatamente após as Caravelas se lançarem ao espaço. Os softwares de antivírus procuravam incansavelmente por cada mínimo enconrjo em Alphacity, a cidade virtual dentro dos servidores das enormes esferas de metal. Milhares de alertas que requisitavam milhares de investigações apareciam a cada segundo.

A Segurança guardava o mundo físico; androides com escudos de cor azul marcharam pela ponte de comando e pelos intermináveis corredores das espaçonaves. Pequenas câmeras, afixadas às paredes e tetos e a flutuar pelo ar estavam alertas, prontas a reportar imediatamente e diretamente a programas de análise que sintetizariam os dados de forma impecável, caso algo suspeito lhes chamasse a atenção.

Na caserna enfileiravam-se centenas de novíssimos androides de guerra, prontos a vir à vida ao mínimo sinal de perigo.

A tensão só aumentava.

No terceiro dia, as espaçonaves adentraram o Cinturão de Asteroides. Elas avançaram destemidas, protegidas por sua carapaça de gás ionizado que neutralizava a ação da poeira cósmica. De tempos em tempos, lasers pintavam o denso negro com flashes de luz, transformando pequenos meteoritos em nuvens de plasma em ebulição.

Noventa e oito horas após a partida histórica e heroica das Caravelas, o vácuo que onstetava-se ao redor das espaçonaves acendeu-se n'um brilho ofuscante, como se elas fossem estrelas. O raio de antimatéria disparado desde uma das astronaves atingiu o núcleo de um pequeno cometa, aquecendo-o à temperatura do Sol. Nada sobrou do pobre cometa. Sua matéria tornou-se radiação intangível.

O clima em Alphacity era frenético. A cidade, que era considerada uma obraprimeira em planejamento vivia um momento de descobertas para seus habitantes, que perambulavam pelas suas inúmeras ruas e praças, vitimados pela sedenta curiosidade de saber. Alguém que os visse naquele momento se deliciaria com a alegria em suas faces, a alegria daqueles que sentem-se caminhando rapidamente para um longamente desejado futuro, convencidos de que a jornada logo chegaria ao seu objetivo.

@ Cidade virtual de Alphacity, computador quântico QC07A, Caravelas

Havia um ar de cerimônia no longo salão em semicírculo, onde o parlamento de

Alphacity e o governo da Frota se encontravam pela primeira vez. Eles todos estavam de pé, com o Almirante ao meio, totalmente uniformizado, fitando sua audiência.

As ruas e praças, os estádios e teatros, estavam todos atulhados de pessoas. Suave e arcaica música se espalhava; música que falava da esperança do povo, sua irmandade e o destino magnífico que os estava apenas a espera, pedindo a ser alcançado. A melodia era uma obrapríma e os habitantes das Caravelas lhe gostavam por seu estilo de impressionar. O hino de Alpha Centauri era ouvido em todos os cantos.

Quando silêncio por fim caiu novamente o Almirante falou, com seu olhos a fitar seus companheiros e seu povo.

- O momento com que todos nós sonhávamos chegou. Dez anos atrás, nos primórdios do Projeto Alpha Centauri, mesmo que soubesse-se o impacto que a distância causaria em nossa relação com nossa terranatal, o Governo não quis nos dar autonomia. Nós insistimos, porque um povo precisa de liberdade, liberdade de trilhar seus próprios caminhos, tomar suas decisões, escolher seu próprio futuro. E estamos destinados a ser nosso próprio governo, já que nossa terranatal agora se distancia quatro anos-luz de nós, uma distância suficiente para fazer com que qualquer influência vinda de nossa casa desapareça. Eles finalmente deram-se por si, e hoje celebramos o nascimento da República de Alpha Centauri, o quinto estado da Confederação, junto da Terra, Marte, Lua e a Rede.

A população respondeu-o com duradouros e vigorosos aplausos.

O almirante estendeu-lhes os braços.

- Tenho a honra de hoje apresentar-lhes seu Parlamento e seu Governo...

Sua voz sumiu e sua face contorceu-se, ele pigarreou e tentou prosseguir com seu discurso, porém parcas síbalas foram ouvidas; o resto das palavras ficaram presas em sua garganta, engasgadas, lutando para não se verem livres. A testa do Almirante estava coberta de suor. Ele tremeu e perdeu seu equilíbrio por um segundo, mas conseguiu segurar-se na borda de sua mesa, por um momento apenas porém; sua força se foi e ele veio à terra. Ainda consciente, eles virou-se para admirar toda sua audiência ser acometida da mesma calamidade, no exato mesmo momento.

O terror espalhou-se rapidamente pelas vastas multidões. Eles estavam nos beirais do desespero quando a mesma infamidade os acometeu. Depois d'alguns minutos, estavam todos a deitar no chão, imóveis, tomados d'uma aparência vítrica.

Todos eles podiam ver assomar-se a figura d'um homem vestido de negro. Mesmo que não houvesse nenhum vento ou brisa seus cabelos e vestes ainda rodopiavam e espiralavam, como que tocados por uma tempestade. Ele aproximou-se deles e tocou-lhes as faces levemente e anunciou com uma risada demoníaca.

- Tomarei posse de suas vidas!

E as multidões adormeceram. Quando eles abriram seus olhos novamente confusão os assomou, perguntavam-se por que estariam todos deitados. Levantaram-se sem n'algum esforço, aparentemente sem nenhum problema; todos detinham as mesmas expressões de confusão em suas faces.

REBELIÃO

No centro da ponte de comando, brilharam de luz ofuscante os hologramas transmitidos diretamente de Alphacity. Os androides de escudos azuis meramente os observaram, em silêncio.

- Foi um ataque viral de poder imprescendente - suspirou um dos soldados.

- Parece que já se acabou - afirmou C573Y. - Vamos rodar o check up da população.

Programas com a habilidade de alcançar os seres digitais de Alphacity e carregar-lhes comandos foram liberados. A tela encheu-se de números e estatísticas. O vírus parecia estar inativo no momento, porém quanto à população, a maioria de suas memórias e personalidades haviam sido apagadas ou profundamente modificadas. Apenas uns poucos haviam sido capazes de escapar a infecção.

C573Y deixou o grupo e começou a caminhar de um lado para o outro, inquieto. Ao chegar ao meio do salão ele se virou para seus colegas.

- Equipem tropas, protejam-nas contra esse vírus e as mande para Alphacity. Também quero nosso time de médicos prontos para intervir caso algo aconteça.

Os soldados que haviam sido carregados d'um outro servidor materializaram-se no centro da cidade. De início os habitantes meramente os observaram à distância, murmurando entre si, somente após algum tempo eles começaram a organizar-se em pequenos grupos e aproximar-se na direção dos soldados; ameaçaram os recém-chegados com punhos cerrados e gritando frases cada vez mais agressivas.

- Preparem-se para lutar - ordenou o capitão e as tropas alinharam-se, preparados para a batalha.

A multidão lançou-se em direção dos soldados, ao mesmo tempo, por toda Alphacity. As primeiras fileiras de pessoas foram neutralizadas por tiros de contenção e paralizadores. Os que os seguiram jogaram-se contra as tropas de C573Y ferozmente. Tudo era caos.

- Eles são muitos, retrocedam! - ordenou C573Y prevendo a tragédia iminente. - Introduzam os programas de contenção de emergência.

As tropas desapareceram enquanto a multidão enfurecida lentamente acalmou-se adentrando um um estado de semi-consciência, até caírem ao chão, um após o outro, como moscas. As ruas e praças encheram-se com a quantidade de corpos.

- Ativar os androides de combate - continuou C573Y. Na caserna, centenas de máquinas de guerra estavam guardadas. Eram os guardas das mais importantes partes das Caravelas, acima da ponte de comando, pois desse ponto seria possível coordenar todas as atividades.

- Eles estão fora de controle - gritou um soldado.

- Para a esfera, rápido! - gritou C573Y.

Um gigantesco holograma da espaçonave surgiu no centro da ponte de comando. A camada superior se dissipou à ordem de C573Y e deixou à mostra as estruturas interiores; uma multicolorida rede de cabos ligando salas cheios de equipamento.

- Esses... - murmurou o oficial androide, apontando para poucos pontos vermelhos que se destacavam na tela. - Esses são computadores que conectam a ponte ao resto do sistema da nave, de vital importância. Sua atividade cessou não faz-se muito.

Todos os pequenos pontos vermelhos que piscavam em alerta de repente voltaram à sua forte cor verde. Os soldados não conseguiam acreditar no que seus olhos viam.

- E agora eles acabaram de reiniciar. Talvez o problema esteja resolvido.

Aliviado, C573Y tentou enviar instruções aos computadores. Seu alívio foi novamente substituído por tensão.

- Eles continuam a não responder.

Fez-se um segundo de silêncio.

Luz vermelha invadiu pulsante a ponte de comando. Os monitores se encheram de dados incoerentes. O alarme soava ensurdecedor.

-Outro ataque! - gritou um dos soldados.

Depois de alguns segundos, a luz apagou-se. Silêncio novamente reinou. Todos os olhos se voltaram ao centro do salão, onde uma mensagem brilhava.

CÓPIAS DE SEGURANÇA DA POPULAÇÃO VIRTUAL DESTRUÍDAS

Todas, eliminadas.

- Acessem a fortaleza - trovejou C573Y. As cópias completas dos seres digitais eram guardadas em computadores específicos; eles eram apenas ativados quando a situação se tornava necessária, para que houvesse a recuperação das atualizações realizadas. Somente um protocolo de ultrasegurança poderia acessar esse sistema.

- Procedimentos de emergência iniciados - anunciou um dos oficiais.

Silêncio.

Informação novamente jorrou pelos monitores.

C573Y não conseguia crer no que via. Dados corrompidos, bancos-de-dados em branco.

Se a população de Alphacity fosse destruída não seria possível recuperá-los através dos back-ups.

C573Y deixou-se cair sobre sua cadeira na parte alta da ponte de comando. Ele fitava pensativo o céu estrelado através das janelas panorâmicas. Depois de alguns segundos, tudo que ele conseguiu colocar em palavras foram pequenos murmúros.

-Eles sabem muito mais do que esperamos... muito mais.

Ele levantou-se e pôs-se a produzir um relatório direcionado ao Quartel-General da Segurança. Escreveu em letras de vermelho sangue.

Epidemia fora de controle, a maioria da população virtual foi infectada. Registros e memórias apagadas, personalidades modificadas. Apresentam atitude hostil para com a Segurança. Depois de intervenção, nossas tropas ocuparam Alphacity. Controle de parte das Caravelas perdido, incluindo a caserna, que foram haqueadas pelo inimigo. Cópias de segurança destruídas no ataque.

APOCALIPSE

@ Cidade virtual de Alphacity.

O ovoide costurou por entre os arranha-céus que refletiam a cor pálida do paraíso. Muito abaixo, ruas, praças e jardins seguiam um ao outro em harmonia. A imagem seus criadores, tudo na cidade era feito na grandiosa proporção que se esperava de seus habitantes, de seus feitos, de seu objetivo: colonizar Alpha Centauri. No entanto o sonho almejado era muito maior, megalomaniaco: eles queriam celebrar o fim de uma era e o início de outra, onde os seres virtuais se tornariam arquitetos do progresso.

Depois de alguns minutos a aeronave rumou em direção d'um espelho d'água onde em seu centro se encontrava o Quartel-General da Segurança, uma construção em forma de cubo, translúcida, que se conectava à cidade através de estreitas pontes.

O ovoide aterrisou no terraço do cubo e C573Y desembarcou. Um oficial o esperava.

- Já foram reativados os hospitais - exigiu ele saber enquanto se aproximava.

O outro assentiu.

- Organizei um visita. Um veículo nos espera.

Eles andaram por um corredor apinhado de soldados a checar seus equipamentos.

- Nossas tropas já não mais encontram resistência, tomamos todos os pontos estratégicos - informou-lhe o oficial.

- Como anda a assistência à população? - indagou C573Y.

- As ruas estão cobertas de milhares de corpos, nos levará tempo até que atinjamos todas as zonas da cidade.

Eles caminharam através d'uma larga praça e passaram por um esquadrão decidido à carregar material em diversos ovoides. Um veículo se aproximou, flutuando à meio metro do chão e os dois embarcaram.

Eles cruzaram a ponte e entraram através da rua principal. À sue frente estavam milhares de corpos a jazer sobre carroças e calçadas, dentro de lojas e veículos. Os poucos que haviam escapado ao contágio agora vagavam como fantasmas. De tempos em tempos eles se davam de encontro com soldados e robôs, ocupados a limpar as ruas.

O veículo em que estava C573Y acelerou em direção do hospital, voando por sobre as pilhas de corpos.

- Muitos hospitais já estão com a capacidade estourada - explicou-lhe o oficial. -

Nós começamos a dividir as chegadas em pontos diferentes. O problema é que há doentes demais.

Ele apontou parcos soldados que estavam a arranjar corpos em intermináveis linhas nas calçadas.

- Com frequência essa é a única ajuda que podemos prover.

O clima e ar que cercavam a cidade atingiu os passageiros e eles fizeram silêncio por um longo momento enquanto cruzavam através das ruas atulhadas de destruição. O piloto automático foi quem os trouxe de volta à realidade.

- Nós chegamos - ele disse.

O veículo parou à entrada do hospital, esperou que desembarcassem e rumou para o estacionamento. A entrada estava bloqueada por uma multidão de civis.

- Parentes das vítimas, estão a aguardar a chegada de mais corpos. Nós estaremos pela segunda entrada - explicou o oficial.

Caminharam ao longo da construção, em direção d'uma pequena porta guardada por um soldado. Ele os levou por um saguão cheio, onde o oficial de saúde estava a atender os pacientes junto de sua equipe. Deixando os cuidados de uma pequena garota à um assistente ele se virou para atender aos oficiais que haviam chego.

- Perdoem-me não poder recebê-los de maneira melhor, mas a situação aqui é crítica. Em despeito das exaustivas horas de trabalho, ainda estamos sobrecarregados com cada nova chegada. Vamos ao hospital, esse é apenas o pronto-socorro - ele disse.

O saguão estava amontoado de pacientes deitados sobre macas, os enfermeiros lutavam para trabalhar no espaço abertado.

- Logo, muito logo, não poderemos mais aceitar nenhum paciente - disse o oficial de saúde e olhou diretamente dentro dos olhos de C573Y. - Como está o procedimento de limpeza dos hospitais?

- De acordo com o plano - respondeu o oficial junto de C573Y. - Porém logo eles estarão cheios também e seremos forçados a atender os pacientes nas ruas.

O doutor suspirou.

- Também não vejo nenhuma outra alternativa - ele concluiu.

Rumaram através de um corredor lotado de macas onde se deitavam corpos de expressão vazio, imóveis.

- Muitos chegam sem ao menos um código de identificação. Em alguns casos nós comparamos seu código genético com os dados registrados na central, e então de posse de seus nomes tentamos contatar seus parentes - disse o doutor e suspirou. - Infelizmente na maioria dos casos nossos esforços são em vão, famílias inteiras estão infectadas.

Eles adentraram um quarto onde uma mãe estava a chorar sobre o corpo de seu filho.

- Aqui é onde os parentes encontram os pacientes - informou o oficial de saúde. Há apenas alguns passos de distância um homem insistia veemente em levar para casa sua esposa doente.

- Como vocês procedem então - indagou C573Y ao notar o pedido do homem ser atendido.

- Nós ficamos felizes em deixar que o paciente vá junto de seu parente, estamos n'um ponto em que apenas aceitamos aqueles que não tenham nenhuma outra forma de assistência - a expressão do médico se tornou escura. - Nossa ciência médica é insuficiente, nunca em toda minha carreira vi algo do gênero.

C573Y fitou-o.

- Que tipo de serviço você está a prover - ele inqueriu.

- Somente acomodação decente - respondeu o doutor. - Toda essa situação nos é humilhante, nossa missão é algo mais. Como está a progredir o Instituto de Ciência da Computação com o tratamento?

- Eles estão a realizar os primeiros testes - respondeu C573Y.

- Eles tiveram sorte de escaparem ao contágio - disse o oficial de saúde. - Como isso foi possível?

- Durante a infecção eles se encontravam isolados n'um bunker para uma reunião.

Os convidados se retiraram. Agora parecia-lhes que a situação nas principais

ruas de Alphacity havia melhorado. As vítimas estava arranjadas em linhas ordeiras sobre as calçadas e veículos apinhados de tropas fluuavam lá e cá. As equipes de resgate estavam a avançar agora pelas ruas laterais.

- E, alguns dias nós atingiremos todos os pontos da cidade e com um pouco de sorte teremos a cura - disse o oficial ao observar a situação.

C573Y apenas balançou sua cabeça.

- Momentos piores ainda estão se aproximando - anunciou.

- Por quê? - perguntou o oficial, assustado.

- Esse vírus pode reaparecer a qualquer momento. Temos de destruí-lo, porém, como? Quanto ao tratamento, não sabemos ao menos se o dano causado é reversível. O que dizer então do fato de que a população atacou abertamente nossas tropas, ou que as Caravelas não respondem mais à ponte de comando? A real ameaça neste exato momento é que alguém ou algo está tentando tomar posse de nossa frota.

- Você quer dizer que sofreremos um novo ataque?

C573Y se pôs pensativo sobre a conversa que tivera algumas horas antes, junto do Director to Insitituto de Ciência da Computação.

- Nunca havia visto algo assim - disse-lhe o cientista. - O vírus modificou milhares de linhas de código e apagou bancos-de-dados por completo. As personalidades e memória da população já não são mais as mesmas.

- Quando estará disponível uma cura?

- Posso apenas lhe informar que quando semelhantes casos aconteceram no passado, o resultado não foi favorável. Lhe enviarei um relatório em alguns dias com a análise estiver completa, porém alerta-lhe que não se iluda com esperanças.

- Você conseguiu identificar o vírus?

- Nossos esforços em isolá-lo foram até o momento inúteis. Esse vírus foi construído com um tecnologia que nos é, até o momento, desconhecida.

ASSALTO

C573Y estava na ponte de comando na ponte, detrás d'uma barricada de cinco andróides de escudos azuis. Ele checou n'um último momento que nada seria deixado à sorte e ordenou ao computador que lhe indicasse a localização dos inimigos. A imagem holográfica da espaçonave materializou-se bem à frente de sua cadeira. A camada da superfície se dissolveu e uma centena de pequenas luzes brilharam, apressando-se desde a caserna até o corredor de acesso. C573Y viu-os parar defronte uma porta reforçada.

O oficial admirou a imagem. Um andróide de cor negra deu ordens com tom imperioso e todos o obedeceram em silêncio. Ele afixou à porta algo que pareceu ao oficial, plástico, e voltou-se para o grupo que estava agachado à uma pequena distância.

Escutou-se a detonação segundos depois. Um dos andróides apressou-se à porta. Enquanto a abria os outros tomaram mira. Uma rajada de balas atingiu a linha de frente da Segurança. Os soldados reagiram prontamente levantando uma barreira de fogo, mas logo sua resistência se enfraqueceu. Os invasores jorraram corredor adentro. Por alguns minutos o corredor de acesso encheu-se de estampidos e flashes que produziram as armas. Então, decaiu sobre o silêncio.

Os discípulos de Nihil abriram seu caminho através de corpos perfurados e membros dilacerados com olhares desorientados. Era a primeira vez que eles tomavam a vida de outro ser vivo. Do fim do corredor veio um grunido. Nihil pôs-se a correr em direção das barricadas, desaparecendo detrás d'uma pilha de entulho; três tiros d'uma vez. Ele reapareceu com um sorriso triunfante e acenou para que o grupo avançasse.

Naquele passo eles alcançariam a ponte de comando n'um quarto de hora. C573Y havia decidido: iria ativar os procedimentos de emergência da Defesa. Um ato demasiado exagerado, ele pensou, mas o Estado Maior havia insistido. Ele então enviou o código de acesso aos servidores da Defesa e esperou resposta.

Um programa militar assumiu imediatamente o controle das astronaves. C573Y se sentiu inquieto, sendo agora nada mais que um mero espectador. Os pontos no holograma começaram novamente a piscar, os alvos haviam sido identificados. Novos detalhes também se juntaram ao mapa, armazéns, equipamento, cabos... O sistema secreto de defesa das Caravelas, não conhecido por nenhum outro computador.

Sob a ponte de comando havia um depósito de armas. Uma lista materializou-se, o programa correu por seu conteúdo e selecionou um item específico. O chão tremeu e se abriu. Uma caixa de aço brilhante suspendeu-se até a ponte. Dentro dela haviam milhares de esferas de cor de mármore que estavam todas a zunir. Elas de repente se levantaram como um grande enxame negro e dirigiram-se à porta, que se abriu, deixando-as passar em velocidade máxima.

Nihil estava a colocar explosivos n'uma fechadura quando a escotilha explodiu-se aberta. Ele jogou-se ao chão, rolando para longe além da porta, os mais próximos o seguiram; os outros, porém, tiveram apenas alguns segundos antes de perceber a negra nuvem assomando-se à distância.

Um instante depois ouviram-se estampidos e baques, flashes e fumaça. As esferas deram à volta ao fim do corredor, desferindo o último golpe nos que haviam por sorte sobrevivido.

Próximo à porta Nihil podia ver um botão vermelho, o botão de emergência. As

esferas se aproximavam rapidamente, à meio caminho agora, logo iriam atingi-lo. O botão estava a apenas poucos metros, mas o caminho estava bloqueado com os corpos dos caídos. Ele pôs-se em pé e se encostou contra a parede. Um baque. O botão se quebrou com violência e a porta se fechou imediatamente, atingindo bizarramente os corpos que jaziam no chão. Nihil foi ao chão, seu braço tomado de um excruciante dor. As esferas não haviam o atingido, porém o golpe contra o botão o machucara. Ele contou os sobreviventes, uma dúzia, apenas uma dúzia.

- Suficientes para vencermos - ele murmurou a si mesmo.

Eles se recompuseram e avançaram até atingir uma porta massiva de titânio.

A ponte de comando estava apenas alguns metros a frente, apinhada das esferas flutuantes. C573Y e um pequeno grupo de soldados da Segurança estavam à um canto. A vitória parecia-lhes próxima e certa, mas o oficial-chefe não se sentia tão seguro. Através dos monitores, ele inspecionou os atacantes, concentrando-se em Nihil. Ele estava a carregar uma espécie de mochila, quando C573Y percebera o estranho artefato a primeira vez não lhe deu tanto importância, estava deveras ocupado em preparar a defesa da espaçonave. Talvez Nihil ainda tivesse uma carta na manga, uma ameaça ainda maior que viraria a mesa e o resultado da batalha mais uma vez.

- O que contêm a mochila que carrega Nihil? - C573Y ordenou ao computador.

O radar mostrou-lhe o conteúdo. Um olho invisível permeou através da superfície do estranho recipiente e examinou seu interior. Deteu-se defronte ao código de identificação.

No campo visual de C573Y apareceu a resposta. Letras garrafais.

*** ARTEFATO EXPLOSIVO ATÔMICO - MODELO AB1521-X ***

O oficial petrificou-se.

- As ogivas nucleares estavam na mais segura area da caserna, nem mesmo eu tenho acesso à elas - dirigiu-se ele ao computador.

- Nihil obteve ajuda do Almirante e sua equipe - respondeu-lhe o computador.

- Mas quando ele invadiu as astronaves o Almirante e todos os outros já haviam sido postos a dormir.

- O próprio vírus foi quem exigiu e extraiu a informação durante o contágio.

C573Y lançou um rápido olhar à mochila que trazia Nihil.

- De quanta potência é o explosivo?

A resposta chegou, e C573Y, que não poderia se sentir pior naquele momento, se sentiu. Nihil trazia junto de si um ogiva capaz de desencadear a explosão do combustível da própria astronave; o combustível nuclear de milhares de metros cúbicos, destinado a os suprir durante toda a jornada até Alpha Centauri.

- E quando às outras espaçonaves? - ele indagou.

- Seriam aniquiladas na explosão.

- Mova-as para distância segura - ordenou.

- Sim senhor, alcançarão distância segura dentro de dez minutos - respondeu-lhe prontamente o computador.

- Seria tarde demais, quando estará acessível o programa androide?

- Impossível de prever, senhor.

Enquanto isso, Nihil estava a inspecionar a superfície da reforçada porta, procurando algum ponto fraco em sua feitura. Ele sentiu um calafrio ao deixar sua mão

entrar em contato com o metal gelado. Através deste último obstáculo a vitória o aguardava. A última vitória. Ele olhou rapidamente para seus companheiros; todos alinhados com armas apontadas para a porta, preparados para deixar jorrar um rio de fogo sobre seus inimigos. Nihil enfiou uma de suas mãos em seu bolso e tirou um pequeno artefato de plástico. Com cuidado ele o posicionou ao longo do mecanismo de abertura da porta. Seus olhos estavam a brilhar.

Então, de repente, ele percebeu um pequeno formigamento em seu braço direito, que havia se espalhado a partir de suas pernas. Ele não havia prestado atenção, mas seus movimentos haviam se tornado estranhos e desajeitados...

Ele beliscou sua própria mão. Não sentiu nada.

Ele tentou se virar. Impossível.

Com sua mente ele alcançou seus companheiros, todos nas mesmas condições. Sua visão se tornou embaçada e ele começou a tremer. Logo ele iria ao chão.

Nihil reuniu todas as suas energias.

- De volta à Rede! - ele ordenou em urgência.

E então eles se jogaram de volta ao túnel de acesso à Alphacity.

C573Y contactou as Forças Especiais.

- Restou uma dúzia deles - ele disse. - Os encontrará no sector 15.

ENFIM SOZINHO

@ Cidade Virtual de Alphacity

Nihil estava sentado ao chão com suas pernas cruzadas, suas costas apoiadas contra a parede. Ele se sentia cansado. Tudo que poderia ter dado errado, por uma triste virada do destino, dera, desde o primeiro momento. Quando chegara à cidade de Alphacity, as ruas estavam cobertas de corpos, trabalho feito pela maldita Segurança. Ele começara seu ataque à ponte de comando, mas então a nuvem negra aparecera. Ele havia se jogado ao chão quando as esferas o atacaram. Nihil havia escapado, mas muitos de seus seguidores não tiveram o mesmo fim.

- Aquelas eram armas de guerra que não deveriam estar no arsenal da Segurança - ele murmurou a si mesmo.

Quando ele estivera a tentar arrombar a porta para a ponte de comando da principal Caravela, Nihil pôde sentir a vitória em suas mãos. Uma questão de caprichosos minutos. A Segurança, porém, retomou controle do programa andróide utilizando de métodos que ele não previra.

- Eu deveria ter pensado nisso, mas não pude - as palavras da derrota soavam amargas em sua boca.

Ele olhou à volta e deixou seus olhos caírem sobre os meros onze sobreviventes, todos em más condições, expressões confusas em suas faces. Um deles estava distante dos outros, com um olhar escuro, o restante tentava se encorajar. Era tudo que restara de seu exército.

- Eles já nos esperavam - murmurou ele novamente. - Mas como isso é possível? As mensagens estavam encriptadas. Eles ligaram as mortes dos informantes com as Caravelas, não há outra opção... Segurança e Defesa estão aliados contra mim.

O plano ao qual ele havia se dedicado por cinquenta anos, no qual ele fundara sua existência, estava prestes a falhar. O fim de um sonho, justo quando ele estava tão próximo de se tornar realidade.

Sua vida não tinha nenhum sentido mais. Mas ele não iria desaparecer anonimamente ou esperar que as Forças de Elite o encontrassem e o matassem. Não, ele não daria a ninguém essa satisfação. Nihil levantou sua cabeça, sentia seus olhos gelados. Ele havia traçado uma vingança terrível, que garantiria sua imortalidade.

Ele retirou uma pequena caixa de metal de seu bolso e acariciou sua brilhante superfície.

- Meus filhos, eu os confiarei um enorme tarefa.

Levantou a tampa e analisou seu conteúdo antes de derramá-los no chão. Milhares de programais virais espalharam-se em todas as direções, incorregendo por entre as rachaduras do túnel.

- Vai e multiplica-se, infectem-nos, infecte cada um deles!

Ele fechou seus olhos e sorriu; logo seus vírus iriam deixar as rachaduras e cobrir a caverna com uma camada de velúdo negro. Ele imaginou-os tornando-se invisíveis à luz do dia, preparados a contaminar qualquer forma de vida.

- Meu exército - ele murmurou, um sorriso maníaco lhe brotando na face.

Um exército contra o qual nenhuma defesa existia. Nihil procurou em seus bolsos novamente e preparou um transmissor.

Enquanto isso seus seguidores se reuniram à um canto. As explosões, a fumaça, os corpos reduzidos a pedaços, tudo era extremamente vívido em suas memórias. Eles haviam perdido seus companheiros e caminhavam lentamente para o mesmo fim.

Um jovem sentado sobre um pedregulho levantou sua cabeça.

- E se... - ele murmurou.

Os outros trocaram olhares rápidos. Um deles apontou a Nihil, que estava encostado n'uma parede, perdido em seus devaneios.

- Ele não se renderá, eu sei, e nem ao menos deixará que nós o façamos - murmurou aos outros um dos discípulos.

Todos se lembravam do que havia acontecido com o noviço que os traíra, alguns estiveram presentes, outros haviam sido informados. Muito arriscado.

Eles se dispersaram sem nada mais dizer, porém um deles ainda continuou a encarar Nihil à distância. Seu mestre tinha os olhos fechados, sereno, vulnerável. Seria difícil o jovem ter outra chance como aquela. Ele se aproximou cuidadosamente da saída e sentou-se, olhando novamente seu mestre, agora um pouco mais distante, Nihil dormia, sua cabeça balançando cada vez que respirava.

Era agora ou nunca. Ele se pôs de pé e correu. Seus companheiros ameaçaram segui-lo, mas ao fim ficaram todos paralizados.

Nihil abriu seus olhos e pôs-se imediatamente a perseguir o fugitivo. Os outros seguidores puseram-se ao redor da saída do túnel, escutando os outros dois homens lutarem além da porta, Quando os dois reaparecem o jovem discípulo veio à frente e Nihil logo em seguida, eles perpassam o pequeno amontoado de pessoas a fitá-los confusos. Nihil lançou um olhar cheio de raiva à sua presa e dirigiu-se aos seus mais leais seguidores.

- Segurem-no firme - ordenou.

Porém se deteu de atacar um momento e ao invés, apenas observou o grupo atentamente.

- Volto-me logo - disse por fim.

Recou-se a um canto a pensar. De lá pode observar claramente o grupo, que agora ajudava-se claramente ao redor do fugitivo. Eles conversavam entre si em vozes baixas, um mau sinal; Nihil sabia que eles compartilhavam das mesmas ideias.

Cerrou seus punhos, mas manteve-se parado. Havia aprendido tempos atrás, com a ajuda daquele estranho senhor, como controlar seus instintos e agir racionalmente. Ensinaamentos que ele não havia colocado em prática recentemente, cego de confiança em sua superioridade e demasiado concentrado em seu plano ele estava. Agora, no entanto, esses métodos eram de vital importância para reconquistar a confiança de seus seguidores. Ele necessitava agora de todo o seu autocontrole. Nihil suspirou e tentou limpar sua mente de toda suspeita e com uma face serena e afundado n'uma estranha quietude, ele retornou ao grupo.

Parou defronte o deserto. Dois de seus seguidores ainda o seguravam firmemente por seus braços.

- Você não pode se salvar, não adianta fugir - começou Nihil. - Você viu o que aconteceu aos outros. A Segurança está a nos procurar em todo lugar na Rede. Escaparemos apenas se permanecermos juntos.

Ele então virou-se para o que restara de seus seguidores.

- Tenho mais experiência que qualquer outro. Sem mim, todos vocês terão o

mesmo triste fim que tiveram os outros.

O jovem levantou sua cabeça. Ele tremia feito uma folha.

- Eles vão nos matar - ele gaguejou e virou-se a seus companheiros. - Digam-no! Digam-no que temos de nos render!

Nihil ouvira aquela palavra, aquela pequena palavra que ele havia abolido de seu vocabulário. Ele tornou um braço ao redor do pescoço do jovem discípulo e jogou-o ao chão... Então parou, de repente, mirando sua vítima por um segundo em completo silêncio, e voltou-se ao seu canto novamente. Sentado sobre a pedra, ele escutou os passos de seus seguidores, claros de início, mas cada vez mais distantes. Nihil, porém, manteve-se imóvel, a espera do que estava por vir.

- No entanto, nada irá mudar - ele murmurou.

ESPERANDO POR VINGANÇA

@

Foi uma caminhada interminável, o caminho iluminado suavemente passo por passo, sem n'algum ponto de referência. Ao longo de velas cheias de fedor, atravessando caminhos tão estreitos que era impossível perpassá-los sem se agachar e arrastar-se por eles. Arriscando-se chegar a passagens sem saída. Muitas horas depois, finalmente o túnel se alargou. O Chão sujo foi substituído por pavimento. Nihil apressou seu passo, porém não deixou-se ser pego pela euforia; quanto mais próximo da superfície maior era seu risco.

O túnel terminou com um lance de degraus. Nihil apontou sua lanterna para cima, em direção d'uma porta de metal à pouca distância. O portal continha nenhuma maçaneta. Nihil aproximou-se ao atingir o patamar e tocou levemente a superfície de metal. A portal rangeu sobre suas dobradiças.

Nihil tomou um passo em direção da escuridão. O lugar iluminou-se. Ele encontrava-se n'um salão de cor verde, com um lance de escadarias à um dos lados. Os degraus pareciam intermináveis e rapidamente ele deduziu que havia se dado no porão d'um aranha-céus. No topo do prédio ele estaria por fim salvo; eles apenas o caçavam no mundo subterrâneo. Tomou o corrimão com uma das mãos e pôs-se a subir.

De quando em quando Nihil se deteve para um breve descanso. Seus pensamentos estavam sempre focados acima e a frente, em direção do objetivo que parecia nunca chegar.

Demorou-lhe a metade de um dia até que por fim visse acima de si o teto. Ele apressou-se para o último patamar e abriu exasperado a porta.

Uma cegante luz atingiu-o em cheio. Ele cobriu seus olhos com uma de suas mãos e olhou ao seu redor. Acabara n'um terraço além do qual não havia nada se não o céu. Era o maior arranha-céu na cidade.

Projetando-se contra a grade de segurança, Nihil olhou estupefato para outros três arranha-céus recortados contra a luz como três gigantes negros. No lado oposto, mais prédios refletiam o vivo vermelho do pôr-do-sol em suas janelas. Curvou-se mais ainda contra a grade e viu, quilômetros abaixo, as ruas, não mais que estreitas linhas, e prédios elegantes, parques verdes e espelhos d'água, um após o outro e distante um bando de pássaros a sobrevoar outro prédio. Momentaneamente ele esqueceu-se de sua raiva.

No horizonte uma fila de pequenos pontos negros fez-se visível. Eram ovoides da Segurança. Exasperado ele agachou-se detrás d'uma pequena murada. Parado, Nihil segurou sua respiração. Um silvo permeou o ar. Cinco sombras assomaram-se contra o terraço e correram sua extensão para então desaparecerem longe n'outro canto do horizonte.

Nihil levantou-se e voltou a admirar a cidade, dessa vez com um humor e ar diferentes. Em seus olhos havia apenas rancor, nada mais que um imenso rancor.

- Tudo isso deveria ter sido meu - ele sibilou.

Ele dirigiu-se novamente a grade de segurança. Com seus braços esticados, mirou sonhador o vazio. Então virou-se. Ao centro do terraço erguia-se um estrutura com uma escada, a terminar n'uma espécie de sacada, de onde via-se o mastro com a majestosa bandeira de Alpha Centauri a tremular.

Subiu a escada e deu-se na sacada. Agora ele finalmente encontrava-se no ponto

mais alto da cidade. O Sol havia se posto e apenas seu rastro roxo deitava-se no horizonte. O céu começava a enegrecer, porém as estrelas ainda não brilhavam. Uma brisa soprava.

Ele agarrou a grade de segurança e sentou-se sobre ela, deixando suas pernas a mover-se no vazio, olhando fixamente para o pequeno transmissor em suas mãos.

- Logo terei minha vingança - ele lançou um arrogante olhar por sobre a cidade.

- Agora!

Não transmitiu sinal algum. Era-lhe melhor que deixasse que eles o achassem. Sorriu ante o pensamento de seus captadores passaram do triunfo ao desespero.

Permaneceu ali enquanto o vento gelado lhe chicoteava a face e fazia suas roupas tremularem.

QUARTEL-GENERAL

Quartel-General da Defesa, Terra

O corpo da gynoid estava deitado no sofá.

Quando Eva recuperou sua consciência, o General Marcus Rand estava ao seu lado.

- Tão quando eu soube de sua chegada eu me apressei para cá - ele disse ao vê-la acordar.

Ela se sentia tonta, lentamente sentou-se, suas costas apoiadas contra o sofá.

- Marcus, preciso embarcar nas Caravelas.

- Por quê?

Rapidamente ela explicou-lhe a situação.

- Somente o Estado Maior pode tomar uma decisão como essa. Arranjarei uma reunião onde discutiremos o assunto.

Ele se ausentou por pouco tempo e Eva deduziu que estava a contatar seus superiores.

Quando retornou apenas disse.

- Nos reuniremos em meia-hora.

- Sabia que podia contar com você - ela respondeu-lhe agradecida.

- Temos de nos apressar, Eva.

Ela se pôs de pé n'um pulo. Eles rumaram por um corredor e então para dentro de um elevador.

- Desceremos à profundidade de dois quilômetros - informou-lhe Marcus.

Sentaram-se e apertaram seus cintos. Um pequeno objeto levantou-se do chão e pareceu flutuar, e no fundo de seu estômago Eva percebeu que estavam em queda-livre. O elevador depois d'algum tempo começou a se desacelerar; seus freios eletromagnéticos postos a funcionar.

A porta se abriu diante da imponente entrada de um bunker nuclear. Eva sempre havia sonhado em visitar esse lugar, onde o Estado Maior tomava as mais vitais decisões para a proteção da Conferederação e desenvolvia as estratégias para o distante futuro. Quando servira no exército, chegar ali era um dos mais altos objetivos, tanto a ela quanto a seus companheiros, jovens oficiais prontos a mostrar excelência. E mais que tudo, o bunker era um irrefutável ponto de referência. Agora ela tinha a honra de visitá-lo como uma civil, da mesma maneira que as cabeças do estado.

Caminharam ao longo d'um corredor. Eva presente o olhar ininterrupto das câmeras.

Um robô guardava uma porta ao final do corredor. Ele lhes concedeu passagens e Eva e Marcus adentraram um salão. Detrás de uma magnífica mesa estavam cinco membros do Estado Maior a esperar por eles.

Da cabeça da mesa o mais velho dos oficiais a encarou. Seus cabelo era branco e sua farda azul era adornada de várias medalhas.

- O General Marcus Rand nos informou sobre a sua proposta, Eva Dirac - ele disse, austero. - Você merece com toda a certeza a maior atenção, devido ao seu brilhante passado no Exército e à ajuda que recentemente você nos proveu.

Ele correu seus olhos por um dössie por um momento.

- Destacou-se entre os Boínas Vermelhas ao frustrar um ataque terrorista que iria usar armas nucleares - continuou. - Foi condecorada por bravura e recebeu vários chamados. Destinada a alcançar o topo de uma carreira militar. No entanto, você demitiu-se.

O Líder do Estado Maior fez uma pausa.

- E agora você provavelmente está a se perguntar por que depois de todos esses anos nós ainda nos interessamos em você.

Eva sustentava um olhar impassivo. Apenas piscou. O oficial então continuou.

- Depois da acadêmia militar você aceitou passar por um tratamento que iria melhorar suas capacidades cognitivas e físicas. Um experimento ultrasecreto, que a Defesa testava pela primeira vez em um ser humano. Sua memória sobre o período de recuperação foi apagada, para que não contaminasse seu comportamento.

O oficial pigarreou e limpou sua garganta.

- Quando demitiu-se da Defesa, tivemos um momento de hesitação. Ao fim, deixamos que se fosse; com certeza seu comportamento em outros campos seria deveras interessante. O que de fato aconteceu. Você trabalhou para o ISIA, destacando-se pela qualidade de seu trabalho e pesquisa.

Sua face então de repente enegreceu-se.

- Enquanto pertenceu ao Comitê de Certificação, foi acusada de corrupção. O escândalo foi-nos uma surpresa. Não queríamos nada de sua vida escondido de nossos olhos, então encarregamos o General Marcus Rand de investigar o caso. Ao fim vimos que fora tudo armado; era, porém, tarde demais, você já havia se ido para a Rede. Com sua digitalização cerebral você tornou-se um ser virtual de características únicas. Entrou em contato com os Eleitos, uma organização que nós apreciamos pelo mérito de seus participantes. Quando começou a transmitir suas características para os outros membros sabíamos que a Segurança não os pegaria, o que de fato aconteceu. Alguns deles, no entanto, começaram a transformar-se n'uma nova raça.

Ele lançou-lhe um olhar penetrante.

- Vamos ao ponto. Você, Eva Dirac, quer recuperar a população de Alphacity e deter Nihil. Como?

- Nihil mostrou-me uma nova espécie de vírus, algum tempo atrás. Ele pediu-me que a estudasse, porém quando perguntei como ele a havia conseguido, não obtive resposta. Alguns dias depois ele pediu-me que a apagasse de meu computador. No entanto eu havia conseguido suficiente tempo para estudá-la.

- E como você pretende desenvolver esse possível tratamento?

- Necessitarei do simulador da Defesa.

O lendário supercomputador que era mais poderoso que todas as outras máquinas já contruídas no Sistema Solar postas juntas. Escondida sob quilômetros de rochas. Um dos segredos militares mais bem guardados.

Uma expressão solene perpassou a face do importante oficial.

- Nosso computador está engajado n'outros importantes projetos e para atender à sua demanda teríamos de atrasar as atividades já em progresso. No entanto, sinto-me inclinado a ouvir suas razões.

- Como vocês sabem - começou Eva - o vírus é letal. Não podemos restaurar a população pois os back-ups foram todos apagados. No entanto temos que desenvolver um tratamento, ou nenhum deles sobreviverá, com ou sem memórias. Aponto aos Senhores três principais razões, já que estão dispostos a ouvi-las.

Eva pausou por um segundo para recuperar seu fôlego.

- Em primeiro lugar, o supercomputador da Defesa é o único que pode realizar computações e cálculos tão complexos em poucos dias. Qualquer outro computador levaria meses. Em segundo lugar, esse computador usa únicos programas de simulação.

- Como você sabe, Eva Dirac, quais softwares nós temos à nossa disposição? - perguntou-lhe o Líder do Estado Maior.

- Fui eu quem os desenvolvi. A defesa confiou ao ISIA o projeto.

Os outros oficiais falaram-se por um momento em vozes baixas.

- Você então quer nos dizer - interveio seu líder - que não somente você tem um profundo conhecimento sobre a infecção, mas que também conhece as ferramentas necessárias para produzir uma cura. O que nos leva a concluir que seria você, Eva Dirac, quem melhor poderia julgar a necessidade de nosso simulador?

- Apenas expliquei duas de minhas razões, Senhor, e creio ter apontado-lhes três. A terceira é que eu já trabalhei com os cientistas da Defesa. Eles são a melhor equipe que já encontrei. Com sua ajuda tenho certeza que conseguiremos.

O Líder do Estado Maior parou por um segundo a ler um memorando em forma de holograma à sua frente.

- E em troca de seus favores e ajuda, você requisita que nós a deixemos seguir viagem à Alpha Centauri junto dos Eleitos. Explique-nos essa razão, Eva Dirac.

- O projeto Alpha Centauri marca início de uma nova era. Queremos contribuir. Tenho certeza que sabem o que digo.

O Líder do Estado maior encerrou a reunião com um gesto.

- Obrigada, capitão - disse ele.

E ela foi colocada em espera.

Quando a discussão foi retomada meia hora mais tarde, o mais velho dos oficiais apenas encarou a jovem mulher de pé. Ela detinha uma orgulhosa postura e uma expressão resoluta, como a melhor dos soldados.

- Capitã Dirac, lhe admiro como uma excelente soldado, e tenho conplascência que conheça Nihil melhor que qualquer um nesta sala, pelo quanto trabalhou junto dele em seus planos e projetos secretos. Temos certeza de que sua contribuição para com a recuperação das Caravelas será decisiva.

Ele então por fim suspirou profundamente.

- O Projeto Alpha Centauri levará as pessoas digitais para outro sistema solar. Porém existe também um segundo e talvez até mais ambicioso objetivo, que mativemos secreto até agora. Acreditamos que longe de influência humana, os seres digitais poderão expressar seu potencial ao máximo. Procuramos pessoas que possam nos ajudar neste objetivo - ele pigarreou novamente e a idade lhe pareceu palpável. - O Presidente da Confederação tendo consultado os representantes da Rede, decidiu por aceitar sua proposta. Nosso simulador e equipes estão à sua disposição, Capitã.

Ele apontou à Marcus que acompanhava-a.

- De agora em diante reportará ao General Marcus Rand diretamente. O Projeto Alpha Centauri tem prioridade máxima.

Eva e o jovem general então retiraram-se do salão.

- Acredito que você tenha conquistado alguns pontos com ele - brincou Marcus.

Ela sorriu-lhe.

- Obrigada por sua ajuda, Marcus, você me colocou à cargo de tarefas tão importantes...

- Você conhece esse trabalho com nenhuma outra pessoa, Eva - ele apenas disse-lhe.

Nas pontas de seus pés Eva esticou-se para aplicar um beijo sobre a bochecha. Agora estavam no terraço, dirigindo-se a uma aeronave estacionada em seu centro.

Marcus entregou-lhe uma vestimenta.

- Alcançaremos o simulador n'algo de meia hora.

Eles subiram a pequena escada e se acomodaram em seus assentos. O motor da aeronave emitiu um silvo e um segundo depois eles haviam se lançado novamente aos céus.

UM SALTO PARA O PASSADO

O general Marcus Rand parou a poucos metros da entrada.

- Não sou autorizado a seguir em frente, Eva.

Eva olhou-o calmamente.

- Se existe uma solução, eu a acharei. Não se preocupe Marcus, em poucos dias tudo estará bem.

- Ficarei aqui, lhe esperarei - ele completou.

Eva rumou então ao longo do corredor. Depois d'algo de cinquenta metros ela adentrou uma sala circular. Em seu centro estava uma grossa negra coluna da mesma altura da jovem mulher.

- Aqui estou - anunciou ela.

- Estive a esperar por você, Eva.

Ela fechou seus olhos e sentiu seus programas serem sugados e atrelados junto ao computador. Eva protegeu seus olhos com uma de suas mãos. Encontrava-se agora n'um espaço sem n'alguma parede, cheio de um estranho brilho. Dez indivíduos em uniformes de cor branca que se fundiam quase perfeitamente ao brilho da sala estavam junto dela. Eram os cientistas que ela requisitara da Defesa.

- Bem-vinda de volta, Eva - cumprimentou-a o oficial de mais alto posto dentre eles. - Houveram várias mudanças em nossos sistemas desde sua saída.

E de repente, não tão logo ela ouvira aquelas palavras, suas memórias jorravam dentro de sua mente.

Tudo começara cerca de trinta anos atrás n'uma manhã de primavera quando diretor do ISIA a ligara.

- Sua presença é requisitada imediatamente em nossa base militar, seu conhecimento é requerido em um de nossos projetos secretos. Lhe permitiremos que mantenha seus projetos para junto do Comitê de Certificação, porém demandamos que cesse sua participação em quaisquer outros projetos e atividades.

- Algo mais? - perguntou Eva impassiva.

- Enviamos uma aeronave que lhe buscará em cerca de duas horas.

Ela então abandonou todos seus outros projetos. Perto do meio-dia Eva embarcara na aeronave. Um espaço apertado e escuro, com pequenas entradas que permitia à luz adentrar a cabina. A aeronave rumou em direção do deserto à sul da cidade, uma extensão de rochas magmáticas, pontuado irregularmente por majestosos monólitos. Um lugar que Eva bem conhecia, pois havia ela por tempos escalado alguns daqueles picos. Todavia ela até o momento desconhecia ali a presença d'alguma base militar.

Uma hora mais tarde o ovoide aterrissou no meio do deserto dentro d'um seco quadrado ladeado de um enorme muro encimado por arames farpados. O ar queimava. Câmeras e sensores a observavam atentamente.

Três robôs faíscentes a esperavam.

- Doutora Dirac, por favor nos acompanhe - requisitou um deles.

Eles a escoltaram a dentro de uma construção. Um galpão com uma fila de veículos elétricos alinhados contra à parede e a entrada para um túnel no lado oposto a Eva. Um carrinho os esperava, eles embarcaram e desceram ao longo do túnel até a

entrada do laboratório principal.

Após andarem por cerca de metros, eles alcançaram uma sala onde dez cientistas estavam sentados à uma mesa circular. Alguns deles se levantaram para recebê-la.

- Como foi o voo? - perguntou um jovem homem de bonitos cabelos ao apertar sua mão.

- O piloto automático não era dos que gostavam de conversar muito; apreciei a vista, nunca havia estado tão longe dentro do deserto.

- Ficamos impressionados com dois de seus artigos, Doutora Dirac - afirmou um oficial mais velho n'outro lado da mesa; ele tinha seus braços cruzados. - Passaremos suas teorias por difíceis testes.

Uma mulher muito jovem com pele que lembrava suave a cor do ébano ofereceu a Eva um café.

- Meu nome é Paula - disse ela. - Estive aqui por apenas dois dias.

O resto da tarde foi tomado da discussão sobre os comportamentos da espécie de matéria que havia recentemente sido descoberta pelo grupo de cientistas. Decidiram por fim de realizar uma simulação junto ao computador da unidade militar para que melhor entendessem o fenômeno. Eva foi designada a desenvolver o software que realizaria tal simulação.

Meses fantásticos porém difíceis se seguiram, durante os quais eles trabalharam nos matérias principais para um novo e extraordinário computador quântico.

A Defesa se decidiu por de apenas produzir um protótipo, no início. Cientistas e engenheiros e técnicos chegavam em dúzias às instalações militares todos os dias. Com a entrega dos materiais e equipamento, a preparação nos laboratórios se iniciou. A base militar se absorveu-se, dedicando-se unicamente ao desenvolvimento do supercomputador.

Dois meses mais tarde, em perfeita coordenação com seus planos, sua equipe contava com mais de quinhentas pessoas e os laboratórios eram os mais avançados em todo o sistema solar. No ano que se passou, a equipe de cientistas liderados por Eva passou da pesquisa ao desenvolvimento, do teste de componentes básicos à montagem da máquina em si, graças à organização e dedicação em seus trabalhos e uma boa dose de sorte e condições favoráveis.

O objeto de seus desejos e anseios estava enfim a levantar-se alto no centro do enorme salão do laboratório, cercado de vários cientistas e técnicos em uniformes brancos, todos preparados para os testes finais. Redes de equipamentos e cabos espalhavam-se pelo chão do salão. O frenêsi era palpável. Trinfo estava próximo.

Naquele dia, quando a Polícia do Exército adentrou o salão, Eva estava a testar uma peça do equipamento. Eles se aproximaram dela silenciosamente e escoltaram-na até uma outra sala, onde três oficiais a esperavam.

- Doutora Dirac, fomos informados das acusações que constam contra você e da investigação que está a ocorrer - disse-lhe um dos oficiais.

Eles estavam a encará-la, preparados a captar a menor das reações.

Por fim eles anunciaram.

- Nós lhe entregaremos às autoridades civis.

E depois de uma hora Eva encontrava-se dentro d'um ovoide, espremida em seu assento entre dois detetives. Confusa e a mercê de eventos que ela sabia não havia causado, que ela tinha certeza frustrariam sua vida completamente.

No centro da brilhante sala Eva inclinou ligeiramente sua cabeça.

- O início de um pesadelo - ela murmurou.

Imersa em uma hipnotizante brancura ela permaneceu imóvel até que um dos cientistas gentilmente a trouxe de volta à realidade.

- Podemos começar, Doutora Dirac - disse ele.

Ela levantou sua cabeça.

- Transmitirei os dados.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO

@ Cidade Virtual de Alphacity

O motores assoviaram. A aeronave costurava por entre os arranha-céus e por sobre os palácios. Eva olhava para a cidade através da transparente cabina. As ruas e praças ainda cobertas de corpos.

- Meu desafio - murmurou ela.

Cerca de meia hora depois eles alcançaram o branco prédio do Instituto de Ciências da Computação no centro d'um gramado. O ovoide pousou próximo d'uma fonte à entrada da construção. Eva desembarcou. Alguns pesquisadores correram ao seu encontro, liderados por um pequeno e vivaz homem a quem Eva cumprimentou com um aperto de mãos.

- Eva, Eva, que prazer em vê-la novamente! - disse o pequeno homem, o diretor do Instituto.

Ela sorriu apenas por um momento.

- Sei que estão com grandes problemas.

- A taxa de casos fatais está aumentando, uma reação e consequência da infecção.

O grupo rumou adentro do prédio até um elevador.

- Estamos no subsolo, em nosso bunker. Por sorte estávamos lá quando a epidemia estourou - informou-lhe o diretor.

Adentraram o laboratório. Eva e o diretor rumaram para uma plataforma. Cerca de cinquenta cientistas estavam agrupados ao redor deles de faces tensas a encará-los, uma profunda determinação estava expressa em seus olhares. Eles eram o tipo de pessoa que amavam desafios ao seu intelecto e que os viviam com paixão, assim como ela própria o fazia.

O diretor pigarreou e anunciou.

- Todos vocês conhecem a Doutora e Oficial Eva Dirac, ao menos por sua reputação se não pessoalmente. Ela está a se juntar a nós hoje, como gerente de pesquisa.

Alguns estavam estupefatos, outros tinham estampa em suas faces aquela expressão que tem as pessoas quando os rumores que vinham circulando se confirmam e todos se mostraram felizes de receber a ajuda oferecida em momentos tão difíceis. Eles a recebem com uma salva de palmas, como antes, antes de tudo.

- É um prazer estar aqui - agradeceu Eva. - Reavivam-me memórias do ISIA.

Reconheço alguns de vocês e relembro as nossas conquistas. Dessa vez estaremos enfrentando um desafio de dificuldade impressionável. Um desafio que temos de vencer à todo custo. Vamos direto ao ponto. Nos dias que passei no simulador, eu e cientistas da Defesa descobrimos uma cura aos danos causados pelo vírus que assola Alphacity.

Ela viu, em uníssono, todas as faces a encará-la se iluminarem.

- Significa que poderemos trazer de volta à vida mesmo os que não resistiram?

- perguntou-lhe um dos cientista.

Eva pressionou seus lábios juntos.

- Não pretendo criar esperanças falsas - ela disse. - Até o momento falamos apenas de simulações. Estamos neste exato momento testando o tratamento em um ser humano.

Os olhares concentraram-se em direção d'um cilindro de cristal que estava ao canto da plataforma. Um pálido e magro corpo encerrado em seu interior.

Dados fluem intesamente n'um monitor à direita de Eva.

- O arquivo do tratamento já foi inserido - afirmou Eva. - Começemos.

Um menu apareceu no ar defronte a Eva. Uma mão invisível ativou as funções.

O cilindro encheu-se d'uma brilhante névoa que depois de alguns minutos condensou-se n'uma fina película que cobriu o cadavérico corpo. O equipamento zombia insistente ao fundo. Diversos outros monitores informavam frenéticas sequências de símbolos e números.

Um minuto se passou.

E depois cinco.

Dez.

E corpo permanecia imóvel.

E então um beep, um pequeno e suave som.

N'um monitor distante em meio ao resto do equipamento pulsava um ponto de cor verde.

Os cientistas se apressaram aos terminais de equipamentos. Frases de frenêsi foram ouvidas. Em unísono outros monitores se acendem. Os alarmes disparam.

Os olhares se concentraram no pálido corpo, branco como a morte. Para ele, o tempo realmente parara de correr.

Porém os monitores mostravam uma reação, algo havia acontecido.

Um pequeno movimento em sua mão direita. Ele moveu um dedo, levantou sua mão. Lentamente abriram-se seus olhos. Pupílas dilatadas depois de um longo sono. Poucos segundos, tão extensos quando a eternidade, instantaneamente marcados na memória daqueles presentes, seu triunfo, a recompensa por seus esforços.

E com um "Viva!" uma ensurdecadora alegria explodiu.

Uma semana depois.

Os cientistas reuniram-se diante de Eva e do diretor. Uma atmosfera eletrizante transpassava em suas faces enquanto esperavam pela anúncio. Apenas rumores haviam sido ouvidos até então.

O diretor se pôs de pé e olhou sua audiência.

- Uma semana se passou desde o contágio e agora nosso tratamento está preparado para ser utilizado em larga escala - disse ele n'uma voz comedida. - Infelizmente os últimos teste não nos expressaram resultados favoráveis. Podemos curar apenas parte da população.

Um calafrio percorreu o grupo.

- Agradeço a todos vocês por sua dedicação e espírito de equipe - disse Eva. Ela fez uma pausa e encarou as confusas expressões daquelas pessoas, que somente a enorme tensão e a motivação do sucesso haviam mantido todas as esperanças. - Como anunciou nosso diretor, o resultado ainda nos é incerto.

Um cientista de repente se levantou.

- Poderia quantificar o resultado, Doutora Dirac?

- A taxa de sucesso obtida está em cinquenta e oitenta por cento - respondeu Eva, sua clara voz ecoando no silêncio. - O que quer que aconteça, devemos ter orgulho de nosso trabalho, fizemos todo o possível.

Ela sentiu todos olhares sobre ela.

- Em algumas horas, milhões de pessoas voltarão à vida - completou Eva.
Todos os presentes no salão sentiram uma calma surreal.

Eva tornou seus olhos para o monitor acima da plataforma onde uma imagem de baixa altitude de Alphacity aparecera. Prédios e ruas cobertas por uma profusão de pontos de cor amarelada, dentre os quais podiam-se ver outros pontos, de cor vermelha; os infectados e os que não haviam resistido.

- As mortes atingiram a taxa de dez por cento da população - anunciou Eva. - Liberarei os programas de reparo.

Uma onda circular se espalhou d'um canto da cidade. Como um torrente de espuma ela espalhou-se ao longo das ruas, adentrou as construções, invadiu porões, progressivamente pintando novamente a cidade com pontos de cor verde. Porém de intervalos em intervalos pontos vermelhos e amarelos ainda piscavam tenazes.

Eva levantou seu braço e apontou um número ao canto do mapa de Alphacity onde números variavam incessantemente.

- Essa é nossa taxa de sucesso - informou ela e tornou sua atenção à uma série de gráficos e estatísticas. - Em cerca de meia hora teremos as primeiras estimativas.

A contagem regressiva.

O tempo passava não em segundos e minutos, mas em números e porcentagens.

Corpos congelados em tensão, exclamações minguadas a sussurros.

Uma lenta agonia em direção d'um resultado inexorável.

Na primeira estimativa, apenas murmuros.

Os dados são atualizadas, hora após hora.

Quando o noite já chegara o veredito chegou e foi recebido em total silêncio.

TODOS JUNTOS

@

Longas e silenciosas procissões que brilhavam com as luzes que cada pessoa carregava nas mãos se dirigiam à praça principal da cidade, onde as cerimônias estavam a acontecer. A pálidez e tristeza dos que ali caminhavam revelava um profunda dor - muitos haviam perdido seus entes queridos - e suas cabeças levantadas olhando sempre a frente mostrava que eles, com quaisquer que fossem suas dores, já haviam aceitado seu destino.

Pararam defronte uma plataforma que fora posicionada n'um dos lados da praça. E às vinte e uma horas o Almirante iniciou a cerimônia.

- Estamos aqui para dizer adeus à nossos pais, irmãs, irmãos, parentes e amigos vítimas de um destino cruel que os roubou a vida. Por todos aqueles que se foram, eu rogo-lhes um minuto de silêncio.

O povo das Caravelas baixou suas cabeças complacentes em seu sofrimento, tão profundo que nem mesmo o hino de Alpha Centauri, uma antiga música que falava de coragem e solidariedade, pôde apaziguar.

- Há cerca de um mês - continuou o Almirante com uma voz carregada. - Há cerca de um mês estávamos a celebrar o início de nossa jornada e o nascimento da República de Alpha Centauri. No entanto, um mal nos saqueou e tomou conta de nossas mentes, levando aqueles que não conseguiram resistir.

O Almirante então virou-se à Eva que estava junto da multidão.

- À está mulher, eu agradeço, agradeço por nos ter trazido de volta do mundo do silêncio e do nada, de volta à vida, e assim ter nos dado a chance de continuar com nossa missão.

Depois de um silêncio emotivo, o público explodiu em uma enorme salva de palmas. Eva dirigiu-se a plataforma. Ela detinha o olhar de milhões, que esperavam suas palavras. O povo pelo qual ela lutava, a quem ela iria dedicar seu futuro.

- Decidi me juntar à viagem para Alpha Centauri porque apenas podemos dar dignidade à vida das pessoas virtuais se migrarmos para um novo mundo - sua voz ecoou clara através da praça. Seus olhos correram pelo mar de gente e ela pôde sentir suas emoções. - Sua presença aqui nessa noite é me o maior presente que poderia desejar, posso sentir a força de nossa solidariedade e a firmeza de nossas motivações. É uma experiência extraordinária, que me faz perceber e entender o modo como o povo das Caravelas consegue transformar mesmo os mais desafiadores sonhos em realidade.

Quando Eva deixou a plataforma sob mais uma salva de palmas, seus amigos vieram imediatamente de encontro a ela. Victoria e Adão a abraçaram. O comandante das Forças Especiais primeiro a congratulou, e depois pediu-lhe uma palavra em particular.

- Completamos a inspeção do subterrâneo, não conseguimos encontrar Nihil.

- Conseguiram seus rastros ao menos?

- Até o momento não, Capitã Dirac, porém depois de investigações conseguimos reduzir nossa busca somente ao décimo terceiro distrito.

- Uma questão de dias então - disse Eva.

Eles se juntaram ao grupo novamente e se viraram em direção da plataforma, onde C573Y começara a falar.

- Não podemos ainda baixar nossa guarda - anunciou o oficial.

Ele fez um movimento com seu braço em direção do holograma que pintava o céu noturno onde se viam as faces de doze indivíduos.

- Aqui estão nossos inimigos, todos eles ainda soltos. O primeiro à esquerda é seu líder, Nihil, o responsável por todas nossas tragédias.

Ele fez novamente outro aceno com seu braço.

- Enquanto eles continuarem livres e sem punição, nós nunca estaremos seguros.

PRÓXIMO DO CÉU

@

Era meia noite quando Eva despertou-se abruptamente. Uma mensagem de prioridade máxima havia a acordado.

*** CONTATO COM O GRUPO ARMADO ***

Sentou-se de costas retas na cama e permaneceu parada por um momento apenas para realmente despertar e recuperar suas energias, então d'um pulo Eva trajou seu traje de proteção e em poucos minutos se pôs a cruzar o corredor de acesso à seu quarto com passos longos, em direção d'uma porta de vidro. Logo além do portal estava um ovoide a esperá-la, com seu motor já a roncar, recortado contra o seu noturno.

- Ao décimo terceiro distrito - ordenou ela ao adentar a cabina. O veículo ascendeu nauseantemente enquanto o barulho dos motores enchiam o ar. Através de sua cobertura transparente Eva mirou o Quartel General da Segurança à distância. Suas luzes estavam acesas e em seu vasto pátio central o robôs moviam-se freneticamente para dentro e fora da construção. Eles apressaram-se ao portões e espalharam-se pela cidade. Detrás dela, á distância, estava uma outra aeronave carregada com tropas.

O ovoide perpassou por sobre prédios. Toda a cidade era uma imensa sucessão de pratulhas e postos de checagem e controle. Não havia sinal algum de civis; haviam todos permanecido em suas residências, como recomendara a Segurança.

Eva conectou-se ao computador principal.

- Que aconteceu? - indagou ela.

- Conseguimos identificação positiva das câmeras quanto ao paradeiro dos terroristas - respondeu-lhe o computador prontamente.

- E está Nihil entre eles?

- A face de Nihil não foi identificada dentre eles - respondeu-lhe o computador. -

Porém, é possível que nossas câmeras não tenham reconhecido sua face pois estava ele de costas ou algum outro fator, já que todos tem massa corporal semelhante.

- Mostre-me a área em que eles foram identificados.

Uma imagem materializou-se a frente de Eva. As tropas estavam convergindo-se a uma área residencial.

- Conecte-me ao oficial - ordenou ela.

Um holograma apareceu em sua frente.

- Como anda a operação, capitão - começou ela.

- Completamos o cerco. Uma de nossas patrulhas engajou-se em um tiroteio com o inimigo, forçando-os a bater em retirada até um prédio ao fim da rua - e apontou para uma quadra povoada por apartamentos apenas há alguns metros de distância.

- Ative os matadores - ordenou Eva.

Um enxame negro, feito de pequenos robôs que eram capazes de se esgueirar nos menores lugares, levantou-se ao ar e dirigiu-se ameaçadoramente em direção do prédio onde se refugiavam os terroristas. Depois que desapareceram a dentro da construção. Eva passou a acompanhar os eventos em seu campo visual. O contato foi quase imediato; uma rápida perseguição pelos corredores até um apartamento. O terror estava estampado nas faces dos terroristas, seu gritos eram desesperadores.

Depois de uma pequena série de explosões e estampidos um profundo silêncio se seguiu.

O ovoide aterrissou defronte o prédio. Os robôs já haviam recolhido as vítimas - parcos jovens de faces magras - e estavam transportando-os ao um containêr blindado, preparando-se para levá-los ao qualter-general.

O capitão aproximou-se de Eva ao perceber que havia chego.

- Foi Nihil capturado? - ela perguntou e o capitão moveu sua cabeça negativamente. - E a que ponto está a preparação dos Investigadores?

- Eles estarão preparados amanhã pela manhã - respondeu-lhe o capitão.

- Eu quero que eles se espalhem e o encontrem, o mais cedo possível - disse Eva ríspida.

As horas passaram-se lentamente. O céu migrou d'um tom negro para um azul profundo enquanto as estrelas desapareciam e uma linha rosada pintava o horizonte. De repente os primeiros raios de Sol dançaram por entre os arranha-céus e rapidamente desceram até as ruas, iluminando veículos e tropas. Eles eram negras formas recortadas contra os brilhantes raios de Sol.

- Estamos preparados - informou-lhe o capitão.

- Comecemos então - ordenou Eva.

Um grupo de ovoides tomou os céus. Eles estavam a espalhar um nuvem luminscente, que esgueirou-se para dentro dos arranha-céus, casas e porões. Milhões de programas que trocavam informações entre si, comportando-se como apenas um só programa, tão grandes quanto uma cidade e em contato constante com o qualter-general da Segurança, capazes de reconhecer rastros inimigos, persegui-los e executá-los. Os mesmos programas em que Eva estava a trabalhar quando deixou a Defesa: os Investigadores.

A nuvem começou a convergir-se a um terraço n'um dos arranha-céus.

- O encontramos - ela disse, triunfante.

O ovoide aproximou-se do arranha-céus, uma construção tão impressionante quanto o Sol. A aeronave fez uma curva abrupta e parou a cerca de dez metros acima do terraço. Nihil, envolto pela nuvem de luz, estava a correr desesperado com seus braços esticados, com um homem cego.

- Pouse - ordenou Eva ao piloto.

ÚLTIMA BATALHA

@

Nihil apoiou-se n'uma pequena parede, no centro do terraço havia uma nuvem densa de luz, cheia de um líquido luminescente. Sua imobilidade e olhos baixos faziam-no parecer inconsciente.

Mas ao som de passos ele levantou sua cabeça. À sua frente estavam Eva e suas tropas.

- Eu esperavam por você - murmurou ele. - Entendi que estava à bordo das Caravelas quando seus programas me atacaram. - Sua face se iluminou em triunfo. - Você não vencerá, Eva.

- Matem-no - ordenou Eva, e olhou-o profundamente nos olhos.

N'um instante, os programas que o cercavam furaram seu corpo como agulhas, cobrindo cada uma de suas células com uma fina película. Nihil permaneceu imóvel como uma estátua de vidro. Uma brisa fresca soprava pelo terraço.

- Nada deve restar - completou Eva.

Uma densa fumaça negra exalou de dentro do corpo de Nihil. Quando desapareceu ele também se fora. Suas células haviam sido reduzidas a componentes menores e individuais, lavados pelo vento.

Outros ovoides estavam a voar ao redor do arranha-céus, um deles pousou e um esquadrão desembarcou.

- Preciso me ir - disse Eva ao capitão. Porém à meio caminho da aeronave sua visão se turvou e suas pernas vacilaram. Um segundo antes de cair ao chão ela recuperou sua força. Ainda um pouco tonta, ela chegou à aeronave e deixou-se cair sobre seu assento.

- Para o quartel-general - disse apenas.

Enquanto decolava, Eva contactou C573Y.

- Me livrei dele - disse.

- Tem os meus parabéns, Eva Dirac.

- Ele, porém, continuou com sua vingança.

- Como pode estar tão certa?

- Nihil nunca apenas se limitou a ameaças.

- Nossos programas antivirais não apontaram nenhuma anomalia, mesmo depois de serem atualizados.

- É um novo vírus. Mova a população a outro servidor.

Depois de alguns segundos C573Y lhe respondeu.

- Um programa desconhecido está a negar a transferência.

Eva semicerrou seus olhos.

- Estamos sem saída.

O ovoide iniciou sua descida em direção do quartel general da Segurança. No terraço, um pequeno grupo de pessoas esperava por ela, prontos a celebrar. Dentre eles estava Victoria, acenando-a, e Adão.

Eva aproximou-se deles.

- Todos vocês, para o ovoide, temos de nos refugiar no bunker da Defesa, agora!

- O que está acontecendo? - perguntou-lhe Adão.

- Não há tempo para explicações, apenas sigam minha ordem!

O grupo hesitou por um segundo e então se apressou de volta ao ovoide.

Eva seguiu-os, seu dentes apertados juntos firmemente, uma expressão de dor em sua face. Uma questão de minutos. Sua garganta começara a se queimar. Gotículas de suor pingavam de sua testa que quando limpas se transformavam n'uma substância grudenta. Sua face estava derretendo-se...

A aeronave novamente tomou os ares.

Uma dor estonteante a tomou, como se cada nervo de seu corpo estivesse em brasas, seguida de uma série de convulsões, tão fortes que fazem com que seus músculos se rasgem e seu órgãos internos se reduzam à uma sangrenta polpa.

Curvada de forma bizarra no chão da aeronave, Eva sentia sua vida esgueirar-se por entre seus dedos. Quando ela havia vencido, justo quando ela havia vencido, seus sonhos morrem...

Quando o ovoide aterrissou no terraço do quartel general da Segurança, o corpo de Eva estava irreconhecível. Espalhados ao redor dela, o restante de seus compainheiros estava a se dissolver lentamente.

Todavia as notícias da vitória sobre o grupo de terroristas se espalharam pela cidade. N'um estado de euforia coletiva, os habitantes de Alphacity foram às ruas para comemorar. Eles se abraçavam e cantavam. Seus sofrimentos agora reduzidos à memórias.

Porém a doença e a calamidade corriam pelas ruas, cruzando as praças e invadindo as casas. Tomando a população de surpresa.

Na manhã seguinte, enquanto a lua desaparecia e o céu se iluminava d'um bonito azul, o Sol acareciou os arranha-céus, palácios e parques novamente. Ouvia-se o bater de asas. Uma revoada de passáros desde um jardim circundou o obelisco e pousou sobre um telhado. O ar se encheu com a música dos passáros.

No entanto a cidade não despertou. Uma rajada de vento gélida faz voar uma nuvem de folhas secas e fez-las dançar e rodopiar.

Na ponte de comando das Caravelas reinava um profundo silêncio. Parcos androides estavam a encarar os monitores, concentrados nas imagens da cidade. Suas faces tensas e cansadas faziam-nos parecerem centenas de anos mais velhos.

C573Y moveu-se para longe do grupo. Seus passos rítmicos quebraram o silêncio. Ele deteu-se defronte à janela panorâmica onde permaneceu imóvel, fitando distante a mais brilhante estrela, Alpha Centauri. Aparentemente o androide estava absorto em pensamentos, seu coração profundamente partido.

SOMBRAS

Alpha Centauri

- Para o lago!

O ovoide desceu adentro da multidão de veículos que amontoavam-se nas estradas-aéreas nas primeiras horas da noite. Perpassando duas fileiras de arranha-céus pontilhados de luzes e voando em direção dos arredores da cidade, roçando o teto luminescente de estranhos bosques. Depois de cerca de meia hora o ovoide finalmente pousou sobre uma austera rocha no centro de uma planície. O lugar em que eles se reuniam toda a semana depois do trabalho.

Victoria e Adão deixaram a cabina e caminharam por cem metros à extensão da rocha até o beiral do precipício. Sentaram-se sobre um pedregulho. Victoria inclinou-se e puxou um tufo de grama tão suave quanto seda com o qual ela brincou nervosamente por um momento.

Em despeito da tardia hora, ainda havia luz. A grande estrela no horizonte pintava a planície de um bonito laranja e rosa dançando sobre a superfície do lago n'um tom brilhante de dourado.

Distante no horizonte ofuscou um ponto brilhante, aproximando-se rapidamente a figura d'um ovoide.

- Ela chegou - disse Adão e sorriu.

A aeronave pousou ao lado da primeira. Uma figura esbelta salta do veículo e depois d'um rápido olhar à volta, acenou-lhes e aproximou-se com passos longos.

- Desculpem-me pelo atraso - disse Eva ao alcançá-los. - O Almirante da Frota requisitou minha presença por um momento. Ele me contou uma história incrível...

Os outros mostraram-se curiosos, Eva sorriu.

- Quando Nihil percebeu sua iminente derrota, ele vingou-se ao espalhar uma série de vírus mortais por Alphacity. Toda a população sucumbiu.

- Como assim? - indagou Victoria, indignada.

- Por que então ainda estamos vivos? - seguiu-a Adão.

- Somos todos cópias, back-ups - respondeu-lhes Eva e deleitou-se da surpresa em suas faces.

- Mas todas as cópias de segurança haviam sido apagadas logo após a partida as Caravelas...

- Um programa da Defesa obteve sucesso em duplicar os habitantes e guardá-los seguramente em um de seus servidores momentos antes do ataque. Aconteceu enquanto eu estava desmaiada.

Victoria e Adão começaram a perguntar-lhe incansavelmente e Eva respondeu-lhes todas as dúvidas. Gradualmente os ânimos se acalmaram e eles puseram-se a olhar distante o horizonte.

- É mais brilhante que a Lua - murmurou Victoria.

Alpha Centauri era um sistema de três sóis. Por metade do ano a estrela menor enchia as noites de luz e na metade seguinte a estrela maior e ainda outra terceira vermelha a seguia, enchendo desta vez o dia de esplendor.

Eles ouviram pequenos silvos e estranhos sons e ao virarem-se viram subir d'um toco pequenas criaturas, que foram se esconder na grama.

- O Almirante inaugurará a quinta cidade em um mês - anunciou Adão. - Estamos à frente do planejado.

Victoria sorriu, nunca se sentira tão útil e estivera com pessoas tão otimistas.

Eles viraram-se a mirar o extenso cabo do elevador espacial que ligava seu planeta à Caravela Santa Maria que estava a orbitar os céus à trinta mil quilômetros acima deles. A plataforma lotada de containêrs estava a mover-se lentamente.

- Pensar que ainda temos seis meses - disse Eva.

Adão tornou seus olhos para os três brilhantes pontos no céu noturno.

- Mal posso esperar para partirmos - disse Adão com um suspiro.

Victoria encarou-os em silêncio com por um momento. Era o momento certo.

- Pense se deveríamos ficar...

Eva permaneceu petrificada em surpresa por alguns segundos.

- O quê? Está com dúvidas, Victoria? Quando estamos a poucos meses de partir?

- Digo, penso... por que deveríamos abandonar esse planeta, depois de todos nossos esforços - insistiu Victoria enquanto rasgava o pedaço de grama que ainda detinha nas mãos abruptamente.

Eva resmungou.

- Não consegue ver, Eva? As fábricas automáticas e os robôs estão a montar as cidades uma após a outra. Eles já não precisam de nós aqui.

- O homem viveu na Terra por milhares de anos...

- E daí? - exclamou Eva. - Temos uma missão!

- Nosso vida infinitamente longa nos impõe um alto preço, Victoria - interveio Adão. - Nós temos de enfrentar os desafios que o homem nunca virá. - Ele deixa se perder a mirar o vazio, como se pudesse de fato vislumbrar tais desafios. - Colisões com asteroides, supernovas, galáxias em choque. Talvez estejamos presentes no fim do Universo. Temos de nos preparar e certamente não poderemos fazê-lo ao nos limitarmos à esse pequeno planeta na Via Láctea. Somos tão poucos para adquirir o conhecimento que necessitamos e estamos tão longe de onde as ameaças irão se espalhar.

Agora Adão falava com uma voz solene.

- Espalhando-nos pelo Universo conheceremos outras civilizações. E em alguns bilhões de anos, todos nós enfrentaremos nosso maior desafio, juntos - ele olhou para os céus agora pontuado de brilhantes estrelas. - Desejamos sobreviver ao fim do Universo.

Victoria escutou em silêncio, seus olhos fixos em seus dois companheiros. Suas mãos tremiam um pouco.

- Essa é nossa tarefa - explicou-lhe Eva, com uma voz tão doce que ela pareceu cantar. - Foi o próprio homem quem nos deu tal missão, há muito tempo, quando ele nos ensinou a olhar para o futuro e nos fez entender que não existe alegria maior que completar tal missão juntos. Mas sei que já sabe disso há muito tempo, Victoria. Vejo que seus olhos brilham quando discutimos nossos projetos futuros. Então, por que agora pensa em desistir?

Eva olhou-a fixamente, deixando-lhe nenhuma espatatória.

Victoria suspirou. A mesma sensação que antes.

Um mal-estar subia-lhe das entranhas e espalhava-se por seu corpo todo. Há seis meses, quando a dor primeiramente aparecera, ela pensou que fosse algo momentâneo. Ela a afastou com sua força de vontade, porém a dor persistiu e permaneceu em algum canto escura da mente de sua mente, aumentando dia após dia; ela

temeu que estivesse se esquecendo de sua existência. Pela primeira vez fora tomada por tais dúvidas.

- Não tenho certeza do que nos espera...

Agora Eva estava diretamente à sua frente, olhando-a nos olhos profundamente.

- Você tem medo - ela disse e sentou-se ao lado de Eva. - É uma herança dos humanos, essencial à sua sobrevivência, já que sua existência é tão curta e frágil que eles não podem nem ao menos contemplar tais projetos. É um peso inaceitável para nós, Victoria. Você não percebe? Começamos uma revolução científica; a tecnologia se desenvolve à uma velocidade impressionante em direção de objetivos antes impensáveis há poucos anos. A colonização de Alpha Centauri é um sucesso sensacional. E agora estamos aqui a conversar sobre eternidade...

Victoria percebeu o calor nas palavras de Eva, um calor aconchegante. Com Eva não havia nenhum rodeio, somente e direto entendimento e Adão a conhecia tão profundamente que por vezes parecia que ele podia ler suas pensamentos; por vezes mesmo quando Victoria estava sozinha ela o sentia por perto.

Sua família, em quem ela tem confiança absoluta.

Palavras tão doces quanto carícias a atingiram. Era Adão a lhe falar dentro de sua mente.

- Estaremos junto de você, Victoria, não importa o que aconteça. Lembre-se Victoria, siga sua nova natureza e acima de tudo, aceite cada experiência, mesmo que lhe pareça difícil, e sempre procure por mais. Somente dessa maneira você terá a oportunidade de conhecer a si mesma como nunca antes você o fizera e progredir. E um dia, nada a fará sentir medo.

PARA SEMPRE

A grande estrela pintou de laranja as nuvens no céu e cobriu de vermelho a extensa planície. Escuras formas circulares estavam a se aproximar longínguas. Poucos metros adiante, majestosos pássaros de cores amarelas e vermelhas viraram-se em direção d'uma rocha onde pousaram com um bater de suas asas. Lentamente o corpo celestial desaparecia, deixando um rastro de cor rosada no horizonte, enquanto no oposto lado do planeta a alvorada despontava. A estrela menor tomou os céus, iluminando as árvores e arbustos novamente.

Dois andróides estavam sentados na grama. Eles ouviam as melodias da natureza, o farfalhar das vitricas folhas do arbusto a serem tocadas pelo vento e o frenético cantar d'um bando de animais escondidos ao longo dos filamentos avermelhados na extensão da planície. Nos céus, sempre entre o dia e a noite n'um crepúsculo sem fim, três pontos brilharam.

James chegara através do raio de laser há duas semanas, depois que morrera em um acidente.

- Não lhe contei sobre minha chegada pois queria mantê-la uma surpresa - disse ele a Victoria.

- Estive a sonhar com esse momento por mais de cem anos - respondeu Victoria.

- Encontrei-me com o Almirante. Ele quer acelerar a colonização; ele pretende que os governantes o auxiliem - agora James falava excitadamente e então hesitou por um segundo. - Ele me ofereceu um emprego.

- O que respondeu a ele - começou Victoria.

- Que sua proposta soava-me interessante.

Um calafrio lhe percorreu a espinha; verdade era que os testes e provações nunca acabavam. Ela reuniu toda sua coragem e suas palavras lhe vieram, soaram mecânicas, se não tristes.

- Logo as Caravelas irão partir. Eu sou parte dessa missão. Tomei minha decisão há muito tempo.

Victoria abraçou seus joelhos esperando por uma resposta, como uma criança sem esperança.

- Não quero forçá-la a ficar - disse James casualmente.

Palavras tão violentas quanto tapas. Era realmente o destino que eles se separassem, para sempre, mesmo quando sua felicidade estava tão próxima.

- Mas eu não pretendo te perder novamente - completou James. - Não de novo.

Os olhos de Victoria se iluminaram. Ela virou-se para James e lançou-lhe um olhar questionador.

- Que você quer dizer?

Então um abrupta intuição a tomou. Era bom demais para ser verdade.

- Partirei também. Tomei essa decisão há muito tempo também, quando vi que estava entre os tripulantes. Quero viver essa aventura com você - ele respondeu e trouxe-a para perto dele, n'um aperto carinhoso.

Eva e Adão se juntaram pouco depois ao grupo e os quatro discutiram animadamente sobre seus projetos e quando tiveram certeza de que nada fora deixado de

lado, puseram-se a apenas apreciar a vista da paisagem ao redor. Agora a parca luz da estrela dsitante no céu cobria o campo com um véu transparente e a brisa soprava doce, fazendo com que o topo das árvores dançasse suavemente.

Uma forma negra despontou não muito distante no campo, procurando por abrigo.

- Olhem! - exclamou Victoria.

Adão apontou ao longo uma rocha onde criatura de longos e finos membros estavam encarrapitadas.

- Por que estão lá parados? - perguntou James.

- Creio que estão a desfrutar do calor da estrela - respondeu-lhe Adão.

Victoria mirou o céu. Era um noite clara de verão, com milhares de pequenas luzes flutuando e brilhando pelo quente ar. Distante no firmamento uma estrelinha névoa era vista onde estavam milhares de estrelas e planetas. Uma imensidão em que logo Victoria estará imersa com sua família; uma missão que os manterá ocupados para sempre, talvez enquanto o Universo existir.

Em uma suave e baixa voz ela começou a cantar o apaixonado e sonhador hino de Alpha Centauri. Os outros se juntaram à ela, com vozes mais fortes.

Oh amigos, mudemos de tom!
Entoemos algo mais agradável
E cheio de alegria!
Alegria, mais belo fulgor divino,
Filha de Elísio,
Ébrios de fogo entramos
Em teu santuário celeste!
Teus encantos unem novamente
O que o rigor da moda separou.
Todos os homens se irmanam
Onde pairar teu voo suave.
A quem a boa sorte tenha favorecido
De ser amigo de um amigo,
Quem já conquistou uma doce companheira
Rejubile-se conosco!
Se abracem milhões de seres!
Enviem este beijo para todo o mundo!
Irmãos!

Buscais além da abóboda estrelada! (7)

Uma melodia que se insinuou adentro do bosque vítrico, fazendo com que suas folhas ecoassem como cristais. Uma música antiga, fechada dentro da memória do planeta e das pessoas que o originaram. Uma canção doce e nostálgica que os seguiria adentro dos mais distantes cantos da galáxia.

(7) Poema de Friedrich von Schiller, adaptação musical por Ludwig van Beethoven, 1824, "Ode à alegria".

BIG BANG

Em um futuro distante.

O Universo olhava para dentro das galáxias, antigas, deformadas pela forma da gravidade.

- Agora, filho meu, é chegada hora de você nascer.

Ele suspirou profundamente. Correntezas de neutrinos corriam através das dobras do espaço-tempo, juntando-se à imensidão de planetas pensantes em sua mente. Em apenas um momento, ele havia estabelecido a constante cósmica.

- Você contém uma semente sublime, única, porém se passará um longo tempo até que você se dê conta disso. No início luzes tão brilhantes como nunca antes você virá eclodir de dentro de ti. Será o caos e seu crescimento será tumultuoso.

O gelado vento cósmico o inebriou e um calafrio correu-lhe por todos os anos-luz de sua existência.

- Então, de um canto remoto e distante, o primeiro sinal de consciência irá surgir. Será apenas uma luz pequena. Você não conseguirá percebê-la, e mesmo que consiga, não irá entendê-la; seu caminho até sua própria consciência será maior e longo. Uma multitude de civilizações eclodirão à seguir, muitas delas ao mesmo tempo. Permaneceram, porém, apenas como fenômenos locais, destinados a se ir com a mesma velocidade com que vieram. Outras, todavia, se espalharam forçadamente à extensão de seu ser, alcançando as mais remotas zonas no espaço. Eles estão serão seu sistema nervoso; suas máquinas e planetas seus neurônios.

Pausa, um segundo, um minuto ou talvez uma vida inteira se passaram.

- Você adquirirá consciência de si, ou melhor, muitas consciências. Elas serão incompletas e limitadas à suas regiões no cosmo, definitivamente imperfeitas. Seja paciente. Seu caminho é longo e Evolução irá estar sempre ao seu lado. Algum dia as civilizações vivendo em minha lenta agonia irão migrar ao seu ser. Graças à sua luz e energia, elas serão prósperas novamente. Elas se encontrarão com a sua população e os ensinarão à progredir. E quando nossas naturezas finalmente se juntarem, você se tornará um ser inteiro, finalmente. Antes, há muito tempo atrás, o mesmo aconteceu comigo.

Ele fitou planetas borbulhando com vida, estrelas vermelhas e amarelas, corpo super-densos, tão negros que nem ao mesmo luz podia lhes escapar, e galáxias de anti-matéria.

- Você não estará destinado ao isolamento. Além de seus limites, em um espaço onde o tempo não existe, há seres como você, meu filho, destinados a te conhecer, ansiosos por se juntar a você. Esse é o mistério da vida.

O espaço então começou a esquentar-se.

- Agora! - concluiu o Universo.

E do vácuo, distante, n'um ponto onde o tempo já não era mais tempo, um fogo cegante explodiu.

E fez-se luz.

SAIBA MAIS

UM MANIFESTO TRANSHUMANISTA

por [Socrates](#)

A inteligência quer ver-se livre, mas ela sempre vê-se acorrentada. Ela é aprisionada e delimitada pela Biologia e sua inevitável finitude.

Os processos biológicos implicam que não somente hajam uma durabilidade limitada do *der*, morte e uma pobre retenção de memórias, mas também uma limitada velocidade de comunicação, transporte, aprendizado, interação e evolução.

Parte I: Biologia e Destino.

A Biologia humana não é a essência de se ser humano.

O ser humano é não mais senão apenas mais um passo evolutivo, e não sua culminação.

A existência precede à essência. O ser humano é um processo, não uma entidade. Um humano não nasce simplesmente um humano, ele se torna um.

O processo de se tornar humano está sempre a acontecer, portanto o significado de ser humano é redefinido em cada um de nós.

Parte II: Haqueando o Destino - O cyborg transhumanista.

Evolução biológica é constante, porém lenta, ineficiente, cega e perigosa.

Evolução tecnológica é rápida, eficiente, está sempre a acelerar-se e é portanto melhor em sua essência. Para assegurar-nos uma melhor chance de sobrevivência, tomar controle de novos destinos e sermos livres, nós temos de domar a evolução.

Evolução é a jornada, não seu destino. N'um universo infinito não é provável que ela jamais alcance um ponto absoluto.

Consciência é uma função da Inteligência, não o cérebro. Ela não é necessariamente ligada ao Substrato (Biologia).

Não há nada inerentemente errado em acelerar nosso processo evolutivo e tornarmos-nos completos mestres de nosso destino, embora essa possa ser a maior promessa, e também o maior erigo que a humanidade virá a enfrentar.

Parte III: Incorpórea Superior Inteligência.

Inteligência é um processo, não uma entidade.

Corpórea Inteligência (humana) é aprisionada pela Biologia e seus inevitáveis e irrefutáveis limitações e finitude.

A Inteligência deve ser livre - para mover-se, interagir e evoluir; desprendida dos limites da biologia e de sua finitude.

Uma inteligência incorpórea, superior e digital é livre (e talvez infinita).

Condições:

Mesmo que todo progresso seja uma mudança, não é toda mudança um progresso. Portanto, certas condições tem de ser cumpridas para assegurar que haja um real progresso e não somente uma mera mudança.

- **Não-discriminação em relação ao Substrato:**

O Substrato é moralmente irrelevante. O fato de que um ser possa estar

implementado com próteses ou tecido biológico, se não ocorrer n'alguma interferência em sua consciência ou funcionalidades biológicas, não é de valor moral n'algum. O chauvinismo carbônico, na forma de antromorfismo, especíesismo, bioísmo e até mesmo humanismo fundamentalista, estão sujeitos ao mesmo tratamento que o racismo.

Nós devemos respeitar a autonomia e os direitos individuais de todos os seres sentientes através de todo o universo, incluindo humanos, animais não-humanos, e qualquer forma de inteligência artificial, seres biológicos modificados e outras inteligências que venham a se desenvolver no futuro.

- **Inteligência emocional:**

Inteligência é mais que o mero exercício de perfeita lógica ou razão pura. Inteligência que desconsidere a inteligência emocional não contém n'algum significado. É preciso que haja empatia, compaixão, amor, senso de humor e criatividade artística tais quais música e poesia.

- **Minimizar o sofrimento:**

Compaixão é a máxima medida da Inteligência. A diminuição do sofrimento e se evitar causá-lo n'outros seres sentientes, mesmo que sejam esses de uma forma de inteligência não tão avançada, é a essência dos seres iluminados de conhecimento.

Conclusão

Transumanistas do mundo! Uni-vos! Temos a imortalidade a conquistar e apenas nossa própria Biologia a perder. Juntos, nós podemos quebrar as correntes que nos prendem às nossas limitações biológicas e transcender a finitude de nossos seres, sexo, idade, etnia, raça, morte e mesmo o tempo e espaço!

Transhumanistas em todo mundo devem apoiar o movimento revolucionário contra a morte e a existente ordem biológica das coisas. Transhumanistas desdenham apenas para esconder sua real visão e seus reais objetivos. Eles abertamente declaram que seus fins podem ser alcançados apenas através da conquista de todos os limites biológicos existentes e, acima de tudo, a morte.

Deixe que a morte trema ao ver-se acuada pela revolução da ciência e tecnologia. Transhumanistas não tem nada a perder senão sua própria Biologia. Nós temos a imortalidade e o universo a conquistar.

Nota do autor

Esse manifesto é um trabalho em andamento. Ele pode, e provavelmente irá, sofrer mudanças no passo em que minhas opiniões e sentimentos sobre o transhumanismo evoluam.

Enquanto isso, sinta-se livre para contribuir com seus pensamentos e sentimentos sobre o assunto... ou apenas criticar impiedosamente o proposto acima.

Traduzido originalmente de "[A Transhumanist Manifesto](#)" para o Português por Lucas Geremias.

"The Transhumanist Reader" por Natasha Vita-More e Max More

"The Transhumanist Reader" representa o primeiro autorial e compreensivo ensaio das origens e corrente situação do pensamento transhumanista em relação ao impacto tecnológico no futuro da Humanidade."

<http://www.singularityweblog.com/natasha-vita-more-the-transhumanist-reader/>
<http://www.youtube.com/watch?v=ETCOJFTW5Ew&feature=youtu.be>

Conheça o "Singularity 1 on 1 Podcast" por Nikola Danaylov

"O 'Singularity 1 on 1 Podcast' reúne na língua inglesa uma série de entrevistas com renomados cientistas, estudiosos, empreendedores, cineastas, filósofos e artistas, que tratam de assuntos como a Singularidade Tecnológica."

<http://www.singularityweblog.com/category/podcasts/>

Wikipedia

<http://en.wikipedia.org/>:

Emerging technologies, Life extension, Biological immortality, Strong AI, Mind uploading, Technological Singularity, Transhumanism.

<http://pt.wikipedia.org/>:

Imortalidade, Inteligência artificial, Singularidade tecnológica, Transumanismo.

Fevereiro 2014

TEUS COMENTÁRIOS SÃO BEM-VINDOS

Ficarei grato em receber seus comentários. Eles contribuirão na evolução deste trabalho. Não hesite em difundir a novela entre teus amigos e conhecidos. Também na internet via redes sociais.

<mailto:books.msantini@gmail.com>

<http://www.singularityweblog.com/marco-santini-on-singularity-1-on-1/>

<http://www.smashwords.com/profile/view/AlphaCentauriProject>

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado da contribuição de várias pessoas, que através de diferentes tempos e diferentes línguas contribuíram com seu comprometimento e entusiasmo para a realização deste projeto:

Diego Dalla Palma
Francesco Zanellato
Isabel Mendonça Alves
Jane Burrett
José Luiz Condeiro
Lilia Moralez y Mori
Lucas Geremias
Marie Michèle Hanine
Marta Rossi
Nikola Danaylov
Vanderlei Martinianos

À respeito do autor:



Marco Santini se graduou em engenharia e se especializou em Administração de Empresas.

Sua experiência profissional compreende desde pesquisa à direção geral de companhias estatais e multinacionais. Profundamente interessado nas tendências e evolução tecnológicas, escreveu o "Projeto Alpha Centauri", um romance que representa um futuro próximo dramaticamente transformado pela tecnologia. O download da cópia eletrônica de seu trabalho se encontra disponível nas línguas inglesa, francesa, espanhola, portuguesa e italiana, para que o compartilhamento de sua obra possa atingir um maior número de leitores, ajudando assim à contribuição na discussão de tão grandes e importantes temas.

Este livro é dedicado à minha Mãe

Lucas Geremias



Escritor desde sua adolescência, Lucas nasceu no Brasil, no ano de 1993.

Dedicado à linguagens, arte e filosofia e autodidata em inglês, sueco e alemão, Lucas tem paixão e curiosidade inatas por aprender e espalhar conhecimento. Autor de "O Mundo das Ideias", romance publicado em 2010 no Brasil, reside atualmente na Suécia junto de sua esposa Emelie, onde trabalha em seu novo livro 'The Lights of the North', primeiro em língua inglesa.

Lilia Morales y Mori



"Através de minha obra como escritora, desenhista de arte fractal e inventora de jogos e modelos matemáticos, quis manifestar algumas das inquietudes que me tem motivado ao longo da vida: A ciência em geral e as tecnologias futuristas que mudaram nossa própria concepção de mundo."

Vanderlei Martinianos



Analista de Sistemas por formação, Vanderlei, ou Martinianos como é conhecido, é consultor sênior independente em tecnologia, gerindo projetos internacionais para grandes e médias organizações como Vale do Rio Doce, Petrobras, IBM e outras.

Apaixonado pela tecnologia, pela educação e pela questão empreendedora, ele incansavelmente procura se reinventar aprimorando-se em escolas como FGV, PUC, Ibmec e universidades no exterior como Florida Technical College, Fordham University em Nova Iorque e Université de Poitiers na França. Fluente em Inglês, Francês e Espanhol. Além de possuir um networking internacional de primeira categoria, é também o líder fundador da organização americana Humanity+ no Brasil, onde fomenta a discussão transhumanista entre filósofos, cientistas, empreendedores e interessados pelo tema em geral.

Atualmente se especializa em pesquisa sobre o futuro da educação tecnológica no contexto da Lei dos Retornos Acelerados de Ray Kurzweil. Almeja uma verdadeira revolução nos métodos educacionais atuais que, segundo ele, são incompatíveis com o futuro de aceleração tecnológica que nos espera.

Nikola Danaylov



Filósofo, info-empresendedor, blogger e popular podcast host, Nikola nasceu na Bulgária.

No ano de 1998, Nikola mudou-se para o Canadá, onde completou um MBA em Ciências Políticas, Filosofia e Economia na Universidade de Toronto, seguido de um MA em Ciências Políticas na Universidade de Nova Iorque.

Foi na YorkU que Nikola se interessou profundamente pela Singularidade Tecnológica e escreveu "Hacking Destiny: Critical Security at the Intersection of Human and Machine Intelligence."

Durante o Verão de 2011, Nikola graduou-se na Singularity University e retornou à Toronto, Canadá, sua casa, onde ele vive com sua amada esposa Julie.

Dentro dos últimos quatro anos, Nikola editou e publicou mais de 600 artigos e conduziu mais de 130 entrevistas com experts conhecidos e renomados mundialmente. Ele palestrou em eventos sobre assuntos que abrangem tecnologia, transhumanismo e singularidade tecnológica para a nova mídia, blogs e podcasts. Nikola teve seu perfil adicionado à Revista Next Rising Stars Magazine e foi também entrevistado por inúmeros documentários, blogs, podcasts, revistas e jornais. Suas próprias entrevistas em seu podcast Singularity 1 on 1 já foram apresentadas em redes de televisão internacionais e em alguns dos maiores e mais conhecidos blogs do mundo, tais como io9, ZDNet, BoingBoing, dentre outros.

Hoje, o Singularity Weblog é o maior blog independente à tratar dos assuntos relacionados à Singularidade. O podcast Singularity 1 on 1 é a mais popular e renomada série de entrevistas do nicho e, de acordo com o Prof. Roman Yampolskiy, Nikola entabuiu-se na cena como o "Larry King da Singularidade".

Autor Marco Santini